

CONVERSANDO COM A CIDADE



**CARTOGRAFIAS NA
COMUNIDADE DO
MORRO DO CARAPINA,
GOVERNADOR
VALADARES – MG:
TERRITÓRIOS VIVIDOS E
TERRITÓRIOS EDUCATIVOS**

Organizadoras:

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Karla Nascimento de Almeida

Andrea Cecília Moreno

Eloisa Almeida

CONVERSANDO COM A CIDADE

**CARTOGRAFIAS NA COMUNIDADE DO MORRO DO
CARAPINA, GOVERNADOR VALADARES – MG:**

TERRITÓRIOS VIVIDOS E TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Fundação Percival Farquhar (FPF)

Rômulo César Leite Coelho (Presidente)

Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

Lissandra Lopes Coelho Rocha (Reitora)

Adriana de Oliveira Leite Coelho (Pró-Reitora)

UNIVALE Editora

Deborah Luísa Vieira dos Santos (Editora-chefe)

Gabriel da Cruz Ventura (Auxiliar Administrativo)

Isis Carolina Garcia Bispo (Bibliotecária Sibi/UNIVALE)

Natália Lima Amaral (Redatora/Departamento de Comunicação)

Emerson Eller (Diretor de Arte)

Nicole Coimbra (Diagramadora Estagiária)

Conselho Editorial

Cristiane Mendes Netto (UNIVALE)

Deborah Luisa Vieira dos Santos (UNIVALE)

Elaine Toledo Pitanga Fernandes (UNIVALE)

Eunice Sueli Nodari (UFSC)

Francisco Antônio Rodrigues Barbosa (UFMG)

Guilherme Dutra Marinho Cabral (UNIVALE)

Isis Carolina Garcia Bispo (UNIVALE)

Luiz Miguel Oosterbeek (IPT, Portugal)

Maria Lucinda Cruz dos Santos Fonseca (ULisboa, Portugal)

Sueli Siqueira (UNIVALE)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

UNIVALE EDITORA

Campus Antônio Rodrigues Coelho
R. Israel Pinheiro, 2000 – Universitário
35020-220 Governador Valadares (MG)
(33) 3279-5974
editora.univale.br
editora@univale.br

CONVERSANDO COM A CIDADE

**CARTOGRAFIAS NA COMUNIDADE DO MORRO DO
CARAPINA, GOVERNADOR VALADARES – MG:**

TERRITÓRIOS VIVIDOS E TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Organizadoras:

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Karla Nascimento de Almeida

Andrea Cecília Moreno

Eloisa Maria Ferreira de Almeida

© UNIVALE Editora, 2024

As normas da ABNT e padrão ortográfico são de responsabilidade dos autores.

Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

PROJETO GRÁFICO

Emerson Eller

EDITORAÇÃO

Ana Luiza Martins Pinto (Bolsista FAPEMIG)

REVISÃO TEXTUAL

Elizabete Lopes Latorre

CONTATO

Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em

Gestão Integrada do Território (PPG-GIT)

territorio@univale.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) Ficha Catalográfica – Sistema de Bibliotecas (Sibi/UNIVALE)

C328

Conversando com a cidade: cartografias na comunidade do Morro do Carapina, Governador Valadares – MG: Territórios vividos e territórios educativos / Maria Celeste Reis Fernandes de Souza *et al.* (org.). – Governador Valadares : UNIVALE Editora, 2023.

228 p. il. color.

ISBN: 978-65-87227-47-4

1. Cartografia - território educativo - Governador Valadares (MG). 2. Meio ambiente. 3. Tecnologias digitais. 4. Saúde. I. Souza, Maria Celeste Reis Fernandes de. II. Almeida, Karla Nascimento de. III. Moreno, Andrea Cecilia. IV. Almeida, Eloísa Maria Ferreira de. V. Título.

CDD: 526.0285

AS ESSÊNCIAS DO CARAPINA

*Carapina, bairro que nasci e cresci.
Lugar de sonhadores e trabalhadores.
Local de boas amizades e felicidades.
Onde a molecada, brinca, grita e ri.*

*Do alto do morro onde se pode ver
As maravilhas de GV.
Na laje, a pipa não pode faltar,
Com churrasco do lado, as memórias
Não irão acabar.*

*As gírias e falas típicas
São essência deste lugar
Quem conhece o Carapina vai se encantar.
Quem já conhece só tem história para contar.*

Autoria

Produção coletiva dos/as estudantes do 8º ano regular

Orientação

Vanussa de Oliveira Lima, professora de Língua Portuguesa

Escola Estadual Carlos Luz, julho de 2023.

DIÁLOGOS COM O PROJETO GRÁFICO

O projeto gráfico editorial de “Conversando com a Cidade” surge a partir de uma exploração na dimensão visual das cartografias. A capa apresenta um mapa parcial da Comunidade do Morro do Carapina utilizando fotografias que simulam os quarteirões e as ruas da localidade. Essa abordagem criativa busca sugerir a leitores/as uma experiência de imersão no tecido urbano da comunidade, estabelecendo um diálogo entre o território, seus habitantes e seus costumes – alinhando-se ao conteúdo dos textos trabalhados nesta obra.

O título do livro atravessa as ruas no mapa, como se estivesse ingressando na comunidade, ao mesmo tempo que se integra organicamente à própria representação cartográfica. Os grafismos buscam estabelecer uma ligação entre a manualidade e a natureza artística de certas atividades apresentadas neste trabalho; o traço sinuoso sugere o relevo, as montanhas e o caminhar pelas ruas.

Entre as características dessa comunidade, nota-se a relação com a paisagem natural e a visão panorâmica da cidade. Devido à elevação do morro, percebe-se que grande parte do horizonte é ocupado pelo céu, quase sempre azul em Governador Valadares – as fotografias corroboram essa observação. É por essa razão que a cor azul também ganha evidência neste projeto, desde a coloração das fotografias da capa até sua presença nas aberturas dos capítulos e em outros elementos gráficos.

Explorando as páginas deste livro, nos deparamos com um design que combina elementos visuais e textuais dispostos de forma a proporcionar uma experiência agradável, em sintonia com o objetivo de tornar a ciência mais acessível ao público em geral. A escolha das fontes, diagramação, ilustrações e disposição das fotografias corroboram essa intenção de conduzir o/a leitor/a em uma caminhada única, representando – por meio de um objeto editorial – o resultado de múltiplos olhares que narram as perspectivas acerca desse território.

Emerson Eller

*Professor adjunto no curso de Design da
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	14
2	CARTOGRAFIAS EM PROCESSO	20
3	O MORRO DO CARAPINA - REGISTROS OFICIAIS E HISTÓRIAS CONTADAS SOBRE OCUPAÇÃO E INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS URBANOS.....	32
4	MÚSICA, GRAFFITI E TRANÇAS AFRO: DIVERSIDADE DAS EXPRESSÕES CULTURAIS E VIVÊNCIAS DE ARTE PELOS/AS JOVENS NA COMUNIDADE MORRO DO CARAPINA.....	56
5	O AMBIENTE NA PERSPECTIVA DOS/DAS ESTUDANTES DA E. E. CARLOS LUZ: “ESTE SIM É O LUGAR ONDE EU VIVO!” ..	78
6	TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: USOS E ACESSOS DOS/DAS ESTUDANTES DA ESCOLA ESTADUAL CARLOS LUZ.....	96
7	TERRITÓRIOS VIVIDOS PELOS/AS ESTUDANTES NA ESCOLA ESTADUAL CARLOS LUZ	122
8	MEMÓRIAS DAS INFÂNCIAS EM UMA CRECHE NO BAIRRO CARAPINA: A (RE)CONSTITUIÇÃO DO PASSADO E DO PRESENTE	142
9	DIALOGANDO SOBRE SAÚDE E CONDIÇÕES DE VIDA COM JOVENS ESTUDANTES DA COMUNIDADE MORRO DO CARAPINA	160
10	OLHARES SOBRE A ACESSIBILIDADE NO MORRO DO CARAPINA	170
11	ESCOLA ESTADUAL CARLOS LUZ, A NOSSA ESCOLA.....	180
12	MOSTRA DE FOTOGRAFIAS.....	196
13	APÊNDICE	211
	SOBRE OS/AS AUTORES/AS.....	220
	AGRADECIMENTOS.....	229



Ilustração: Maria Fernanda Pedrete Teixeira



*“A Cidade somos nós
e nós somos a Cidade.”*

(Paulo Freire)¹

¹ FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2007.

Maria Koubada P.T.

Apresentação

Parte um

1



Ilustração: Ana Luiza Martins Pinto (Bolsista FAPEMIG)

1 APRESENTAÇÃO

“Há duas maneiras de se alcançar Despina: de navio ou de camelo. A cidade se apresenta de forma diferente para quem chega por terra ou por mar.”

Ítalo Calvino²

Caro/a leitor/a,

As escritas que apresentamos a você, neste e-book, foram tecidas em um movimento de pesquisa³ que se propôs a cartografar territórios educativos na comunidade do Morro do Carapina, em Governador Valadares, Minas Gerais. Iniciamos nosso relato com a epígrafe acima, de Ítalo Calvino, no livro “As cidades invisíveis”, como um mote provocador de reflexões sobre as diferentes maneiras de se alcançar uma cidade (um bairro, uma rua, uma praça...) que se apresenta sempre de forma diferente para quem nela chega, por ela passa, e para quem nela vive. Portanto, nossa atividade de pesquisa e os resultados socializados, neste e-book, são fruto de olhares viajantes atentos e de diferentes movimentos que relatamos nesta apresentação.

Um primeiro movimento é o engajamento com a temática. Como pesquisadores/as do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos (NIEDS), laboratório do Mestrado em Gestão Integrada do Território, da Universidade Vale do Rio Doce (GIT/UNIVALE), e defensores/as da educação como um direito, nos interessamos, no campo da pesquisa e das práticas educativas, pela promoção de um maior diálogo entre a escola e o seu entorno.

Esse interesse se alia a um debate posto no campo da educação

² CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Processo número 90750218.9.0000.5157.

brasileira que remonta as contribuições de Anísio Teixeira, Paulo Freire, dentre outros, e que se encontra de modo mais disseminado no cenário nacional a partir

do Programa Mais Educação (PME), editado pelo Ministério da Educação, em 2007, fomentador de políticas de ampliação da jornada escolar⁴. Podem-se conferir, desde então, discussões sobre “território educativo”, “direito à cidade”, “cidade educadora”, “bairro-escola”, “aprender na cidade”, “escola e cidade”, “rompimento dos muros da escola” etc., impulsionadoras do reconhecimento da necessidade de um versar com a cidade, pela via da educação e do direito.

Um segundo movimento é o reconhecimento do vivido no bairro, tanto por quem nele mora como por quem, mesmo não sendo morador, estabelece com ele relações de proximidade, e da importância de se considerar, nos processos educativos (no campo da pesquisa e da prática pedagógica), os pertencimentos e as relações que estudantes constroem com e nos bairros. Este e-book relata o nosso esforço nesse sentido.

Um terceiro movimento é a compreensão de que o Morro do Carapina é parte da cidade de Governador Valadares. Em nosso exercício, como equipe de pesquisa, buscamos refletir sobre territórios educativos e territórios vividos, tomando como referência a formação histórica desse território e as diferentes perspectivas pelas quais se produzem narrativas no e sobre o Carapina. Nós optamos por construir com os/as estudantes “entradas no Carapina” que contemplam: arte e cultura; acessibilidade; acesso à comunicação e tecnologias; equipamentos urbanos; história; escolas e outras instâncias educativas; meio ambiente; saúde.

O Carapina é aqui narrado, tomando como referência essas perspectivas e uma multiplicidade de olhares: de estudantes da Escola Estadual Carlos Luz, de profissionais da escola que se engajaram nesta proposta, de pesquisadores/as com

⁴ Sugerimos conferir: MOLL, Jaqueline. *et al.* **Caminhos da educação integral no Brasil:** direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012

distintas áreas de formação, dos diálogos estabelecidos em nossas andanças pelo morro.

Esperamos que as escritas tecidas, neste e-book, sejam provocadoras de outras perspectivas e de outros olhares pelas maneiras como você, leitor/a, “*entra na Comunidade do Morro do Carapina*” – pelas suas memórias e por tantas outras histórias que esperam ser contadas.

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães



Cartografias em processo

Parte dois

2



Franthescka

Ilustração: Franthescka Canuto Neves

2 CARTOGRAFIAS EM PROCESSO

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Karla Nascimento Almeida

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães

“O camaleiro que vê despontar no horizonte do planalto os pináculos dos arranha-céus, as antenas de radar, os sobressaltos das birutas brancas e vermelhas, a fumaça das chaminés, imagina um navio: sabe que é uma cidade, mas a imagina como uma embarcação...”

“Na neblina costeira, o marinheiro distingue a forma da corcunda de um camelo, de uma sela bordada de franjas refulgentes entre duas corcundas malhadas que avançam balançando; sabe que é uma cidade, mas a imagina como um camelo.”

Ítalo Calvino

Para iniciar o nosso relato sobre as cartografias que serão apresentadas neste fascículo, recorreremos novamente a Ítalo Calvino, na descrição feita por ele de uma das cidades invisíveis – Despina – e nela pode-se chegar por terra (o camaleiro) ou, por mar (o marinheiro). Cada um percebe a cidade a partir da sua jornada (mar ou deserto) e do que deseja encontrar na chegada. Assim também pensamos nossas entradas. Há sempre diferentes pontos de vista em nossas aproximações com a cidade e com o bairro, neste caso, a comunidade do Morro do Carapina. Por isso intitulamos esta seção, na qual relatamos o exercício cartográfico em que nos envolvemos – estudantes e pesquisadores/as, com o apoio de profissionais da escola – de *cartografias em processo*.

Esse processo foi iniciado com a escolha da Escola Estadual Carlos Luz, a única escola pública do Carapina que atende a estudantes do ensino fundamental ao ensino médio. Portanto, nossa escolha justifica-se por ser a escola um importante equipamento

urbano nesse território e também, como constatamos no campo de pesquisa, carrega um simbolismo e um sentido para a comunidade escolar e a comunidade do Morro do Carapina.

Intencionalmente, escolhemos os/as estudantes do 9º ano do ensino fundamental. Interessava-nos empreender o exercício de cartografia com estudantes com maior tempo na escola e com jovens que têm sido um dos grupos etários vulneráveis à violência na cidade de Governador Valadares⁵. Como começamos nossas atividades em agosto de 2022, acompanhamos esse grupo de estudantes no 1º ano do ensino médio, no primeiro trimestre do ano de 2023.

Tomando como referência as contribuições da Sociologia da Juventude, reconhecemos a importância do protagonismo desses jovens, o estímulo a ser feito para o envolvimento desse grupo na produção científica, suas trajetórias e seus pertencimentos territoriais. O processo desencadeado junto aos estudantes foi pautado no diálogo, na busca pela construção coletiva, por negociações e pela escuta atenta das suas contribuições para as nossas aproximações com a Comunidade do Morro do Carapina.

Foi essa escuta que nos fez optar por registrar como título deste e-book “Comunidade do Morro do Carapina”. Em nossas andanças pelo morro e pela escola, quando pronunciávamos “Morro do Carapina”, a frase era reorganizada por interlocutores – estudantes, profissionais da escola que ali residem ou moradores com os quais travávamos conversas nessas andanças – para “Comunidade do Morro do Carapina”. Entendemos que esse modo de identificação torna explícito o significado da palavra “comunidade”

⁵ Desde 2009, a cidade figura nacionalmente em altos índices de violência incidindo sobre jovens. Embora, esse número tenha decrescido nos últimos anos, é um problema a ser enfrentado. Sugerimos conferir os estudos disponíveis nas referências bibliográficas: Relatório de Pesquisa elaborado pelo Núcleo de Estudos em Segurança Pública (2016); Simão; Amorim e Guedes (2016); e o Atlas da Violência por municípios brasileiros (IPEA, 2019).

que carrega associações, sentimentos, preocupações, valorizações, conhecimentos e culturas advindos das experiências individuais e coletivas de quem ali vive.

Do ponto de vista metodológico, inspiramo-nos na cartografia social que consiste em um conjunto de práticas participativas (trocas de experiências, relatos, entrevistas, etc.) que podem mapear: práticas locais, hábitos, pessoas/personagens, espaços de sociabilidade, eventos, estratégias de resiliência, saberes locais, espaços simbólicos que valorizam a memória e a identidade do território; da mesma forma, é possível também mapear ausências, conflitos e anseios (ACSELRAD, 2013; ALMEIDA; JUNIOR, 2013; GOMES, 2017).

Outra inspiração vem da metodologia do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) utilizado para diagnósticos locais, especialmente em comunidades rurais (VERDEJO, 2010), e mais recentemente também adaptado para pesquisas na área da educação (FREITAS *et al.*, 2012; ANTUNES *et al.*, 2018). Essa metodologia valoriza a participação, o conhecimento popular e a construção do conhecimento compartilhado. O DRP sugere a técnica da “caminhada transversal” com vistas a potencializar a participação e construção de conhecimento geral sobre a área em estudo, com o objetivo de explorar características locais.

Realizamos, assim, caminhadas com estudantes no Carapina, cujos percursos eram previamente discutidos com o grupo. Entretanto, no processo de andanças, os trajetos eram modificados por eles. Em nossa percepção como equipe de pesquisa comparecem cerceamentos no ir e vir em função da vulnerabilidade e violência⁷ em Governador Valadares, como mostram estudos que têm como foco a vulnerabilidade juvenil na cidade. A escolha por essas caminhadas vem da compreensão da equipe de pesquisa da

necessidade de captar o visível e o que “escapava aos olhos”. Essa opção propicia a socialização das impressões e percepções dos trajetos, troca de ideias, elaboração e reelaboração de percursos e mapas, numa perspectiva interdisciplinar (ANTUNES *et al.*, 2018).

A diversidade da área de formação dos/as pesquisadores/as e a escuta dos/as estudantes possibilitaram a elaboração de um guia, socializado ao final deste e-book, contemplando as diferentes maneiras e possibilidades de “entrada” em um bairro. Esse material nos forneceu pistas para nossas conversas com estudantes nas oficinas que realizamos na escola, nas caminhadas, nas rodas de conversa com todo o grupo, nos encontros com grupos menores de estudantes, nas prosas com pessoas da comunidade, com profissionais da escola, e em outras atividades nas quais buscávamos aprofundar aspectos ou explorar outros que surgiam. Essa diversidade da área de formação propiciou o exercício interdisciplinar e cada “entrada”, relatada nos próximos capítulos, também mostrará a diversidade teórica e de opções metodológicas.

A Figura 1, a seguir, registra uma das primeiras oficinas que realizamos, quando discutimos as diferenças entre mapa e cartografia e convidamos o grupo de estudantes ao engajamento nas atividades como cartógrafos/as.

O processo de pesquisa se configurou em experimentações, desafios, escolha de opções que discutíamos entre nós e com o grupo de estudantes, recuos, incertezas quanto aos rumos tomados, necessidade de reordenação e redesenho do proposto. Mantivemos firme a convicção da centralidade conferida ao protagonismo dos/as estudantes, o que nos levou a refletir sobre outro desafio após as escritas dos relatos que produzimos neste e-book sobre a Comunidade do Morro do Carapina. Fomos provocadas/os, por indagações dos próprios cartógrafos/as, sobre “que histórias contaríamos neste e-book”.

Figura 1 – Oficina de cartografia com estudantes

Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2022).

Como fruto dos diálogos com os/as jovens cartógrafos/as, optamos por um segundo movimento de pesquisa e convidamos o grupo para a leitura e discussão dos textos produzidos. Convictas/os de que as narrativas são históricas e carregam as marcas das nossas opções políticas e dos nossos engajamentos, refletimos que essa comunidade tem “história a ser contada, quem pode contar, quem quer contar” (VILARINO; SILVA, 2021). Nós nos aventuramos à produção de narrativas com os/as cartógrafos/as.

Durante os movimentos da pesquisa, identificamos três estudantes que demonstravam prazer e talento na criação de desenhos, tanto nas aulas de arte na escola, como em momentos livres, em casa, como nos contaram. Foi assim que surgiu o convite para que ilustrassem este e-book. Os desenhos foram elaborados em uma oficina de criação artística no Laboratório de Comunicação da Univale, ministrada pelo professor do curso de Design Gráfico, Emerson Eller, com participação de duas pesquisadoras e da professora de Arte da escola, Fabiana Cunha, retomando com os estudantes as pistas seguidas durante as caminhadas. Os resultados

dessa experiência artística podem ser conferidos na abertura de alguns capítulos, expressando o olhar sensível e criativo dos ilustradores⁶.

Apresentamos, aqui, uma síntese das nossas discussões do material empírico dessa pesquisa e acreditamos que o produzido diz respeito a territórios vividos, nos quais podem-se identificar territórios potencialmente educativos. Como resultado da cartografia social temos o material conhecido como fascículo, que é este e-book que você está lendo. Nele estão reunidos mapas, textos e outras formas de expressão de estudantes, equipe da escola e pesquisadores/as referentes ao território cartografado.

O propósito do fascículo é ser distribuído na comunidade escolar, mas também para além dela, no bairro, na cidade e em outros territórios, buscando a multiplicação de sentidos. À medida que se lê, discute-se, reflete-se sobre o lido, provoca-se, também, o estabelecimento de relações, e, esperamos desencadear ações com vistas à garantia de direitos. Para nós, a cartografia é potencializadora da construção de elos entre a escola e o bairro, a escola e a cidade em um movimento dialógico.

⁶Foram incorporados desenhos da estudante do curso de graduação (Design Gráfico/Univale), Ana Luiza Martins Pinto, que se sentiu provocada a produzi-los a partir de sua entrada no território como bolsista no projeto (Bolsa de Desenvolvimento em Ciência Tecnologia e Inovação Fapemig).

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (Org.). **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ. 2013.

ALMEIDA; Alfredo Wagner Berno de; FARIAS Emmanuel de Almeida Farias Júnior. **Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social**. Manaus: UEA Edições, 2013.

ANTUNES, Jeferson *et al.* Diagnóstico rápido participativo como método de pesquisa em educação. **Avaliação**: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 23, n. 3, p. 590-610, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772018000300002>. Acesso em: 17 mai. 2023.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUTRA, Ítalo Modesto *et al.* (orgs.). **Trajetórias criativas**: jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental: uma proposta metodológica que promove autoria, criação, protagonismo e autonomia: caderno 1: proposta. Brasília: Ministério da Educação, 2014.

FREITAS, Alan Ferreira de; FREITAS, Alair Ferreira de; DIAS, Marcelo Miná. O uso do diagnóstico rápido participativo (DRP) como metodologia de projetos de extensão universitária. **Revista Em Extensão**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20780>. Acesso em: 17 mai. 2023.

GOMES, Marquiana de F. Villas. Boas. Cartografia social e Geografia escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 97-110, jan./jun., 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Atlas da violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/8021-atlasdaviolencia2019municipios.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2023.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA (NESP) / FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP); CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA (CRISP/UFMG) / UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG); INSTITUTO SOU DA PAZ. **Relatório de pesquisa: Pensando a segurança pública: homicídios no Brasil, 2016**. Belo Horizonte: 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=56306&codUsuario=0>. Acesso em: 24 mai. 2023.

SIMÃO, Andréa Branco; AMORIM, Marina Alves; GUEDES, Gilvan Ramalho. Distribuição espacial e percepção sobre violência em Governador Valadares: (re)pensando aspectos da vulnerabilidade social. **Climacom Cultura Científica - Pesquisa, Jornalismo e arte**, ano 3, n. 5, p. 27-39, abr. 2016. Disponível em: https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/dossie_climacom_vulnerabilidade.pdf. Acesso em: 4 abr. 2023.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático DRP. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas.; SILVA, Lucinei Pereira da. **Beabá Audiovisual**: Histórias de GV e do Carapina - encontros, tempos e lugares. Governador Valadares: Núcleo Cidade Futuro, 21/10/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CCoi2jmi1E&t=3403s>. Acesso em: 17 mai. 2023.

JOVENS CARTÓGRAFOS/AS

Ana Caroline Maria de Oliveira dos Santos⁷

Aline Vitória Gomes de Aguiar

Arthur Moreira Mesquita

Brenda Moreira Felix

Cauan Pablo Pereira Bispo

Daniel Bonifácio de Carvalho Gonçalves

Daniel Camilo Fideles de Andrade

Deivid Riquelme

Edimara Santos da Silva

Emily Ivy Nascimento Silva

Esdras Marques de Nascimento

Esmeraldina Quintina dos Santos

Evellyn Oliveira da Silva

Eyshilla Thaina de Oliveira Souza

Franthescka Canuto Neves

Gabriel Henrique Alves de Souza

Igor Júnior Alves Siqueira

Isabelly Moura da Silva

João Adriel Cardoso Silva Costa

Kamilly Vitória Batista Machado Galdiano

Kauã Enrique Conceição de Sousa

Kemilly Caroline Gomes da Silva

Ketlhen Caroline Gomes da Silva

Keven Willian Leandro da Silva

Maria Fernanda Pedrete Teixeira

Maycon Walter Almeida Jardim de Oliveira

Mayke Lyan Silva Krull

Thiago Moreira

Valdir Vitor Martins dos Santos

Wemerson Júnior

⁷ Este e-book destina-se à popularização da ciência, e os nomes dos/as estudantes serão mantidos, considerando a participação desse grupo na produção do material, conforme aprovado em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O Morro do Carapina:

Registros oficiais e histórias contadas sobre ocupação e instalação de equipamentos urbanos

Parte três

3

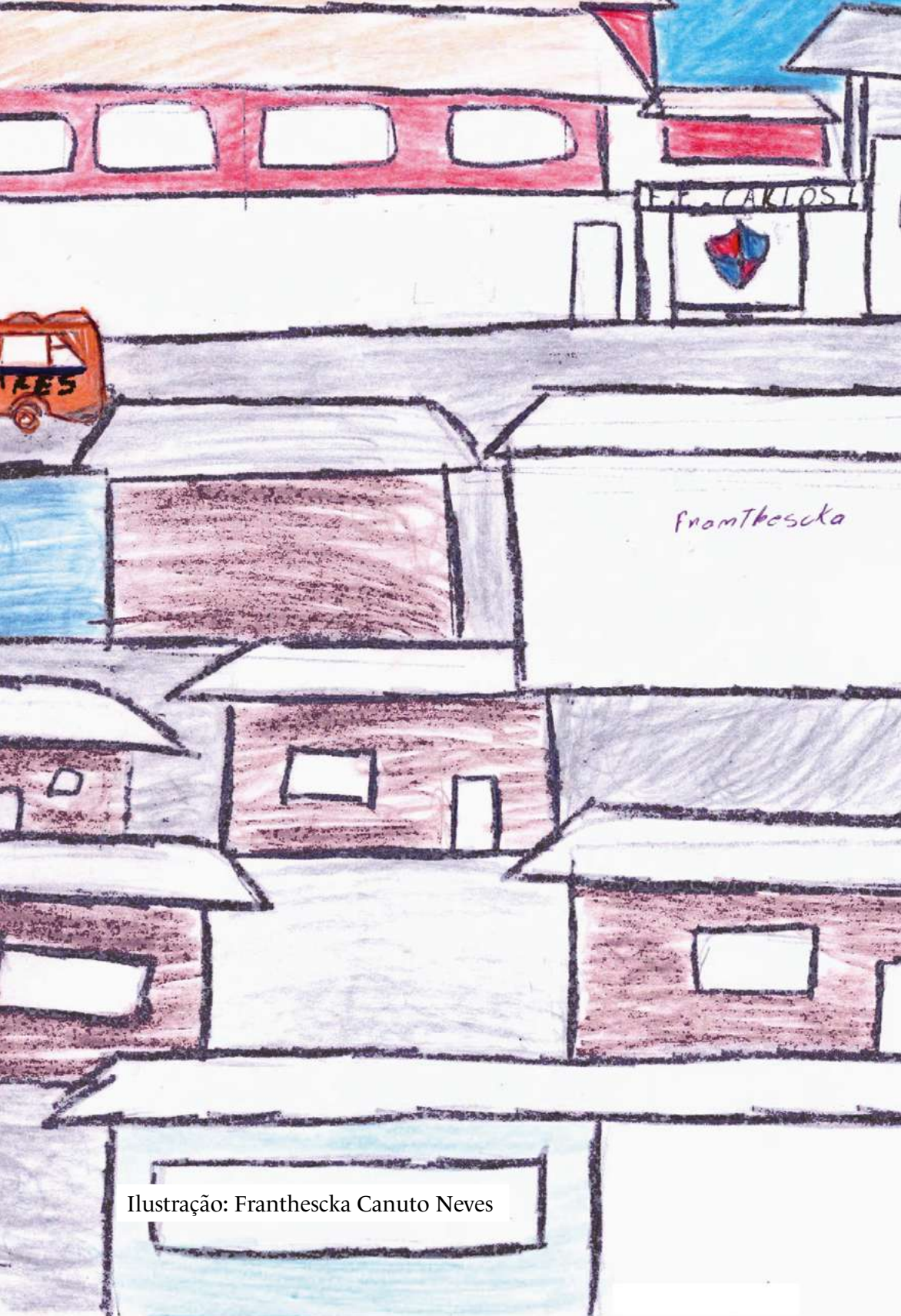


Ilustração: Franthescka Canuto Neves

3 O MORRO DO CARAPINA - REGISTROS OFICIAIS E HISTÓRIAS CONTADAS SOBRE OCUPAÇÃO E INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS URBANOS

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães

Figura 1 - Área central de Governador Valadares (1950)



Vista parcial da área central de Governador Valadares, em destaque a Praça Serra Lima e o Morro do Carapina ao fundo (1950). Fonte: Acervo do NEHT-Univale.

ABERTURA DE CONVERSA

Um bairro, segundo Bezerra (2011), não pode ser entendido somente como uma “área demarcada, de ordem administrativa”. O bairro se constitui como “espaço de multiplicidade social numa cidade” (BEZERRA, 2011, p. 27). Ou seja, aí se cruzam a “experiência espacial do habitar”, a vivência cotidiana, os diferentes modos de ser e viver, e as muitas relações que os moradores estabelecem entre si e com não moradores (BEZERRA, 2011, p.30). Tudo isso leva as pessoas que ali coabitam a desenvolverem uma identificação com aquele lugar, em uma experiência de pertencimento.

Assim pensando, a proposta de escrevermos sobre o Morro do Carapina é um desafio complexo. Sobre ele e a sua comunidade encontramos registros variados e contraditórios. Alguns registros elogiam a solidariedade de vizinhança, presente entre os moradores, desde os primeiros tempos da ocupação daquele território; outros registros apresentam as tensões e conflitos próprios de uma região, considerada pelos órgãos oficiais como de vulnerabilidade geográfica e social (PMGV, 2015). É entre estes dois marcos, o da solidariedade e da vulnerabilidade, entrelaçados com as mais diversas precariedades, que nos situamos nesta escrita.

Os estudantes que participaram da conversa sobre a história de ocupação e instalação de equipamentos urbanos relataram que conhecem poucas histórias sobre a comunidade, guardadas pela memória de seus parentes mais velhos, principalmente as mães e avós⁸. Uma história corrente, embora não tenhamos encontrado referência sobre isso, seria a existência de um cemitério onde hoje se localiza a Escola Carlos Luz. Ao mostrarmos uma lamparina, durante a atividade realizada, alguns disseram que na casa dos avós havia esse tipo de luzeiro. Sinal de tempos sem energia elétrica na comunidade, como veremos adiante.

Os estudantes também sabem, pelas avós, da existência de um cruzeiro no alto do morro. Essa informação é verdadeira e esse cruzeiro ficava onde hoje é a caixa d'água, cujo endereço mantém o nome de Beco do Cruzeiro, que também é conhecido pelos moradores como Beco da Caixa d'Água. Moradores mais antigos relatam que em época de seca algumas pessoas faziam orações ao pé desse cruzeiro pedindo a Deus que a chuva viesse (GENOVEZ; MACHADO; SANTOS, 2007). Mais recentemente, de acordo com os/as estudantes, era um local de festas, especialmente para crianças, com brincadeiras e guloseimas.

Realizadas, por iniciativa particular de

⁸ Destacamos a importância do registro das memórias de moradores, pois elas podem, no futuro, contribuir para a escrita da história local.

alguns moradores, essas festas não acontecem mais, por vários motivos, entre os quais, a mudança dos seus promotores e o aumento da violência.

Para esta escrita buscamos as informações por meio de pesquisa em documentos oficiais e registros existentes sobre o bairro. Também utilizamos como referência o Guia Cultural⁹ de Governador Valadares, entrevistas realizadas com moradores¹⁰, e relatos e impressões de estudantes do 9º ano da Escola Carlos Luz, nos encontros realizados por esse projeto, no segundo semestre de 2022.

⁹ O Guia Cultural de Governador Valadares, organizado pela pesquisadora Cecília Libânio, diretora da ONG “Favela é isso aí” (de Belo Horizonte/MG), e publicado por volta de 2014, segundo alguns participantes da pesquisa, apresenta um histórico do bairro a partir de levantamento feito em colaboração com a Associação Cidade Futuro. Os dados foram coletados entre 2009/2010. Conforme o site original, a ONG – Organização Não Governamental – “Favela é Isso Aí” é uma associação que surgiu como fruto do Guia Cultural de Vilas e Favelas, idealizado pela antropóloga Clarice Libânio e publicado em agosto de 2004. Disponível em: <https://www.favelaeissoai.com.br/comunidades/santa-helena-governador-valadares/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

¹⁰ Entrevistas realizadas em diferentes épocas, desde o ano de 2009 até os dias atuais, pela Associação (Núcleo) Cidade Futuro/GV. Entrevistas disponíveis em: <https://www.youtube.com/@cidadefuturo8382>. Também acessamos entrevistas realizadas em 2007, por egressos do então existente curso de História na UNIVALE (Jardel Ricardo Machado e Marisa Augusta Santos) para o projeto “Onde mora a História? O processo de territorialização nos bairros de Governador Valadares e região”, orientado pela professora Dr^a Patrícia Falco Genovez. Acervo do Núcleo de Estudos Históricos e Territoriais - NEHT/Univale.

As questões que procurarmos identificar nesse levantamento histórico sobre o Morro do Carapina referem-se a alguns equipamentos urbanos básicos, como abertura de ruas, saneamento, fornecimento de água e energia elétrica. A instalação de outros equipamentos também importantes, como escolas, creches, igrejas, comércio em geral, postos de saúde, posto policial, ponto de cultura, associação de moradores, têm perspectivas e histórias próprias; por isso não serão contemplados aqui, pois merecem maior aprofundamento.

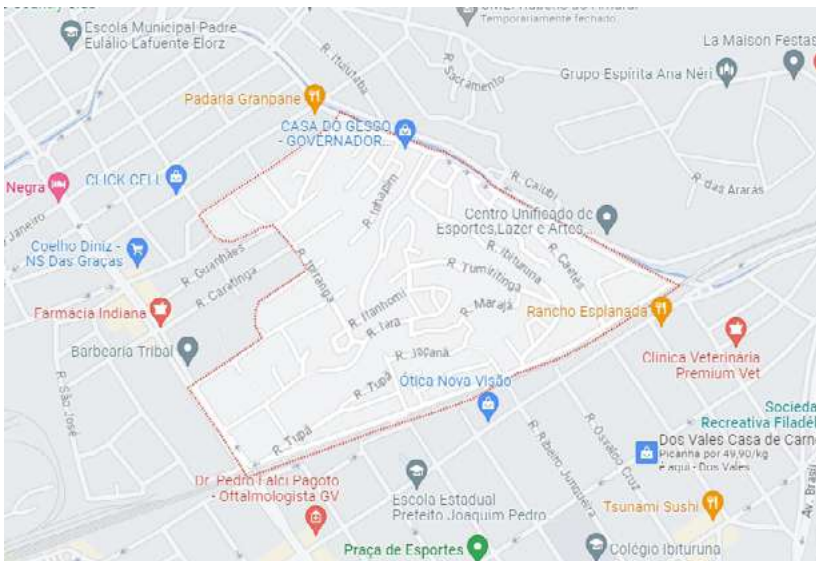
Esclarecemos, ainda, que não trataremos aqui de aspectos culturais e da sociabilidade, ou da vivência da comunidade, pois eles precisariam de maior dedicação de tempo e espaço de pesquisa, e estarão, em parte, contemplados em outros textos desta publicação.

LOCALIZAÇÃO E ASPECTOS GEOGRÁFICOS E DEMOGRÁFICOS

A comunidade Morro do Carapina localiza-se na região central da cidade de Governador Valadares. Ocupa uma área de cerca de 16,65 hectares, cuja topografia acidentada se destaca em relação à planície da área central de Governador Valadares (GUIMARÃES, 2007). De acordo com estudo de Panquestor *et al.* (2018), “seu relevo é íngreme, composto por moradias precárias, algumas vezes situadas em áreas de risco de deslizamento de solo” (PANQUESTOR *et al.*, 2018, p. 4).

Em seu entorno estão localizados os bairros Nossa Senhora das Graças, Morro do Querosene, Alto Esplanada e Esplanada, além de parte do centro da cidade (Figura 2). Algumas pessoas, entretanto, afirmam que o Carapina é parte do Nossa Senhora das Graças. Mas aqui vamos tratá-lo como um bairro com história e características próprias.

Figura 2 – Mapa do Bairro Carapina



Fonte: Imagem retirada do Google Maps.

MORADORES

O número estimado de moradores que habitavam o Carapina, pelo censo demográfico de 2010 (IBGE, 2012), era de 7.235 moradores, sendo que o número de mulheres (3.899) era pouco maior que o número de homens (3.336). Destacamos na tabela abaixo as faixas de idades entre 0 a 4 anos e 5 a 9 anos, pois doze anos depois do censo, parte dessas crianças, num total de 1.148, estão ou estiveram nas escolas da comunidade, entre elas o Carlos Luz. (Tabela 1).

Tabela 1 – População residente no Carapina (2010)

Brasil, Bairro e Município	Idade	Censo Demográfico de 2010		
		Total	Homens	Mulheres
Carapina - Governador Valadares (MG)	Total	7235	3336	3899
	0 a 4 anos	528	253	275
	5 a 9 anos	620	318	302
	10 a 14 anos	714	369	345
	15 a 17 anos	421	205	216
	18 ou 19 anos	300	155	145
	20 a 24 anos	634	296	338
	25 a 29 anos	595	274	321
	30 a 34 anos	547	246	301
	35 a 39 anos	516	229	287
	40 a 44 anos	508	249	259
	45 a 49 anos	439	199	240
	50 a 54 anos	367	150	217
	55 a 59 anos	270	124	146
	60 a 69 anos	408	152	256
70 anos ou mais	368	117	251	

População residente, por situação do domicílio, sexo e idade, segundo a condição no domicílio e compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio.

Fonte: IBGE (2012). Elaborado pelas pesquisadoras (2023).

Em 2022, foi realizado novo censo, mas os dados ainda não foram disponibilizados. Segundo notícia publicada no Diário do Rio Doce (jornal local), em 03 de janeiro de 2023, “em comparação ao levantamento do Censo de 2010, o número de pessoas que vivem em Valadares não apresentou uma variação considerável, quando se observa de maneira quantitativa”¹¹. Podemos inferir que a mesma situação vai acontecer em relação aos bairros da cidade, inclusive no Carapina.

O CARAPINA NUMENTOS OFICIAIS E HISTÓRIAS DA OCUPAÇÃO E URBANIZAÇÃO

Tabela 2 – Datas de Implantação dos Bairros da Sede Urbana de Governador Valadares

	Parcelamento	Data
1	Centro	30/09/1930
2	Lourdes	08/05/1938
3	São Raimundo	05/09/1942
4	Vila Isa	13/11/1947
5	N ^a Sr ^a das Graças (Carapina)	1950

Fonte: PMGV (2015, p. 46). Elaborado pelas pesquisadoras (2023).

O registro oficial do Carapina, coligado ao bairro Nossa Senhora das Graças, foi feito em 1950, como mostra a Tabela 2 com Datas de Implantação dos Bairros da Sede Urbana de Governador Valadares, no documento “Diagnóstico da situação da prestação dos serviços de saneamento básico - caracterização geral do município” (PMGV, 2015, p. 46)¹², embora o início de sua ocupação seja provavelmente anterior a essa data.

¹¹ Notícia disponível em: <https://drd.com.br/populacao-de-valadares-ultrapassa-260-mil-habitantes/>. Acesso em: 2 mar. 2023.

¹² Disponível em: https://www.valadares.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Diagnostico_caracterizacao_geral_do_municipio?cdLocal=2&arquivo=%7B64DC8181-E112-B640-6A1B-ACE07ED43A42%7D.pdf. Acessado em: 8 mar. 2023.

A partir do ano de 1950, encontramos em documentos pertencentes à Câmara Municipal de Governador Valadares, registros de reclamações e pedidos de saneamento e melhorias para essa comunidade. Esses documentos, guardados no Centro de Documentação e Arquivo de Custódia (CEDAC) – pertencem ao Arquivo Geral Municipal, e mostram que desde o início da oficialização do bairro, os moradores requisitaram do poder público medidas necessárias ao saneamento, fornecimento de água potável e energia elétrica, além de outros equipamentos urbanos como creche e escola¹³. Infelizmente, pode-se constatar que os requerimentos e as reivindicações da comunidade nem sempre foram atendidos ou demorou muito para que isso ocorresse, e ainda hoje o Carapina necessita de muitas intervenções e manutenção dos serviços públicos. Abaixo alguns exemplos de documentos encontrados.

Tabela 3 – Requerimentos e registros antigos relacionados aos equipamentos urbanos no Carapina

Tipo de documento	Reivindicação	Datas
Requerimento	Requer ligação de rede de água para o Carapina.	16/05/1950 a 05/10/1950
Requerimento	Requer construção de ruas cortando o Carapina.	14/06/1955
Requerimento	Requer extensão de rede elétrica até o Morro do Carapina.	07/06/1956
Ofício	Criação de creche no bairro Carapina.	02/02/1960
Requerimento	Requer manutenção de escola no bairro Carapina.	02/03/1964 a 04/03/1964

Fonte: Acervo do CEDAC - Centro de Documentação e Arquivo de Custódia da PMGV (1950). Elaborado pelas pesquisadoras (2023).

¹³ Para o período entre 1950 e 1964 encontramos 60 documentos referentes explicitamente ao Carapina.

Sobre o início da ocupação urbana e origem do bairro, os registros históricos e entrevistas assinalam que a área fazia parte de antiga fazenda de família cujo sobrenome era Carapina, como aconteceu também com a origem do bairro Santa Helena. A sede da fazenda ficava nas imediações da atual Igreja Nossa Senhora das Graças (Figura 3).

Figura 3 - Antiga sede da fazenda dos Carapina, rua Gentil Dias (Bairro Nossa Senhora das Graças)



O nome do Morro do Carapina foi em homenagem a essa família (1927).

Fonte: Comunidade Facebook Fotos antigas e atuais de Governador Valadares MG (2020). Disponível em: <https://www.facebook.com/324319641034891/photos/a.324327247700797/1965184920281680/?type=3>. Acesso em: 8 mar. 2023.

Muitos dos primeiros moradores (como no bairro Santa Helena) vieram da zona rural adjacente a Governador Valadares e de outras cidades, inclusive dos vales do Mucuri e Jequitinhonha. Alguns eram posseiros ou parentes de agricultores que foram expulsos de suas áreas originais, na década de 1950, no movimento de conflitos pela terra que caracterizam toda a região. A violência que acompanhou esses conflitos deixou marcas no território, inclusive

a convivência com ela, além do desenvolvimento de uma cultura de violência de certa forma naturalizada (VILARINO; GENOVEZ, 2019). Assim, os recém-chegados que vieram para Governador Valadares atraídos por novas possibilidades de trabalho na cidade, que também crescia, perceberam a ocupação do Carapina como uma alternativa possível para construir suas moradias e vidas.

Antes de prosseguirmos, vale explicar um ponto. É marcante a diferença paisagística entre a planície da área central e o Morro do Carapina, de relevo íngreme e anguloso. Essa diferenciação ficou menos evidente após a transposição da linha férrea para o seu trajeto atual, consolidando uma divisória que sugere uma descontinuidade no relevo, mas também no interesse imobiliário que, como mostram as fotografias antigas, ignorou a parte alta.

A foto de abertura deste texto, por exemplo, de meados da década de 1950, mostra a ocupação ainda no início e sem tantas moradias como existem hoje. Dessa época é comum encontramos fotografias feitas do morro para a cidade em função da vista, mostrando parciais de Governador Valadares, mas raramente encontramos fotos feitas a partir da área plana do centro para o morro. Esse fato indica que a área ainda não despertava o interesse imobiliário, possivelmente por ser ladeirante e de difícil acesso, naquela época.

Dessa forma, sua ocupação foi diferente da área central. Se a área central ganhou um desenho geométrico, em tabuleiro de xadrez, com lotes retangulares e regulares, valorizados e comercializados no mercado imobiliário da época, o Carapina ficou à margem desse mercado. Passou, então, como visto anteriormente, a ser ocupado informalmente pelos diversos migrantes da zona rural e de outros lugares, que vinham para a cidade em busca de novas oportunidades. Apesar de não ter planos de urbanização, lotes regulares e a infraestrutura necessária, estava próximo à área central, concentradora dos empregos e possibilidades econômicas.

Apesar das precariedades, os primeiros moradores resistiram, persistiram e, ao encontrarem trabalho nas oficinas de mica, madeireiras, construção, comércio, trabalho doméstico, lavagem de roupas, entre outras atividades, fixaram sua residência no Carapina. Desse modo compõe-se, no morro, uma população de trabalhadores que fizeram do bairro o seu lugar na cidade.

Nas décadas iniciais da ocupação, os moradores enfrentaram muitas dificuldades pela falta de equipamentos e serviços urbanos adequados. Não havia demarcação de ruas e os caminhos eram abertos aleatoriamente, respeitando a localização das casas construídas por seus próprios moradores com ajuda de vizinhos e parentes (FJP, 1980).

Esse processo consolidou uma situação particular ao bairro: a maioria das casas eram próprias - até ao menos a década de 1980, quando temos esse registro -, mesmo que desvinculadas da posse e/ou propriedade do lote (FJP, 1980). Por sua vez, o fato de as casas serem próprias contribuiu para a permanência dos moradores no local, condição imprescindível para a construção de vínculos de pertencimento, identidade, solidariedade e lutas. Todos esses vínculos são característicos do Morro do Carapina, como contam os relatos dos alunos e os estudos já citados aqui (GENOVEZ; MACHADO; SANTOS, 2007; LIBÂNIO, 2014).

Outro aspecto relevante - e comum às comunidades originárias da ocupação informal - é o uso do mesmo lote para abrigar o crescimento familiar ao longo das décadas. Em nosso encontro na Escola Estadual Carlos Luz, o grupo de alunos explicou a passagem das residências entre gerações, em frases como “*a casa da minha vó, agora minha irmã mora*”, “*eu vou ficar com a casa do meu avô*”, e a utilização dos quintais para as moradias dos familiares mais novos, quando constituem a própria família.

Apesar da permanência histórica, a documentação e o registro dos terrenos ainda não estão resolvidos para muitos moradores. Sobre essa questão, ao perguntarmos aos estudantes se sabiam se as moradias de suas famílias são documentadas, muitos alunos se manifestaram entre saber e não saber. E ficaram curiosos de certa forma. Uma estudante contou que a casa da família é em área verde (ocupação) e sem documentos. Ao comentarmos que seria bom que ajudassem as famílias a regularizarem a situação, outra estudante se manifestou dizendo que é muito difícil fazer algo porque tudo é muito custoso e caro (ir ao cartório e prefeitura, documentos, tempo gasto, falta de orientação, falta de condição financeira, desinteresse do poder público; alguém que colabore...). Situação que nos faz refletir também sobre a necessidade de apoio da administração pública para esses casos.

Genovez, Machado e Santos (2007) registram que “com a popularização do local [...] a superlotação viria prejudicar anos mais tarde a construção das ruas. Em alguns pontos do loteamento foi impossível fazer com que uma rua passasse, pois o alto índice de casas amontoadas não abria espaço para a passagem” (GENOVEZ; MACHADO; SANTOS, 2007, s/p). Os próprios moradores ajudaram a PMGV na abertura das ruas, carregando água, abrindo caminhos, e derrubando o colômbio, pastagem comum na antiga fazenda. “Quanto à denominação delas (das ruas), essas receberam nomes indígenas que eram dados pelas pessoas que trabalham na obra e por alguns moradores que participaram de suas construções” (GENOVEZ; MACHADO; SANTOS, 2007, s/p).

Ainda hoje muitas ruas do Carapina conservam os nomes originais (Beco Caipó, Beco Iara, Rua Cacique, Rua Tupinambás, Travessa Jaçanã, entre outros nomes) e outras mudaram o nome por motivos variados. Verificando o catálogo nacional, encontramos

para o Carapina 22 ruas, 12 becos e 4 travessas¹⁴ com Código de Endereçamento Postal (CEP)¹⁵. O CEP de cada logradouro¹⁶ pode ser verificado acessando a página pelo *QR code* abaixo. (Figura 4).

Figura 4 – Código postal Carapina



Fonte: Código Postal ORG (2023).

Numa atividade proposta aos estudantes para desenharem caminhos percorridos para chegarem à escola, foi possível perceber que outros becos e atalhos foram agregados àqueles originais. Isso mostra que a comunidade segue se organizando espacialmente e elabora estratégias para acesso de melhor forma e em menos tempo. Verdadeiras fronteiras invisíveis são demarcadas por desavenças ou conflitos internos à comunidade. Muitos dos becos, escadarias, lajes e caminhos alternativos são conhecidos somente pelos moradores, dado o emaranhado das casas. Um visitante desavisado facilmente se perderia por ali.

O Guia Cultural, organizado pela pesquisadora Cecília Libânio (2014), registra que, com o tempo “a grande quantidade de buracos e o barro que se formava nas tortuosas ruas e ruelas do Carapina dificultava o acesso dos moradores, seja por meio da circulação de pedestres ou de veículos” (LIBÂNIO, 2014, p. 48).

¹⁴ Rua estreita, secundária e transversal a duas outras mais importantes.

¹⁵ O bairro Carapina na cidade de Governador Valadares/MG tem diferentes CEP entre seus 38 logradouros.

¹⁶ Ver em <https://codigo-postal.org/pt-br/brasil/mg/governador-valadares/carapina/>.

Moradores mais antigos relatam que em época de chuvas passavam muitas dificuldades para sair e voltar para suas casas. Escorregões e tombos eram comuns (GENOVEZ; MACHADO; SANTOS, 2007). Algum calçamento de ruas foi realizado pela Prefeitura Municipal, “através da mobilização dos moradores”, somente na década de 1980. Também foi importante a atuação da Associação do Bairro (Associação Samuel Domingues Gomes -ASDOG)¹⁷ para a construção de escadaria e rampas, facilitando o acesso dos moradores.

Os estudos realizados pela Fundação João Pinheiro (FJP, 1980) também mostram que até 1980 o Carapina era desprovido de calçamento, redes de coleta de esgoto e drenagem urbana. Completando o quadro das precariedades urbanas, não havia recolhimento regular de lixo, nem limpeza urbana. Uma única linha de ônibus circulava pela rua principal, com intervalos de 30 minutos e a depender da chuva, pois quando essa era muita, não havia como passar.

ÁGUA E ENERGIA ELÉTRICA - AVANÇOS URBANOS

Outras dificuldades eram a falta de água potável, energia elétrica e serviço de esgotamento sanitário. É bem verdade que na década de 1950 a própria cidade tinha dificuldades com esses

¹⁷ Para conhecer a história da ASDOG, ver: TEIXEIRA (2012). Disponível em: <https://pergamum.univale.br/pergamumweb/vinculos/000001/0000012a.pdf>. A ASDOG foi declarada Associação de utilidade pública pelo governo de Minas Gerais, em 03 de abril de 1992, conforme decreto de lei. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-10669-1992-minas-gerais-declara-de-utilidade-publica-a-associao-samuel-domingues-gomes-com-sede-nomunicipio-de-governador-valadares>

equipamentos, e, por exemplo, o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) só começou a fornecer esses serviços a partir de 1952. Mesmo assim, a rede de distribuição de água e de escoamento de esgotos prevista atendia à área central da cidade, fornecida a moradores que tinham condição financeira de fazer as ligações

necessárias diretamente para suas moradias e/ou prédios comerciais. Para atendimento dos que não podiam fazer despesas com ligações de água e instalações internas, foram construídos chafarizes e fossas sanitárias (VILARINO, 2019).

Figura 5 - Chafariz construído pelo Serviço Especial de Saúde Pública (SESP)



Segundo o Guia Valadarense (1958, p. 22) a rua 38 corresponde à rua Caetés, “no Nosso Senhora das Graças, começando na rua Tupinambás e terminando no antigo terreno dos Carapinas”. Fonte: FIOCRUZ-COC/BR RJCOC SP-02-SB-AA-002 - Dossiê: Instalação de sistema de distribuição de água para a cidade de Governador Valadares (MG) - 1943 - 1951 (Produção).

Isso aconteceu no Carapina e outros bairros da cidade. Antes dos chafarizes os moradores buscavam água em fontes mais distantes, como no bairro Santa Helena, e muitas mulheres iam ao bairro São Tarcísio para lavagem de roupas. Além de chafarizes, o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) junto com o SAAE instalou uma lavanderia comunitária no Carapina, que não deu muito resultado. Mas a experiência talvez seja precursora da lavanderia que existe hoje.

Figura 6 - Lavanderia construída pelo Serviço Especial de Saúde Pública (SESP)



Fonte: FIOCRUZ-COC/BR RJCOC SP-02-SB-AA-002 - Dossiê: Instalação de sistema de distribuição de água para a cidade de Governador Valadares (MG) - 1943 - 1951 (Produção).

O caso dos chafarizes é lembrado por muitos dos antigos moradores. Eles ficavam na parte baixa do morro, e as pessoas precisavam descer com suas vasilhas para buscar a água. As filas começavam cedo e havia muitas brigas pela demora, ou porque muitas pessoas traziam vários vasilhames para encher, o que irritava os demais (VILARINO, GENOVEZ, 2009). Moradores entrevistados pelo projeto “Onde mora a História” (2007) se lembraram de quatro chafarizes: Chafariz da Filomena, na antiga Rua 43; Chafariz do Zé Enfermeiro; Chafariz da Rua Coronel Fabriciano (Ipiranga); Chafariz do Beco do Cruzeiro.

Variadas tentativas foram feitas para o fornecimento de água no Carapina, mas o declive impedia as bombas de jogarem a água nas caixas distribuidoras preparadas. O problema só ficou solucionado na primeira administração do prefeito Hermírio

Gomes da Silva, em 1968, com a construção da caixa d'água no lugar onde era o lembrado cruzeiro. Pelo formato da caixa d'água, ela recebeu o apelido de “bioquê do prefeito”, pois lembrava o formato do popular brinquedo infantil, o bilboquê. Atualmente a caixa d'água, em funcionamento, faz parte dos *bens tombados*¹⁸ do patrimônio cultural do município de Governador Valadares¹⁹.

Figura 7 – Bilboquê e “Bioquê do Prefeito”



Fonte: http://carapinaemfoco.blogspot.com/p/historico_9.html.

Sobre o fornecimento de energia elétrica, Libânio (2014) registra que, no início da ocupação do morro, a falta de energia elétrica também era um grande problema. As pessoas recorriam a velas, lamparina e lampiões; para se locomoverem à noite costumavam usar tochas para iluminar o caminho. Saídas à noite eram evitadas pelos moradores por receio de quedas ou de algum susto indesejado. Somente em meados dos anos

¹⁸ Bem tombado é aquele registrado como patrimônio, tendo em conta sua importância histórica, cultural ou paisagística, e merecedor de proteção, passando a ser regido por uma legislação específica. Para saber mais sobre Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial, ver: GENOVEZ; VILARINO (2020). Disponível em: <https://editora.univale.br/educacao-patrimonial/>

¹⁹ Para saber quais são os outros bens patrimoniais tombados de Governador Valadares, ver: GENOVEZ; FERREIRA FILHO (2021). Disponível em: <http://www.pergamum.univale.br:8080/pergamumweb/vinculos/000002/000002ac.pdf>. Ver também: <https://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/relacao-de-bens-tombados-e-registrados-em-governador-valadares/74361>

sessenta (1960) é que o “Carapina recebeu os primeiros postes de energia, ocorrendo, a partir deste momento, a gradativa extensão da energia para o restante do bairro e suas respectivas casas” (LIBÂNIO, 2014, p. 49).

A foto atual, a seguir, registra o Carapina à noite, fazendo contraste com a informação sobre os primeiros tempos do bairro.

Figura 8 – Vista parcial do Carapina



Fonte: Prefeitura Municipal de Governador Valadares, agosto/2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeituragv/posts/4605313292834106/>.

A chegada da água e da energia elétrica trouxe algum alívio para os moradores, mas, ao mesmo tempo, foi necessário aprender como lidar com os novos equipamentos, pois os moradores estavam acostumados com outros hábitos e nem todos puderam instalar imediatamente os canos para água e fiação para energia elétrica (VILARINO, 2019).

Algumas dessas dificuldades, que se relacionam com a formação inicial do bairro e com a demora de atenção pelo poder público, ainda permanecem como mostra o estudo de Panquestor *et al.* (2018): “a falta de saneamento e pavimentação de várias

ruas acarreta diversos problemas, como: erosão, deslizamentos, dificuldade de locomoção, esgoto a céu aberto e proliferação de doenças” (PANQUESTOR *et al.*, 2018, p. 4). Assim, podemos dizer que no Carapina a urbanização é incompleta e há muito ainda o que fazer.

CONCLUINDO

Os relatos e documentos que acessamos para essa breve história sobre a ocupação e início de urbanização do Carapina revelaram memórias passadas de geração para geração, perrengues passados pelos moradores, descaso do poder público, persistência da comunidade em busca de melhorias para o bairro e para seus habitantes.

Existem ainda outras dificuldades que se relacionam a novos tempos e mudanças socioculturais e econômicas. A questão da vulnerabilidade do bairro é conhecida e vivenciada pelos estudantes participantes desta pesquisa.

Entretanto, entre os moradores entrevistados, tanto para o Projeto Onde Mora a história (2007) como entre os entrevistados do Guia Cultural (s/d) e do Núcleo Cidade Futuro (2012, 2021), há um sentimento comum de que as condições e equipamentos urbanos melhoraram bastante entre os anos que transcorreram desde as primeiras ocupações no Carapina até atualmente.

Podemos dizer que a solidariedade dos primeiros moradores se estende até os moradores de hoje. Eles se reconhecem numa rede de proteção e escudo para o enfrentamento das dificuldades atuais. No entanto, a comunidade reconhece que é preciso estar sempre se organizando e reivindicando outras melhorias e que a comunidade é mais forte quando está unida.

REFERÊNCIAS

DRD. **População de Valadares ultrapassa 260 mil habitantes.** 03 janeiros 2023. Disponível em: <https://drd.com.br/populacao-de-valadares-ultrapassa-260-mil-habitantes/>. Acesso em: 3 mar. 2023.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Programa Estadual de Centros Intermediários:** diagnóstico Governador Valadares. Belo Horizonte:1980 (mimeo).

FUNDO FSESP– Fundação Serviço Especial de Saúde Pública. Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ – (COC/FIOCRUZ), Rio de Janeiro/RJ-: FIOCRUZ-COC/BR RJCOC SP-02-SB-AA-002 - **Dossiê:** Instalação de sistema de distribuição de água para a cidade de Governador Valadares (MG) - 1943 - 1951 (Produção).

GENOVEZ, Patrícia Falco; MACHADO, Jardel; SANTOS, Marisa A. **Projeto ONDE MORA A HISTÓRIA? O processo de territorialização nos bairros de Governador Valadares e região.** O Carapina. Governador Valadares: Univale. 2007.

GUIA VALADARENSE. Governador Valadares: Cássia Publicidade Ltda., 1958.

GUIMARÃES, Cristiana. Entre o progresso e a incompletude da modernidade. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo.** Belo Horizonte: Puc-Minas, v. 14 n. 15, 2007. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/817/782>. Acesso em: 3 mar. 2023.

LIBÂNIO, Clarice. **Guia Cultural de Governador Valadares**. v.1, Belo Horizonte, S/Editora, S/D. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/favelaeissoai/miolo-valadares-low>. Acesso em: fev. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

PANQUESTOR, Evandro Klen; FELICORI, Thais de Carvalho; ALMEIDA, Bruna de; VITAL, Anna Luísa Lopes; LIMA, Thiago Fernandes. Análise da Vulnerabilidade Habitacional e Ambiental em Governador Valadares - MG: um estudo comparativo entre bairros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 9, 2018, São Bernardo do Campo/SP. **Anais do IX Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental**. Bauru: IBEAS, 2018. v. 09. p. 01-07. Disponível em: <https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2018/IV-011.pdf>. Acessado em fevereiro 2023. Acesso em: 8 mar. 2023.

PMGV. **Diagnóstico da situação da prestação dos serviços de saneamento básico**: caracterização geral do município. 2015. Disponível em: https://www.valadares.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Diagnostico_caracterizacao_geral_do_municipio?cdLocal=2&arquivo=%7B64DC8181-E112-B640-6A1B-ACE07ED43A42%7D.pdf%20. Acesso em: 8 mar. 2023.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas. **Hábitos culturais e cuidados com a saúde**: resistências e mudanças – constrangimentos de um processo civilizador no sertão do Rio Doce (1942- 1960). Belo Horizonte: Fino Traço, 2020.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas; GENOVEZ Patrícia Falco. Memórias e Histórias do Serviço de Saúde Pública em Governador Valadares (1940-1960). *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. **Anais do XXV Simpósio Nacional de História**, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772006_47d485d82a61ca68ba21cbd9d7d15ca9.pdf. Acesso em: 8 mar. 2023.

NÚCLEO CIDADE FUTURO E BEABÁ AUDIOVISUAL. **Entrevistas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/@cidadefuturo8382>. Acesso em: 8 mar. 2023.



Música, graffiti e tranças afro:

*Diversidade das
expressões culturais
e vivências de arte
pelos/as jovens na
comunidade Morro
do Carapina*

Parte quatro

4

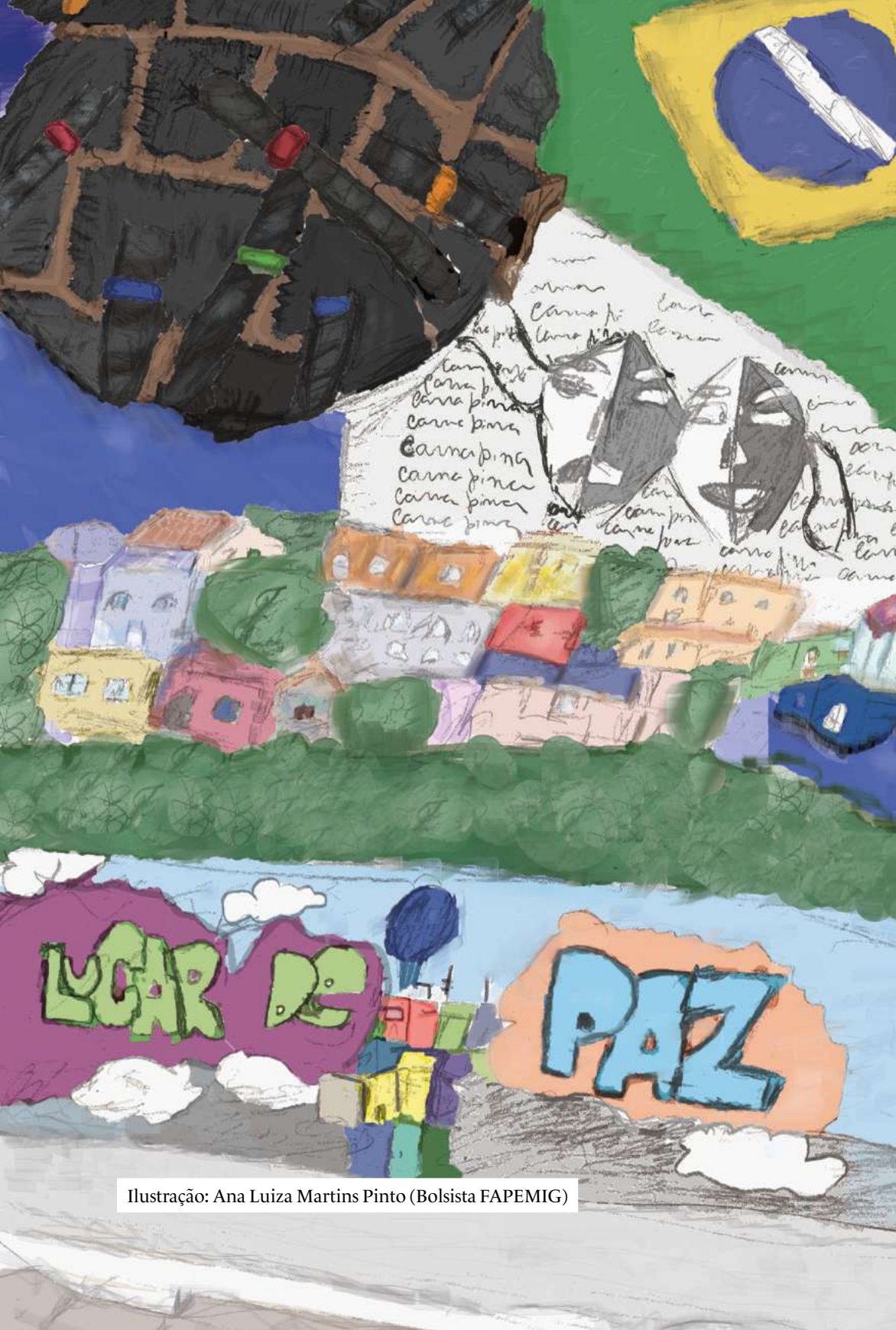


Ilustração: Ana Luiza Martins Pinto (Bolsista FAPEMIG)

4 MÚSICA, GRAFFITI E TRANÇAS AFRO: DIVERSIDADE DAS EXPRESSÕES CULTURAIS E VIVÊNCIAS DE ARTE PELOS/AS JOVENS NA COMUNIDADE MORRO DO CARAPINA

Karla Nascimento de Almeida

Fabiana Ernesto de Carvalho Silva

Bernardo Gomes Barbosa Nogueira

²⁰ O Assalto Poético é um espaço de celebração da arte, da poesia e da fruição, idealizado pela professora Karla Nascimento, em 2018, como uma sessão cultural de abertura do Simpósio de Pesquisa e Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, tendo como proposta integrar arte e ciência na academia. De lá para cá, o Assalto Poético já incluiu sessão virtual, na pandemia, em parceria com o Sarau do Psia, com live e gravação de poemas por poetas de Governador Valadares e do Brasil, e também a versão Assalteen poético, com participação de jovens estudantes de uma escola municipal do campo. Os vídeos podem ser conferidos nos links: Assalto Poético Virtual: https://www.youtube.com/playlist?list=PL_8WsEIyzCxcxKnlTYiqEp4q-wiW4xO8w Assalteen Poético: https://www.youtube.com/playlist?list=PL_8WsEIyzCxf6pNIPybUJ87_8xdD-65L

²¹ O Projeto de Extensão Anjos da Alegria/Univale surgiu em 2016, com participação de diferentes cursos da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, com o objetivo de promover a saúde e o bem-estar de crianças hospitalizadas, por meio da arte da palhaçaria. As ações do projeto podem ser conferidas na rede social Instagram: @anjosdaalegriaunivale

²² Alguns trechos que compõem este texto são parte do Trabalho de Conclusão de Curso da segunda autora, intitulado: Cartografias da arte e cultura com estudantes de uma escola pública de Governador Valadares – MG.

Para puxar o fio da prosa sobre nossa incursão pelo território da Comunidade Morro do Carapina, vamos contar um pouco sobre nós, quem somos, o que nos mobiliza a esta escrita pela entrada da arte e cultura na pesquisa com os/as jovens da Escola Estadual Carlos Luz. (Figura 1).

Uma pesquisadora, jornalista e pedagoga que dispara versos durante o “Assalto Poético”²⁰, ampliando espaços para a fruição, para as experiências artísticas na universidade. Uma egressa do curso de Pedagogia da Univale que se aventurou na arte da palhaçaria de hospital no projeto Anjos da Alegria²¹ durante a graduação²² e nos acompanhou nesta pesquisa. Um pesquisador que junta os fios do Direito e da Literatura, professor por profissão e poeta por paixão. Caminhos de vida em que a arte se conecta às nossas práticas acadêmicas e nos a(com)chegam nesta pesquisa, na escola, e na prosa com os/as estudantes.

Nosso desejo é deixar a prosa aberta para que você se junte a ela e amplie nosso tecido de sentidos sobre a arte nos territórios vividos pelos/as cartógrafos/as que conosco tecem essa trama. Ao refletirmos sobre cidade e cultura, acionamos o pensamento do educador Paulo Freire que nos diz: “A Cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A Cidade somos nós e nós somos a Cidade” (FREIRE, 2001, p. 22 - 23).

Os versos de Freire se somam à Figura 1 para continuarmos nossa conversa que se faz com a cidade, com o bairro, com a escola, considerando que a cidade é cultura, é criação, é movimento de tessitura coletiva onde a vida acontece, onde nossas histórias se cruzam, onde a arte floresce como campo de possibilidade expressiva.

Figura 1 – Vista da fachada da escola com o Pico da Ibituruna ao fundo



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Nos movimentos da pesquisa, buscamos cartografar vivências da arte e cultura na escola e nos cotidianos dos/as jovens. Uma dessas conversas aconteceu em setembro de 2022, na sala de multimídia da escola, onde estava presentes um grupo de 26 estudantes, da educação regular e do tempo integral²³. Apresentamos a pesquisa e as propostas que foram feitas para participação deles no projeto. Abordamos a perspectiva da cartografia, que além de mapear os espaços físicos de um mapa, visa, também, mapear subjetividades a partir do olhar de quem pertence àquele lugar. Na cartografia, a escala é ampliada para dar lugar aos detalhes, aos sentidos que brotam da prática do lugar, como nos explica a geógrafa Doreen Massey (2015) e que conferem identidade e pertencimento aos seus moradores.

Os/as estudantes foram estimulados/as a nos contar sobre os lugares no bairro considerados e reconhecidos por eles como espaços de vivências de arte e cultura. Foram divididos em duplas e as pesquisadoras e o pesquisador foram colocando questões sobre por que esse lugar é considerado um lugar importante para eles. As respostas eram registradas pelas pesquisadoras, conforme a Tabela 1.

O lugar mais reconhecido e mencionado pelos estudantes é o Buracão, sendo descrito por eles como um local de difícil acesso, por se tratar de uma escadaria, mas também um espaço de ajuda mútua entre os moradores, com estreitos laços afetivos. Em nossas

²³ Nos anos finais (6º, 7º, 8º e 9º anos) e no ensino médio (1º, 2º e 3º ano) a organização das aulas acontece nos dois turnos, matutino e vespertino, quando se trata do Tempo Integral, sendo os componentes curriculares e as atividades integradoras distribuídos em toda a jornada diária de aula do estudante. No tempo regular, os estudantes participam das atividades curriculares no período matutino. A escola oferta a Educação de Jovens a Adultos no período noturno.

andanças no território, vimos como as crianças ressignificam esses espaços por meio de suas presenças e brincadeiras, como pique-pega e amarelinha. Das nossas andanças na Universidade Vale do Rio Doce, temos conhecimento de que o Buracão foi espaço para práticas

acadêmicas de diferentes cursos, como intervenções artísticas de pintura das escadarias pelo curso de Arquitetura e Urbanismo²⁴, oficina de brinquedos e brincadeiras e apresentação teatral, pelo curso de Pedagogia e Teatro Universitário²⁵.

Tabela 1 – Lugares de vivência de arte e cultura no Carapina

Lugares	Quantidade de vezes que o lugar é mencionado pelos(as) estudantes
Bar da Dona Sônia	2
Buracão	5
Barbearia JP/Quadrado	1
Quadra ASDOG	3
Pizzaria da Mama	4
Escola Carlos Luz	1

Fonte: Elaborado pelas autoras. Acervo da pesquisa de campo (2023).

Figura 2 – Escadaria do Buracão



Fonte: Acervo pessoal de uma das autoras (2022).

²⁴ Matéria sobre intervenção artística no Buracão pelo curso de Arquitetura e Urbanismo pode ser conferida no link: <https://www.univale.br/escadaria-do-buracao-e-revitalizada-por-alunos-e-professores-da-univale/>. Acesso: 10 mar. 2023.

²⁵ Matéria sobre atividade realizada no Buracão pelo Curso de Pedagogia e Teatro Universitário disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Dv451CpTXc>.

Acesso: 10 mar. 2023.

Os outros espaços mencionados foram a Pizzaria da Mama e a quadra da Associação Samuel Domingues Gomes (ASDOG); em seguida o Bar da Dona Sônia, a própria escola e as barbearias JP Ducorte e Quadrado. De acordo com os/as estudantes, esses espaços são lugares de encontro, de reunião de pessoas para ouvirem música (forró e funk), passear, comer, “olhar a vista”, já que o morro permite lugares altos, como a Pizzaria da Mama, de onde se pode contemplar a cidade e o Pico da Ibituruna.

Em outro momento de conversa com os/as estudantes, perguntamos como vivenciam a arte no bairro. A grande maioria relatou suas experiências com os esportes, o futebol, o karatê, a capoeira, a dança, a música, cultivados em espaços como a quadra da ASDOG, a escola, a casa de uma moradora que ensina a fazer tranças, apontando para experiências ligadas à corporeidade e para os saberes e fazeres que são cultivados coletivamente, que são cultura e também são arte.

Dos relatos do diário de pesquisa, é possível transcrever o que o estudante João mencionou quando perguntados onde eles vivenciam experiências de arte no Carapina: “*na quadra da Asdog, rola futebol, também tem ginástica lá dos véi (sic), tem capoeira, karatê*” (Diário de pesquisa, 2022). Continuando a prosa, a estudante Isabelly nos contou sobre o curso de tranças que acontece no bairro, os saberes e fazeres que se expressam no corpo das estudantes, nos cabelos trançados minuciosamente e nas maquiagens, como nos mostram as imagens a seguir. (Figura 3 a,b).

Em um outro momento, com o intuito de aprofundarmos a prosa, realizamos uma roda coletiva com estudantes e com a trancista professora do curso mencionado pelas estudantes. A trancista Milena, ex-aluna da escola, nos contou que o curso de tranças faz parte das oficinas do Programa Fica Vivo!, do qual ela foi aluna por 10 anos e quando ficou maior de idade foi convidada

para ministrar o curso. Ela conta que quando fez o Fica Vivo! ela fez curso só de artesanato; a trança ela aprendeu sozinha. “*Eu sei por mim mesma, aprendi vendo minha mãe trançar, então fui trançando o cabelo da minha irmã, da minha mãe... aí comecei a ver vídeo no Youtube e fui aprimorando e aprendendo as técnicas mais avançadas, né?*” (Milena, Diário de pesquisa, 2022).

Esse saber-fazer da trancista impressionou a todos os presentes, bem como sua dedicação em passar esses saberes adiante, replicando em um programa do qual fora estudante e agora se vê na condição de professora, estimulando estudantes e pessoas da comunidade a aprenderem. Quando perguntada se tem noção do efeito artístico e político de seu trabalho, a trancista afirma que sim, que é uma arte afro e que o seu trabalho contribui para elevar a autoestima de mulheres que a procuram para fazer a transição capilar, ou seja, deixar de alisar o cabelo, mantendo-o natural, e por outras pessoas também, incluindo homens, e que é muito gratificante ver a felicidade das/dos clientes que a procuram.

Figura 3 (a) – Cabelos trançados



Figura 3 (b) – Maquiagem



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2022).

Nesse momento da conversa, a estudante Brenda coloca mais um fio na prosa, dizendo que *“nem sempre quem coloca trança é pra ficar natural, só quer ficar com o cabelo arrumado, igual minha mãe mesmo. Coloca todo tipo de trança. Agora tá com aquele da telinha que vem tudo costurado [...] depois tira, alisa e coloca outra de novo”*. Essa constatação da estudante é confirmada pela trancista, de que muitas pessoas geralmente procuram fazer trança por ser bem prático.

Perguntamos à trancista se ela acha que está tendo uma procura maior de pessoas para fazer trança em decorrência de um movimento atual de mulheres que têm buscado assumir sua naturalidade, procurando quebrar padrões de beleza. Ela nos contou que *“tem cliente que chega, e fica com receio de fazer porque o outro vai falar, você é branco, porque você está fazendo isso? Mas não tem diferença, não tem nada a ver se sua pele é negra ou branca pra você fazer um penteado”*. Milena conta que fez trança em uma mulher chinesa e esta adorou, tanto que voltou.

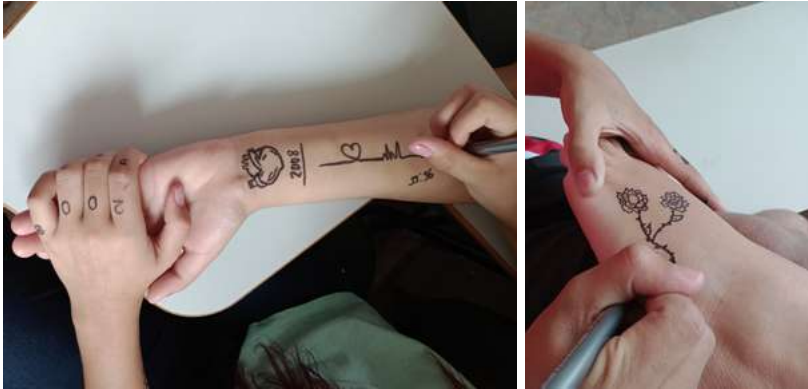
Nesse momento, um dos pesquisadores falou sobre apropriação cultural, sobre o debate que, por vezes, tem tomado conta das redes sociais envolvendo essas questões, enfatizando que *“essa arte é sim uma construção histórica do povo negro, mas que é hora de ensinar outras pessoas essa beleza”* (Pesquisador Bernardo).

O curso de tranças, que estava acontecendo na casa da trancista no início desta pesquisa passou a ser ofertado na escola, para viabilizar a participação de mais pessoas interessadas em aprender essa arte. As aulas acontecem às terças e quintas-feiras, de 15h30 às 18h e é aberto à comunidade.

Para além dos cabelos, tanto das jovens quanto dos jovens, coloridos, trançados, presos, soltos, longos, cacheados, expressando suas identidades, a arte também se fazia presente na pele, com caligrafias, desenhos, como nos mostram as Figuras 4 (a) e (b).

Figura 4 (a) – Desenhos nos corpos I

Figura 4 (b) – Desenhos nos corpos II



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2022).

A corporeidade dos/das jovens participantes da pesquisa, o corpo como tela, como espaço para ser moldado em maquiagens, desenhos e tranças nos levam a refletir sobre o corpo como obra de arte (MERLEAU- PONTY, 1994). Corpos que refletem não só uma sensibilidade estética, do belo, mas que também pode ser lido como um corpo político, como uma instância de resistência, nesse caso, à branquitude, ao modelo idealizado de beleza feminina (de cabelos claros e lisos), e de resgate da ancestralidade, de sentimento de pertencimento às suas origens, um corpo-território.

Os desenhos corporais que aparecem nas Figuras 4a e 4b foram feitos pelo estudante Gabriel, que durante a roda de conversa nos contou que desenha no próprio corpo e no corpo dos/as colegas porque tem o sonho de ser tatuador ou arquiteto.

Um dos pesquisadores sinalizou que ele pode ser os dois, que um não exclui o outro, pelo contrário, um pode alimentar o outro, as inspirações na arquitetura vão alimentar as tatuagens e vice-versa.

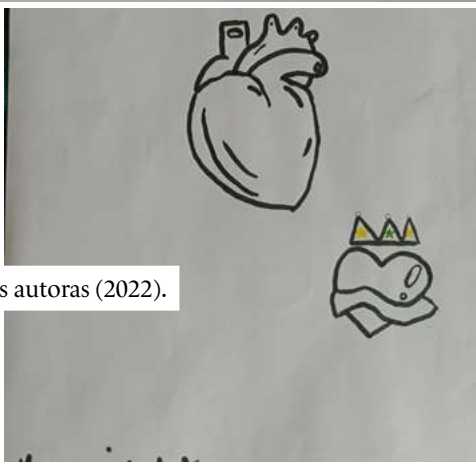
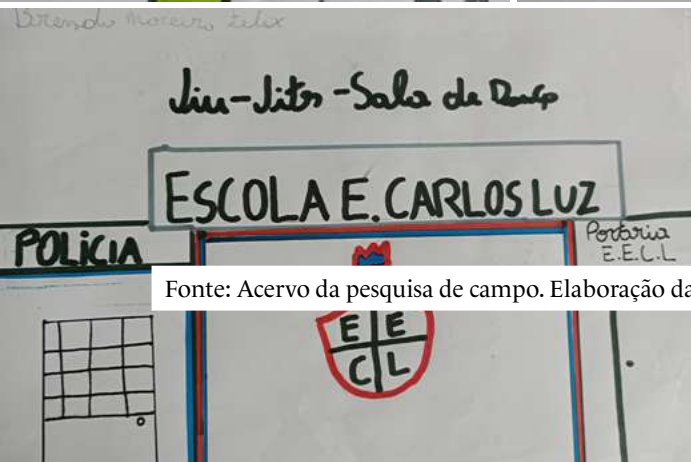
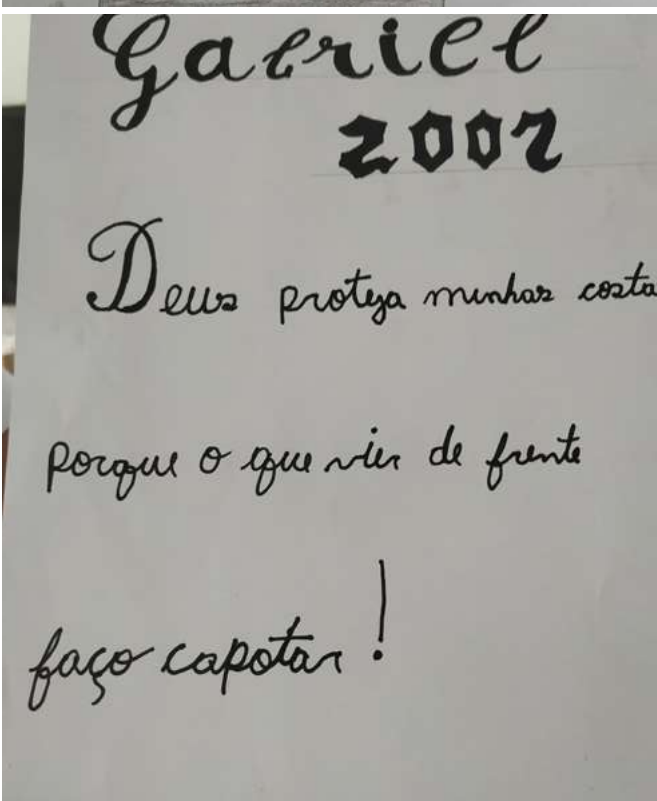
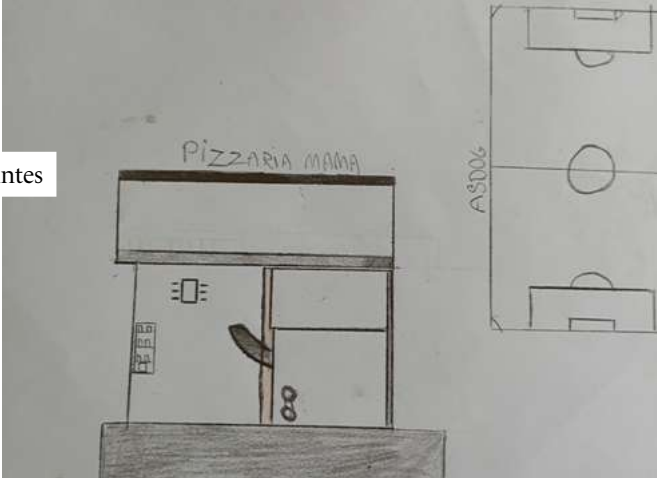
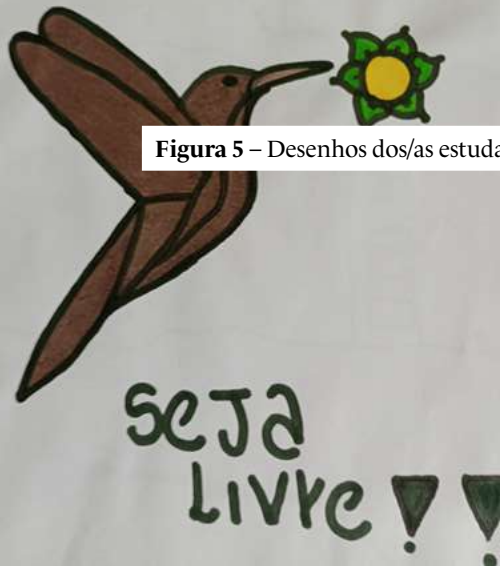
Gabriel contou que a inspiração para os desenhos vem do primo, tatuador, que é muito bom no que faz. Ao ser perguntado sobre o que sente quando está desenhando, ele diz: “*é inexplicável!*”! E nesse momento refletimos sobre a arte, não buscando o que o artista/estudante quer dizer com o que faz, porque se assim o fosse ele falaria ou escreveria a respeito. Nesse momento é inexplicável, é só sentido, não há motivo ou razão senão a arte manifestando-se como expressão humana, fruição, sentimentos que transbordam em linhas, traços, números e formas ...

A arte como fruição, como exercício da criatividade, expressão e imersão de sentidos e sentimentos onde o que importa é a desconstrução de julgamentos socialmente constituídos, deixando que os sentimentos e as emoções revelem seu verdadeiro eu. A fruição está no campo simbólico, onde corpo e mente são indissociáveis (SANTOS, 2018).

Para além das inscrições nos corpos, os estudantes também expressaram, por meio de desenhos (Figura 5), os espaços do bairro onde consideram que a arte esteja presente, como nos conta a estudante Brenda, que desenhou a escola: “*eu fiz a escola, que eu vivo aqui o dia inteiro [...] aqui a gente faz aula de dança, jiu-jítsu*”.

Para a estudante, a escola é espaço de vivência da arte e cultura. Mencionar que “*passa o dia inteiro na escola*” nos leva à questão da temporalidade, de um tempo que não se dá fora do espaço; portanto, depreendemos que a estudante nos conta da cultura como cultivo coletivo daquele grupo, situado naquele espaço-tempo, onde a vida acontece, onde eles conversam, falam do dia a dia, escutam e compartilham músicas pelo celular, aprendem, conversam sobre jogos on-line, sobre gravar vídeos, onde dançam e fazem jiu-jítsu.

Figura 5 – Desenhos dos/as estudantes



Fonte: Acervo da pesquisa de campo. Elaboração das autoras (2022).

Em conversa com a professora de arte da escola, Fabiana Cunha, ela relatou que a escola oportuniza aos estudantes aulas sobre diferentes linguagens da arte como: música, ballet, dança, teatro e artes visuais. Na aula de música, ela os ensina a tocar alguns instrumentos, mas reforça que a fanfarra é tocada com autonomia dos estudantes, visto que alguns deles participam do Carnapina, uma manifestação cultural do bairro, em que o samba dita o ritmo da festividade.

Figura 6a – Carnapina (01/2019)



Figura 6b – Carnapina (02/2019)



Fonte: (a) <https://olhar.com.br/barrado-pela-prefeitura-de-valadares-carnapina-sera-desafio-para-a-comunidade/>, (b) <https://olhar.com.br/carnapina-coloca-bloco-na-rua-neste-sabado/>.

Na roda de conversa com os estudantes, eles nos contaram que aprenderam a tocar os instrumentos sozinhos, assistindo a vídeos

²⁶ O termo graffiti (plural de graffito) é utilizado, neste texto, como significado de frases ou desenhos feitos em muros ou paredes de locais públicos e está escrito em itálico por se tratar de um estrangeirismo italiano. A escolha pelo termo está atrelada a uso mais comum entre os/as artistas locais. Em contrapartida o termo francês ‘grafite’ remete ao mineral de cor negra utilizado no fabrico de lápis. Outras informações disponíveis em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/os-graffiti/11701>. Acesso em: 4 jul. 2023.

²⁷ O estudante refere-se à mudança de espaço da festividade da rua Itanhomi (dentro do morro) para a rua Tupinambás, na parte mais baixa. Em 2023, a festa aconteceu na rua Tupinambás.

no Youtube, tirando quatro ou cinco sons diferentes e “*a gente só vai, e toca!*”

O Carnapina foi mencionado por estudantes como manifestação da arte e cultura no bairro, ao lado do forró e do graffiti²⁶. O Carnapina é uma festa cultural que acontecia desde 2011 no Morro do Carapina. O último evento aconteceu em 2019 e devido à pandemia da covid-19, a festa não foi realizada em 2020, 2021 e 2022. Conforme relato do estudante, a festa foi transferida para rua Tupinambás²⁷, por

motivo de segurança. As Figuras 6 (a; b) retratam a festa do Carnapina antes da mudança de espaço.

A festa do Carnapina, a música, a dança, a corporeidade, o espaço do lúdico como expressão cultural, como modo de estar no mundo daquela comunidade. Como pesquisadoras e pesquisador refletimos um pouco sobre essa manifestação da cultura popular, que demonstra esse enraizamento, essa resistência, esse modo de cultivo coletivo ao mesmo tempo que nos leva a ver sob outra ótica a cultura sendo abarcada pelo neoliberalismo e sendo colocada como uma forma de mercadoria, de entretenimento, para ser consumida por um público cada vez maior.

Talvez por isso o local de realização foi alterado²⁸: o samba desce o morro para se tornar mais seguro para ser consumido por outras fatias do mercado que, até então, o viam como manifestação de uma cultura não reconhecida por aqueles que definem o que é cultura popular ou erudita, mas que agora é mais um produto à venda, girando um “*mercado cultural*”, alterando a dimensão do que é público, do povo, uma produção de vida em coletividade para um produto cultural a ser consumido, esvaziando os sentidos da cultura como um modo de ser e estar no mundo cultivado coletivamente.

A percepção de alguns estudantes confirma nossas reflexões ao dizerem “*antigamente era todo mundo fantasiado... hoje só tem carro de som, só toca funk, nada de samba*” e “*o Carnapina era a melhor coisa do ano... quando era aqui... aí desceu, não é a mesma coisa*”, “*a festa virou baile*” (Brenda).

²⁸ De acordo com a matéria divulgada no sítio eletrônico da prefeitura municipal de Governador Valadares, a troca se deu por motivos de garantir a segurança do evento. A matéria completa pode ser conferida em: <https://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/carnapina-2019-esta-garantido/86061>. Acesso em: 10 de jun. 2023.

Na roda de conversas com os/as estudantes, foi possível sentir o quanto a música é uma expressão de arte significativa para eles. O início da conversa foi puxado por Gabriel, expressando curiosidade sobre como a música é vivenciada em diferentes culturas, fazendo parte de rituais religiosos em que as pessoas parecem entrar em uma espécie de transe. Essa experiência foi descrita pela estudante Brenda: *“quando ouço música parece que minha alma sai do corpo”*, sobretudo quando ouve música *“triste”*, mais calma.

“Quando ouço música parece que minha alma sai do corpo!” (Brenda).

A conversa seguiu um ritmo de empolgação dos/as estudantes contando sobre os diversos estilos musicais que fazem parte de suas vidas e que são escutados, dependendo do momento e do lugar onde estão. Assim, a batida do funk, do rap, do forró e do eletrônico se mescla às poesias acústicas, às músicas internacionais e ao gospel. Essa miscelânea de estilos pode ser encontrada na fala da estudante Brenda: *“[...] minha mãe é de lua... meu padrasto é MC e minha irmã gosta de Marília Mendonça... tem uma hora que os dois dá (sic) vontade de escutar crente... lá em casa a playlist é bem esquisita... uma hora está o funk... outra hora está forró.. e outra hora está ‘remove minha pedra’”*, em alusão ao trecho de uma música gospel.

A presença marcante da música gospel na comunidade é explicada pelos estudantes devido ao grande número de igrejas no bairro: *“aqui tem um monte de igrejas... onde você vai tem uma... eu canto no culto de adolescente”* (Brenda).

Nesse momento, o pesquisador Bernardo questionou se o lugar onde moram influencia nos gostos que eles/as têm, seja em relação à música, ao desenho e a outras expressões e como eles vivenciam as produções musicais que vêm de fora, que são estrangeiras, que não foram feitas pensando na realidade que eles vivenciam. O estudante Igor explica: *“A música que eu escuto...*

Vamos supor, se o cara fez um clipe, né, o que ele está transmitindo pelo clipe de alguma forma vai interagir com a pessoa que está assistindo, entendeu? Se a pessoa está passando pela mesma coisa, né? A pessoa vai interpretar como se tivesse sendo para ela mesmo, entendeu? Ao meu ver, é isso”. E a partir dessa conversa dialogamos sobre o processo de identificação que a música aciona, trazendo em si aspectos universais e locais, que mobilizam sentimentos, mostrando que a arte é o que brota internamente. Nas palavras do estudante “é um negócio de dentro de você. O tipo de coisa que você vai ver e ouvir o que você vai chamar de arte é uma coisa que sai de dentro de você” (Igor).

Para saber mais: O Balu do Samba (José Carlos) e o DJ Piu (Ataíde) foram mencionados pelos estudantes como artistas da música na comunidade. Ambos os artistas se apresentam no Carnapina e o DJ Piu tem alcançado reconhecimento local e nacional, realizando shows na cidade e em festas de artistas. O Núcleo Cidade Futuro e o Ponto de Cultura Beabá Audiovisual realizaram uma série de entrevistas com atores sociais e artistas da Comunidade Morro do Carapina, entre eles o DJ Piu, que pode ser acessada pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=2GDdcnGVfhA&list=PLX8l dJTuLgh-w0uN2lwOQE3 QEnhCy2Eg&index=2>

Quando percorremos o Morro do Carapina, os graffiti são inscrições nos muros que nos chamaram muito a atenção. Para refletir sobre eles, acionamos mais uma vez o pensamento de Freire (2001):

A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar de que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. (FREIRE), 2001, p. 22 - 23)

As marcas impregnadas nos muros do entorno da escola nos contam sobre esse espaço-tempo do Morro do Carapina, com suas cores, formas, estilos, gostos e mensagens expressas pela arte do graffiti (Figura 7). Em uma das conversas na escola, uma estudante nos contou que muitas pessoas sobem o morro para fazer sessões de fotos com os muros grafitados como cenário.

“Prá nós é normal, mas pra eles que moram em outro lugar deve ser diferente, aí eles vem pra tirar foto nos muros” (Brenda).

Ao realizar a leitura do texto produzido para alguns estudantes, Keven acrescentou que as pessoas vão à comunidade tirar fotos para:

“[...] conhecer mais o lugar, pra ver que não se deve julgar o livro pela capa, pra ver que muito do que as pessoas falam lá embaixo não é verdade, que daqui do morro tem uma vista bonita de toda cidade e que também é um dos lugares que mais tem saído artista, como o Fred, que joga fora (em outro país), o DJ Piu” (Keven).

O estudante, em sua fala, expressa uma “*imagem*” negativa de como o Morro é visto pelos moradores de outros bairros, como lugar violento, marcado pela criminalidade, imagem que desperta o preconceito das pessoas com relação ao Carapina.

Os graffiti nos muros ressignificam esse lugar. São manifestações artístico-culturais presentes na comunidade, em que a arte colore os becos e travessas, em seu caráter estético e político, pois mais que “embelezar” o morro, o graffiti se coloca, se impõe no espaço como arte urbana, transgressora, de protesto, ressignificando lugares. Lugares vistos como violentos ou perigosos em que a presença da arte os ressignifica em um movimento que se retroalimenta, “o lugar alimenta a arte, mas a arte também alimenta a forma como nos relacionamos com o lugar” (TORRES, 2020, Podcast).



Figura 7 - Muros de graffiti no entorno da escola



Fonte: Montagem feita pelos autores. Acervo da pesquisa de campo (2023)

Keven foi um dos estudantes que participou das Oficinas de graffiti realizadas pelo artista Pedro Stype via Programa Fica Vivo! em 2017 e conta como o projeto foi importante para ele e para os demais colegas: *“na época eu era mais jovem ainda, mas foi importante porque o projeto tirou eu e os outros meninos da rua, a gente fazia os graffiti ali na quadra, ficava junto reunido com o pessoal do Fica Vivo, foi uma experiência produtiva que nos ensinou até hoje”*.

Pelas nossas andanças em outros territórios onde a arte do graffiti se faz presente, conhecemos o artista de arte urbana mencionado pelo estudante e conversamos com ele, com o auxílio das redes sociais, sobre sua relação com o Carapina e o graffiti. Pedro nos contou que seu contato com o Carapina se deu entre *“2008 ou 2009, não me lembro exatamente. Fiz meu primeiro graffiti por lá, junto de alguns amigos, mais tarde por volta do ano de 2016 comecei a trabalhar no bairro ministrando oficinas através do programa fica vivo”*. (Artista Pedro Stype, Diário de pesquisa, 2023).

Para o artista, o graffiti significa *“um grito de socorro de jovens muitas vezes invisibilizados pela sociedade, seja pela classe social ou cor da pele, que encontram na cor presente em uma lata de spray ou em um rolinho com um pouco de tinta preta, uma janela para o mundo além dos muros de sua casa”*. E acrescenta que:

“O graffiti é necessário, para qualquer espaço, seja ele urbano ou rural. Existem histórias ali, para serem contadas, a arte de rua é apenas a ponte pra que essas histórias se transformem em imagens e consigam acessar mais pessoas (...). No fim a arte sempre esteve ali, através da música ou do passinho, o graffiti foi apenas mais uma linguagem que eu adaptei, pra falar de um bairro que representa muito a história de Governador Valadares” (Artista Pedro Stype, Diário de pesquisa, 2023).

Para conhecer mais sobre o artista Pedro Strype e seu trabalho, acesse o link da entrevista realizada pelo Ponto de Cultura Beabá Audiovisual. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qK1c1-xDzQE&list=PLX81_dJTULgh-w0uN2lwOOE3QEnhCy2Eg&index =3. Acesso: 10 maio 2023.

ENTRELAÇANDO OS FIOS DA PROSA SEM PRETENDER CONCLUIR...

A potência do que os/as jovens nos contam sobre arte e cultura no bairro nos encaminha cada vez mais ao reconhecimento das condições culturais das comunidades nas quais os estudantes (e as escolas) estão situados:

Toda escola está situada em uma comunidade com especificidades culturais, saberes, valores, práticas e crenças – o desafio é reconhecer a legitimidade das condições culturais da comunidade para estimular o diálogo constante com outras culturas (BRASIL, 2009, p. 32-33)

Deparamo-nos com os saberes de trançar cabelos, os saberes do corpo nas práticas desportivas, na capoeira, no jiu-jitsu, nas aulas de dança, nos desenhos corporais, as práticas culturais como o Carnapina, a diversidade de experiências e estilos musicais... Reconhecer esses outros saberes, esses outros espaços de produção de cultura, arte, conhecimentos, é cada vez mais importante ao campo da educação, o qual deve ampliar esse diálogo com o bairro, com a cidade, e que foi possível perceber na escola Carlos Luz. A escola se abre à comunidade e por isso é tão mencionada nos movimentos de pesquisa como espaço de centralidade do bairro, inclusive para vivências de práticas culturais de arte.

Se por um lado temos a ausência ou precariedade de serviços públicos, de outro lado evidencia-se uma riqueza cultural local,

com saberes e fazeres cultivados coletivamente. Os/as estudantes se apropriam da arte e da cultura nas vivências de seus cotidianos, na escola, na quadra da ASDOG, na casa da trancista, na igreja, no Buracão... Espaços de relações, de lazer, de convívio, onde acessam a música, a dança, a diversão, e ao mesmo tempo espaço de conflitos, de precariedade, de lutas pela sobrevivência, de vulnerabilidade, de relações socioespaciais.

Outra consideração que nos pareceu intensa é o sentimento de pertencimento dos/as estudantes ao Morro do Carapina. Para além das inúmeras dificuldades que os moradores enfrentam pela topografia do lugar, com morros, travessas, escadarias, becos, dificuldade de acesso, eles se sentem pertencentes e podemos dizer que a cultura, os modos de ser e estar naquele espaço, cultivados coletivamente por eles são uma amálgama desse sentimento identitário.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. UNICEF. **Educação comunitária:** imagine uma escola sem muros, aberta à comunidade. São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz 2009.


FREIRE, Paulo. **Política e educação:** ensaios. 6. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço:** Uma nova política da espacialidade. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MERLEAU-PONTY, **A prosa do mundo.** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SANTOS, Valdicélio Martins Dos. **Entre o visível e o sensível:** territorialidades presentes nas artes produzidas por crianças na escola em tempo integral em um território vulnerável. 2018. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, Governador Valadares – MG, 2018.

TORRES, Marcos. Podcast Sem Fronteira: **Geografia e arte.** 24 ago. 2020. Disponível em: <https://spotify.link/fSmgmlTkUyb>. Acesso em: 03 maios 2023.



O ambiente na perspectiva dos/das estudantes da E. E. Carlos Luz:

*“Este sim é o
lugar onde eu
vivo!”*

Parte cinco

5



Ilustração: Franthescka Canuto Neves

Fran

5 O AMBIENTE NA PERSPECTIVA DOS/DAS ESTUDANTES DA E. E. CARLOS LUZ: “ESTE SIM É O LUGAR ONDE EU VIVO!”

Eloísa Maria Ferreira de Almeida

Renata Bernardes Faria Campos

Roberta Karolline Silva Lopes

No presente texto, consideramos o ambiente como algo que inclui os seres humanos e suas ações. Não nos restringimos à compreensão do funcionamento dos sistemas naturais; consideramos sim, as inter-relações entre seres humanos e as forças da natureza. Consideramos que os impactos ou a degradação ambiental podem ser causados pelos seres humanos e, no sentido oposto, podem também afetá-los numa via de mão dupla, assim como as ações voltadas para a recuperação ou conservação ambiental, podendo, então, ser considerados como processos sociais (SUERTEGARAY, 2021).

Buscamos apresentar nossa conversa com estudantes da Escola Estadual Carlos Luz sobre o ambiente onde eles vivem. Para isso nós, da equipe do Laboratório Cidadão de Ecologia do Adoecimento e Saúde dos Territórios – LEAS da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, fomos à escola e conversamos com as/os estudantes. Nossas conversas se deram ao longo dos meses de setembro/2022, quando os/as estudantes estavam no 9º ano do ensino fundamental, até março/2023, quando a turma já estava iniciando o primeiro ano do ensino médio. A primeira conversa sobre o ambiente começou com a busca por entendermos se havia um alinhamento entre o que chamamos de ambiente e o que os estudantes reconhecem como ambiente também.

PERCEBENDO OS AMBIENTES A PARTIR DOS DESENHOS ELABORADOS PELOS/PELAS ESTUDANTES

Para verificar esse alinhamento, foi proposto que os/as estudantes fizessem um desenho coletivo do ambiente onde vivem. Começamos com a apresentação do grupo de pesquisa seguida da apresentação dos/as estudantes e professores/as da escola que acompanham a turma e colaboram com a pesquisa, sendo proposto aos estudantes que fizessem um desenho que representasse a ideia que tinham de ambiente, enfatizando os ambientes da comunidade em que estão inseridos.

Durante o desenvolvimento da atividade, o desenho de cada um era complementado pelos colegas do grupo, sendo possível perceber a restrição dos/as estudantes quanto aos desenhos, na possibilidade de alterar aquilo que o colega anterior havia construído e/ou permitir que este alterasse o que havia sido elaborado até então. Foi possível identificar, também, que os desenhos abordavam comportamentos, relações percebidas e os sentimentos dos participantes nas vivências cotidianas que são peculiares aos adolescentes nessa fase da vida. Essa proposta, além de propiciar o entrosamento do grupo, favoreceu a percepção de que o ambiente necessita do envolvimento de todos, e que, as ações de cada um podem contribuir positiva ou negativamente, de acordo com as atitudes desenvolvidas por cada indivíduo (Figura 1).

No segundo momento, foi proposto que os/as estudantes escrevessem em tarjetas de papel os nomes dos locais considerados (na visão deles) como locais importantes do ambiente onde eles/elas vivem. As tarjetas foram, então, colocadas em um grande cartaz em que os/as estudantes puderam apreciar o que o grupo entende ser representativo do ambiente onde vivem. Essas tarjetas foram levadas pelos pesquisadores para o LEAS e cada lugar foi ranqueado segundo o número de vezes que foi citado pelos/as estudantes (Figura 2).

Figura 1 – Atividade de produção do desenho coletivo do ambiente com os/as estudantes



Momento de orientação para a produção dos desenhos do ambiente onde os estudantes vivem a partir da questão: que lugares são importantes para se conhecer o Carapina? Após a orientação, os estudantes se organizaram em três grupos para a produção dos desenhos. Fonte: Equipe LEAS (2023).

Figura 2 – Locais importantes do ambiente onde vivem os/as estudantes



Reunião da equipe do LEAS para organização dos lugares apontados pelos estudantes como sendo os mais representativos do ambiente do entorno da Escola Estadual Carlos Luz, segundo o número de vezes que cada lugar foi apontado pelo grupo. Fonte: Equipe LEAS (2023).

No encontro posterior, apresentamos para as/os estudantes, por meio de cartaz, o compilado (ranking) dos pontos importantes a serem pesquisados, ora solicitados (Figura 3). O desdobramento da proposta teria como fim a organização de uma caminhada pelo bairro, no intuito de conhecer os ambientes indicados, a partir dos possíveis trajetos a serem percorridos para (re)conhecimento dos pontos levantados pelos estudantes. Salientamos, nessa perspectiva, a importância da participação dos estudantes, fazendo ponderações e intervenções, a fim de facilitar o conhecimento dos pesquisadores sobre os pontos levantados e elucidar as observações que não ficaram claras na visão dos pesquisadores.

Figura 3 – Lista de ambientes a serem visitados

INDICAÇÕES		SÍMBOLO	INDICAÇÕES		SÍMBOLO
ASDOG	05		Escadaria	01	
Antena	02		Esc. Carlos Luz	06	
Bar da	01		Igreja	05	
Bar da	01		JP do Corte	01	
Bar do	01		Lavanderia	08	
Bar	02		Mariquinha do Bstel	02	
Paulinho	01		Mer. do Giovane	01	
do Topete	03		Mer. do Hélio	01	
Bar do Zezim	02		Mer. do Lu	05	
Barraca da Nete	01		Mer. do Ze Paulo	02	
Buracão	10		Museu da Cidade	01	
Caixa d'água	01		Pz. da Marna	15	
Campinho	01		Posto de Saúde	04	
Cantinho do Céu	01		Posto Policial	01	
Casa de Cultura	01		Quadrado/MQ	04	
Casa do João	01		Rua Inhapi	02	
CEU das Artes	02		Rua Marajá	02	
CRECHE	01		Rua Tupinambá	01	

Apresentação da lista de ambientes a serem visitados, construída pelo grupo de estudantes da Escola Estadual Carlos Luz. Fonte: Registro realizado pela Prof.^a Roberta Karolline Silva Lopes (2023).

CONSTRUÇÃO DO ITINERÁRIO DA CAMINHADA: PONTOS DIVERGENTES PARA UM SÓ CAMINHO...

Nesse momento, os/as estudantes explicaram melhor a importância dos lugares e estabeleceram relação entre os ambientes apontados. Os/as estudantes se dividiram em dois grupos – organizados por eles próprios – para criar possíveis itinerários para a caminhada, sendo que um dos grupos foi composto exclusivamente por meninas e o outro exclusivamente por meninos. Foi possível perceber melhor as ponderações dos/as participantes quanto aos locais a serem visitados, assim como as diferenças de importância dada pelas meninas e pelos meninos, que elegeram grupos diferentes de lugares como sendo os mais importantes (Figura 4).

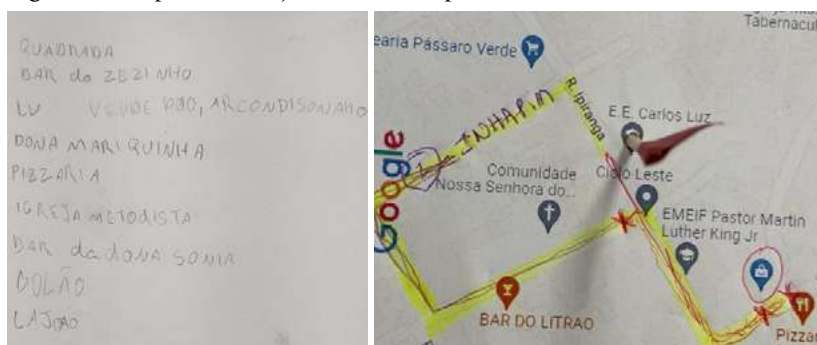
Figura 4 – Construção do itinerário da caminhada



Construção dos itinerários da caminhada até os lugares eleitos como os mais importantes do ambiente do entorno da escola. Fonte: Equipe LEAS (2023).

Apesar da divergência, um mapa orientador foi construído; contudo, no momento da caminhada, o problema veio novamente à tona, sendo necessária a intervenção dos pesquisadores²⁹, a fim de suscitar nos/nas estudantes uma definição única para a participação de todos e conclusão da tarefa. Na trajetória, seguimos pelos lugares que foram citados pelos estudantes e elencados no cartaz como: a quadra, o bar do Zezinho, a mercearia do Lu, Dona Mariquinha do pastel, a pizzaria da Mama, a igreja Metodista, o bar da Dona Sônia, o bolão (bioquê) e a laje ou lajão. (Figura 5).

Figura 5 – Mapa com o trajeto construído pelos/as estudantes



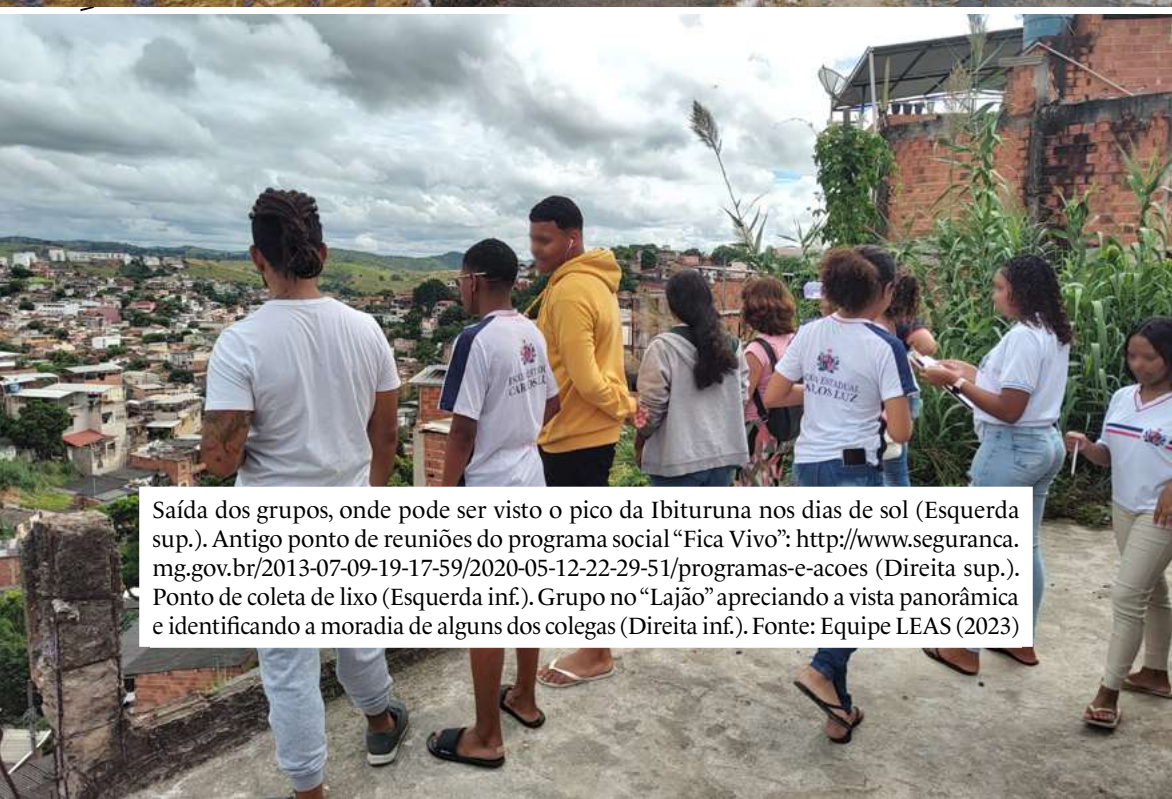
Trajeto construído pelos estudantes para caminhada (esquerda) e registro feito pelos estudantes dos pontos percorridos pelo grupo durante a caminhada pelo entorno da escola. Fonte: Equipe LEAS (2023).

Tivemos como ponto de partida a frente da escola, na rua Ipiranga e fomos encaminhados para a rua Tarumirim que dá sentido ao local denominado na comunidade como “Buracão”. Os/as estudantes informaram a origem dessa designação, explicando que ele se deu devido ao grande número de canaletas que havia no local para passagem do esgoto (JAMUR, 2016). Durante a caminhada, percebemos que a vista panorâmica do morro é bonita de todos os lados, destacando-se a privilegiada vista do pico da Ibituruna. Nas ruas e becos há muitas manifestações nos desenhos e escritos pelas paredes.

²⁹ Participaram da caminhada os pesquisadores Eloísa Almeida, Renata Campos, Maria Celeste Souza e Valdicélio dos Santos, vinculados ao programa de pós-graduação em Gestão Integrada do Território.



Figura 6 – Caminhada com os/as estudantes

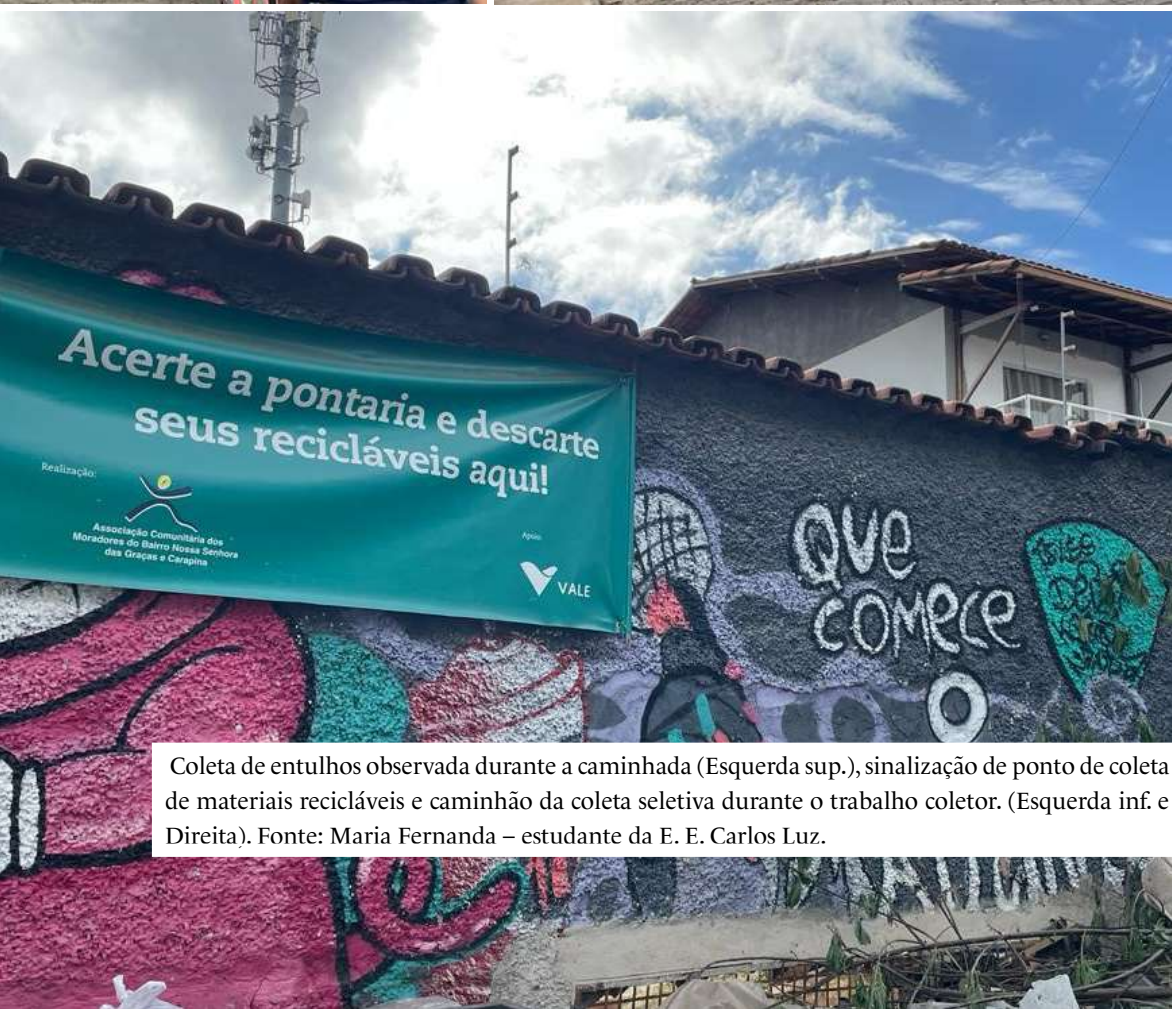


Saída dos grupos, onde pode ser visto o pico da Ibituruna nos dias de sol (Esquerda sup.). Antigo ponto de reuniões do programa social “Fica Vivo”: <http://www.seguranca.mg.gov.br/2013-07-09-19-17-59/2020-05-12-22-29-51/programas-e-acoas> (Direita sup.). Ponto de coleta de lixo (Esquerda inf.). Grupo no “Lajão” apreciando a vista panorâmica e identificando a moradia de alguns dos colegas (Direita inf.). Fonte: Equipe LEAS (2023)

O acesso às casas se dá pelos becos onde o tráfego de carros é precário ou impossível em muitos lugares, o que dificulta, por exemplo, a entrega de compras nas residências. No entanto, os moradores não se dão por vencidos e estratégias são criadas a fim de minimizar as dificuldades com o acesso. Segundo os/as estudantes, o entregador deixa o carro na rua Marajá e sobe a pé até as residências para fazer a entrega de mercadorias compradas. Para facilitar a referência, os moradores informam a rua Marajá, próximo ao número 110, que é o local até onde os veículos têm acesso. Percebemos, nesse sentido, o intercâmbio entre moradores e entregadores que propicia o alcance do objetivo. Os moradores não abrem mão, também, das entregas de lanches (delivery), que são concretizadas da mesma maneira que as demais compras.

Em função da dificuldade de acesso, também não há coleta de resíduos sólidos na porta de todas as residências, cabendo aos moradores levarem seus lixos até pontos de coleta que, por vezes não apresentam acomodação suficiente para todo o resíduo acumulado entre uma coleta e outra. Durante a caminhada, encontramos o carro da coleta seletiva de lixo e, nesse momento, os/as estudantes esclareceram que a coleta de lixo comum é feita três vezes por semana (segunda, quarta e sexta-feira) e que a coleta de materiais recicláveis é feita às terças e quintas pelo caminhão próprio e também por um morador que é catador da Associação de Catadoras e Catadores de Materiais Recicláveis Natureza Viva (ASCANAVI). Essa associação organiza a coleta no Buracão, que não é acessível para o trânsito de veículos em função das vulnerabilidades já citadas. O grupo também encontrou um caminhão de coleta de entulhos durante a caminhada (Figura 7).

Figura 7 – Coleta de entulhos observada durante a caminhada



Coleta de entulhos observada durante a caminhada (Esquerda sup.), sinalização de ponto de coleta de materiais recicláveis e caminhão da coleta seletiva durante o trabalho coletor. (Esquerda inf. e Direita). Fonte: Maria Fernanda – estudante da E. E. Carlos Luz.

TRILHA DE CONHECIMENTOS, PERCEPÇÕES, SENTIMENTOS E DESCOBERTAS

Outro aspecto relevante foi o fato de os estudantes, apesar de conhecerem o “Bolão”, antiga caixa d’água construída para abastecer a comunidade residente no Morro do Carapina, não terem muito conhecimento de sua origem e de que ele é conhecido como “Bioquê do prefeito”, como já citado neste e-book (GUIMARÃES; VILARINO, 2024). Nas proximidades desse ponto, os/as estudantes mostraram muita curiosidade acerca do que acontece dentro do terreno onde se encontra essa estrutura considerada como patrimônio da cidade de Governador Valadares. Alguns deles informaram que há uma pessoa da comunidade que cuida daquele espaço, porém, nele não há livre acesso para os demais moradores e, devido ao crescimento do bairro, foi necessário construir outra caixa d’água com capacidade para atender às necessidades das pessoas da comunidade. (Figura 8)

É possível notar a presença de árvores frutíferas, ornamentais e plantas medicinais cultivadas pelos próprios moradores; as casas são simples, por vezes bastante precárias, com telhados de amianto. O deslocamento das pessoas é dificultado por locais muito íngremes e que oferecem perigo de queda, entre outros. Por outro lado, é interessante que alguns dos/as estudantes mostraram um conhecimento muito preciso dos pontos de acesso às diferentes partes de localização para a comunidade do Carapina, assim como para o centro da cidade. Mas isso não é regra para todos os/as estudantes. Para muitos deles, as idas ao centro da cidade são esporádicas e só as fazem por muita necessidade, normalmente quando a ação a ser desenvolvida não tem possibilidade de ser realizada na comunidade. Segundo os estudantes, os pais vão ao centro para trabalhar e procuram resolver as situações para evitar que os filhos saiam de casa. Em função desse costume, a maioria

dos estudantes diz não conhecer pontos considerados importantes referências na cidade de Governador Valadares, tendo dificuldade de se situarem em relação ao centro ou à Avenida Minas Gerais, que corta a cidade....

Os/as estudantes relatam que viver naquela comunidade é muito bom e que têm prazer nisso. Salientam que a escola é o ambiente que mais gostam de ficar e que a frequentam mesmo quando não têm aula, pois vêm para participar de cursos como jiu-jítsu, caratê, futebol feminino/masculino e crochê. De acordo com os estudantes, aos finais de semana e feriados, eles utilizam a escola para praticar esportes na quadra. A quadra da ASDOG – Associação Samuel Domingues Gomes – é referência para eles também, pois a utilizam para os esportes e como opção para encontro com os colegas. A estudante Evelyn ressaltou com muito orgulho que “O Carapina não é um lugar de tiro”.

O sentimento de pertencimento foi evidenciado pelos estudantes nos momentos em que se percebiam em frente aos próprios locais de moradia, ou encontravam parentes e/ou vizinhos nas proximidades de suas casas. O historiador francês Michel de Certeau, mesmo não sendo geógrafo, nos ajuda a compreender as relações com o território, reconhecendo o bairro como “possibilidade oferecida a cada um de inscrever na cidade um sem-número de trajetórias” (CERTEAU, 2021, p.40). Nesse sentido, o bairro possibilita as inter-relações do sujeito, “espaço de uma relação com o outro como ser social” (CERTEAU, 2021, p. 41). A caminhada de quem passeia pelo seu bairro é sempre portadora de diversos sentidos:

“sonho de viajar diante de uma certa vitrine, breve sobressalto sensual, excitação do olfato sob as árvores do parque, lembrança de itinerários enterradas no chão desde a infância, considerações alegres, serenas ou amargas sobre seu próprio destino (CERTEAU, 2021, p. 42).

Figura 8 – Parada do grupo nas proximidades do “Bolão” ou “Bioquê do Prefeito”



O grupo parece não conhecer a história ou a importância dessa estrutura que é considerada patrimônio municipal. Fonte: Professora Roberta Karollinne (2023)

Durante a caminhada, o grupo cumprimentava as pessoas, parava para conversar e mostrar os lugares onde morava e, ao final, estudantes, pesquisador/as e professora saborearam um salgado na pastelaria da Dona Mariquinha.

A participação dos/as estudantes nesse projeto teve maior evidência ainda na construção deste texto. Eles foram convidados a fazer a leitura da escrita produzida, sob a coordenação e orientação da professora Roberta Karollinne Silva Lopes. Nesse sentido, tiveram oportunidade de analisar as percepções construídas acerca do ambiente do Carapina, a partir do olhar e na perspectiva dos estudantes da E. E. Carlos Luz. Em outro momento, tivemos uma roda de conversa com as/os estudantes, a fim de discutir o modo como traduzimos as suas narrativas sobre os vividos nesse território do ponto de vista do ambiente. Em função da participação dos meninos no JEMG (Jogos Escolares de Minas Gerais), quase todos os meninos estavam representando a escola nas modalidades esportivas. Participaram da análise do texto as estudantes Edmara Santos, Maria Fernanda Pedrete Teixeira, Evellyn Oliveira da Silva, Isabelly Moura da Silva e o estudante Gabriel Henrique Alves, tendo a professora Roberta como mediadora. Na primeira análise feita com a professora Roberta, além dos estudantes supracitados participaram também as estudantes Emily Nascimento, Brenda Moreira Felix, e os estudantes Keven William Leandro da Silva e Daniel Bonifácio de Carvalho. Após algumas observações, o texto foi apreciado pelos/as autores/as da análise que se mostraram emocionados/as ao presenciarem a história do território em que vivem ser mostrada amplamente e tendo (esses/essas estudantes) como protagonistas dessa história e dessas vivências.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar.** Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

GUIMARÃES, Maria Cristiana de O.; VILARINO, Maria Terezinha Bretas. O Morro do Carapina - registros oficiais e histórias contadas sobre ocupação e instalação de equipamentos urbanos *In: SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de et al. (orgs.). Conversando com a cidade: cartografias na Comunidade do Morro do Carapina, Governador Valadares - MG: Territórios vividos e Territórios Educativos [livro eletrônico]: Caderno Temático 2. Governador Valadares, MG: Univale Editora, 2024.*

JAMUR, Fernanda. **Favelização: Sentidos de um território invisível.** 2016. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, Governador Valadares – MG, 2016.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Meio, ambiente e Geografia.** Editora LUME. 2021.

Tecnologias digitais de informação e comunicação:

*Usos e acessos
dos/das
estudantes da
Escola Estadual
Carlos Luz*

Parte seis

6

Ilustração: Gabriel Henrique Alves de Souza

Gabriel H.



6 TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: USOS E ACESSOS DOS/DAS ESTUDANTES DA ESCOLA ESTADUAL CARLOS LUZ

Andrea Cecília Moreno

Cristiane Mendes Netto

Wildma Mesquita Silva

INTRODUÇÃO: CONECTANDO AS INFORMAÇÕES

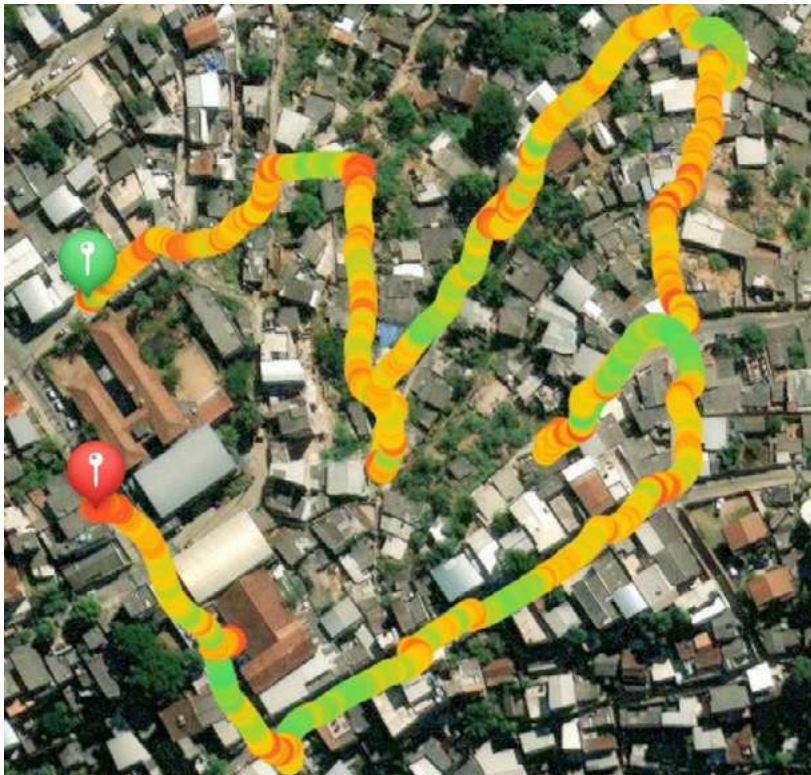
A chamada cultura digital, conforme apresenta Kenski (2018), integra perspectivas diversas vinculadas às inovações pela incorporação das tecnologias digitais e às conexões em rede, disponíveis para novos tipos de interação, compartilhamento e ação na sociedade. Percebe-se uma transformação em todas as esferas sociais e consideramos relevante observar como isso vem acontecendo no cotidiano escolar (ALMEIDA; NETTO; SOUZA, 2019). Com esse direcionamento e a partir das conexões das autoras com essa temática envolvendo as juventudes, as tecnologias e a educação, nos propusemos a participar do projeto de pesquisa, *Conversando com a Cidade*, da Universidade Vale do Rio Doce (Univale), e a cartografar como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) comparecem nas iniciativas e práticas de algumas escolas de educação básica, em Governador Valadares, Minas Gerais.

Neste capítulo, registramos as experiências relacionadas aos usos e acessos das TDICs por estudantes da Escola Estadual Carlos Luz, localizada no bairro Nossa Senhora das Graças, em Governador Valadares, Minas Gerais. A partir das interações com a comunidade escolar, levantamento de dados, oficina, visitas e caminhadas pelo bairro onde a escola se encontra, nos dedicamos a cartografar com os estudantes os usos e acessos das tecnologias.

Nas próximas seções, relatamos a nossa entrada no território, como adentramos no Morro do Carapina e na escola, com o olhar tecnológico, além de apresentarmos as iniciativas realizadas na escola: 1) realização da oficina do *Google My Maps* 2) pesquisa aplicada com estudantes sobre acesso e uso de tecnologias; 3) oferta do ensino médio em Tempo Integral de Técnico em Desenvolvimento de Sistemas; 4) práticas de produção de podcast no laboratório da escola; 5) Parceria com a empresa de tecnologia Apiki.

IMERSÃO NO TERRITÓRIO: CAMINHADA COM OLHAR TECNOLÓGICO

Figura 1 - Percurso da caminhada registrado por aplicativo de mapa



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2022).

Para nos conectarmos ao território onde a pesquisa seria realizada, a equipe se mobilizou para fazer uma caminhada pelo Morro do Carapina, no mês de novembro de 2022. A condução do percurso foi realizada por dois estudantes indicados pela escola e o nosso intuito foi observar o território pela ótica do acesso e uso das tecnologias. O percurso percorrido foi de 1,07 Km e realizado no entorno da escola. A Figura 1 apresenta uma imagem desse percurso, registrada por um aplicativo de mapas.

Ao entrarmos nesse território, adentramos com o olhar tecnológico, mas também observando as vulnerabilidades, como a acessibilidade física. Devido ao Morro do Carapina estar localizado em uma região íngreme, escadas e vias foram adaptadas para se transitar no local, exigindo atenção e esforço para os deslocamentos, como podemos observar na Figura 2.

Figura 2 - Deslocamentos e vias de acesso ao Morro de Carapina



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2022).

A caminhada pelo Morro nos fez refletir: “Estão todos conectados? Todos possuem os mesmos acessos? Todos possuem sinal de internet?” Ao observarmos a escola e o seu entorno, conseguimos

capturar conexões e vislumbrar possíveis acessos, conforme mostra a Figura 3.

Figura 3 – Disponibilidade tecnológica no Morro do Carapina e na Escola Estadual Carlos Luz



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2022).

Observamos, na rua da escola, vários cabeamentos de energia elétrica, além de uma grande torre de distribuição de internet. Na escola há um laboratório de informática com 18 computadores conectados à internet e *datashow*, para uso dos professores e estudantes. Em nossa primeira chegada ao espaço escolar, constatamos que a escola acolhe a demanda da tecnologia, pois possui um laboratório de informática bem equipado e conservado para uso da comunidade escolar.

OFICINA DE GOOGLE MAPS VIVENCIADA PELOS ESTUDANTES

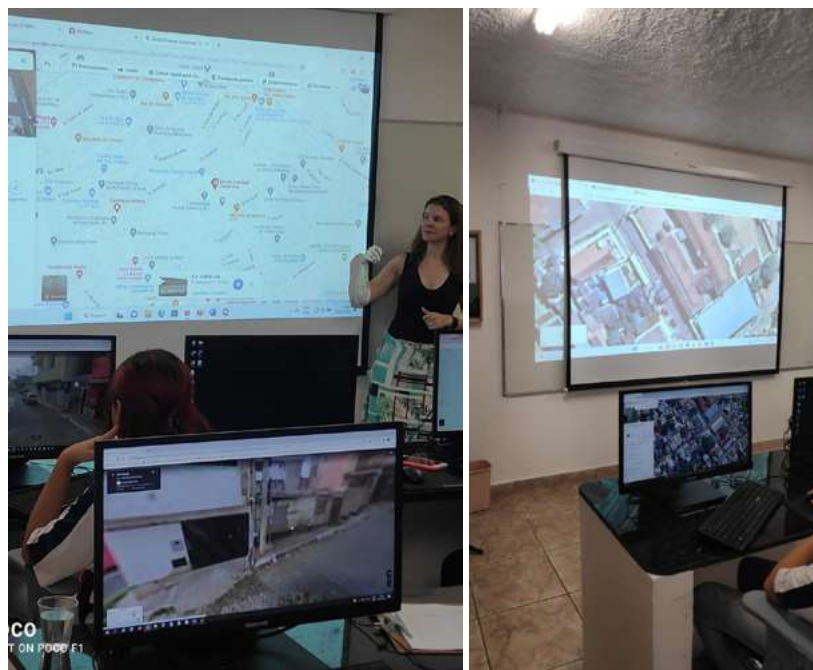
Com o objetivo de conhecermos os modos de apropriação dos lugares na Comunidade do Carapina pelos/as estudantes e proporcionar o uso das TDICs, nos propusemos realizar uma oficina no laboratório de informática da escola. Em acordo com a direção escolar, programamos uma agenda envolvendo os estudantes que já haviam participado de outras atividades do projeto. A oficina preparada consistiu no uso da ferramenta *Google My Maps*, oferecida pela plataforma Google e acessado via internet. O *My Maps* permite a criação de mapas digitais personalizados, com a indicação de locais e percursos nos mapas. Durante a oficina, inicialmente, foram feitas as orientações de acesso e demonstrado o uso da ferramenta. Em seguida, foi solicitado que os/as participantes criassem seus próprios mapas, identificando os lugares frequentados na Comunidade do Carapina e inserindo marcações personalizadas.

Participaram da atividade 16 estudantes, matriculados no 1º ano do ensino médio, e um dos primeiros desafios percebidos na realização da oficina consistiu no acesso a uma conta de e-mail que a plataforma *Google* requer. Observamos que a utilização de e-mail não era uma prática adotada pelos estudantes e eles

relataram que, até possuíam uma conta para fazerem uso nos seus aparelhos de smartphones, porém não estavam habituados a acessar, e muitos não recordavam as suas senhas de acesso. Orientamos que novas contas na plataforma *Google* fossem criadas ou que a atividade fosse realizada em grupos. Verificamos que apenas dois estudantes já conheciam o *My Maps* previamente, mas notamos que todos conseguiram fazer uso dos recursos rapidamente, não demonstrando dificuldades ou receios na oficina.

Durante o uso do *Google My Maps*, foram demonstradas as diferentes formas de visualização dos mapas, com imagens de satélite e com imagens das próprias ruas, usando recursos de aproximação para ver mais ou menos detalhes. Essas funcionalidades foram testadas pelos estudantes, conforme mostra a Figura 4, e despertaram curiosidades.

Figura 4 – Atividades realizadas durante a oficina de Google My Maps



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Destacamos, na realização dessa oficina, o interesse de uma das estudantes em saber mais sobre como as imagens eram obtidas, demonstrando curiosidade sobre o recurso tecnológico utilizado. Foi informado que o *Google* utiliza diferentes estratégias, tais como satélites, drones e carros com câmeras que visitam os locais. Observamos, ainda, que dentre os mapas criados pelos estudantes, os locais sinalizados com maior frequência foram a escola, a residência, o supermercado e o shopping. Ao indagarmos, durante a oficina, sobre outros espaços que eles frequentavam no bairro, tais como mercadinhos, farmácia, lanchonetes, salão de beleza, estratégia da saúde e da família, muitos/as estudantes relataram que há poucas opções e, por isso, preferiam ir para outros locais, fora do bairro, como o shopping da cidade.

ACESSO E USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Figura 5 - Participantes da pesquisa



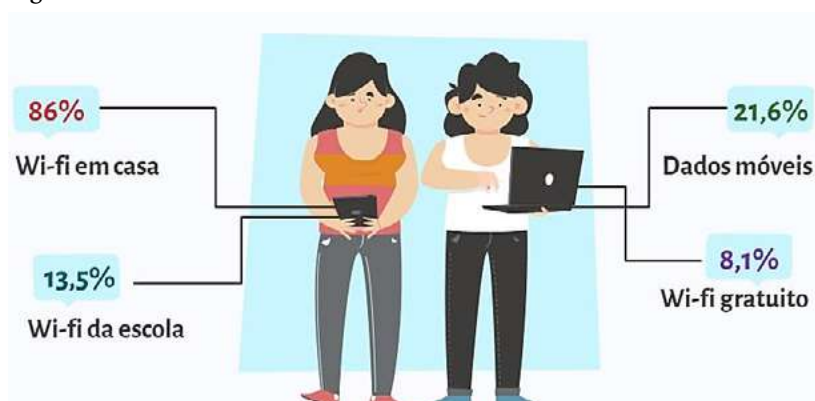
Fonte: Acervo da pesquisa. Elaborado pelas autoras (2023).

O questionário aplicado procurava saber sobre o tipo de acesso à internet, itens de comunicação mais utilizados, produção de conteúdo digital, atividades frequentes no celular e no computador, uso de equipamentos utilizados para estudar durante a pandemia.

Instigadas a saber mais sobre como os estudantes da Escola Estadual Carlos Luz usam as TDICs, elaboramos um questionário on-line para ser respondido de forma anônima pelos/as estudantes. Aproveitando a possibilidade de utilização dos equipamentos tecnológicos da escola e com o apoio da professora Liege Coutinho Goulart Dornellas, conseguimos a participação de 37 jovens (Figura 5).

Sobre o acesso à internet, foi importante constatar que 86% dos/as jovens têm wi-fi em casa. Eles também acessam o wi-fi da escola, em lugares de acesso gratuito, bem como pelo próprio plano de celular. Confira na Figura 6 outros dados sobre esse acesso.

Figura 6 - Acesso à internet



Fonte: Acervo da pesquisa. Elaborado pelas autoras (2023).

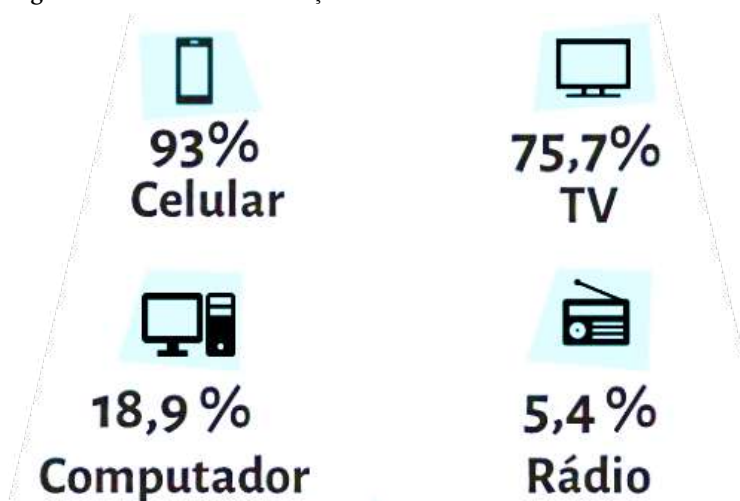
Diante desses dados, entendemos que os/as jovens pesquisados/as são estudantes conectados/as e ao mesmo tempo conhecem os benefícios e os desafios dessa conectividade. Um dos estudantes comentou com uma das pesquisadoras o seguinte:

“Ao mesmo tempo que é bom a internet, ao mesmo tempo dá pra fazer coisa ruim. Tem gente querendo mal, tem golpe [...] eu mesmo caí no golpe. Comprei dessa corrente aqui e [mostra os colares que usa] e não recebi. Caí no golpe. Ajuda mais também, se vc souber usar você consegue trabalhar com ela - viver da internet. É meu sonho, trabalhar com internet [...]” (Estudante da Escola Estadual Carlos Luz).

De acordo com as professoras Elaine Conte e Rosa Maria Filippozzi Martini (2015), é fundamental identificar o papel das tecnologias na educação como caminho para introduzir na prática docente o uso das tecnologias, ao mesmo tempo que “se coloca como uma possibilidade a mais para esclarecer nossas dúvidas em torno das propostas atuais” (CONTE; MARTINI, 2015, p. 1196). A escola pesquisada mostra, na sua escolha curricular, a busca por integrar à sua prática docente o uso das tecnologias e, dessa forma, evidencia-se uma educação para seu uso.

Outra questão analisada na pesquisa foram os meios de comunicação mais utilizados. Trata-se de um aspecto relevante para o processo de ensino mediado pelas tecnologias, uma vez que conhecendo quais os recursos para o acesso, o/a professor/a pode pensar nas metodologias dentro de sala de aula. Nesse sentido, 97,3% dos/as estudantes informaram que o celular é o aparelho mais usado. A opção revistas e jornais não foi mencionada pelos estudantes. Confira outros meios de comunicação utilizados pelos/as jovens na Figura 7.

Figura 7 - Meios de comunicação



Fonte: Acervo da pesquisa. Elaborado pelas autoras (2023).

O tipo de aparelho utilizado para o acesso à internet nos provoca a pensar no aspecto socioeconômico e, portanto, desde uma dimensão sociológica. Para analisarmos essa informação, nos embasamos no Resumo Executivo³⁰ - TIC Kids Online Brasil 2021, desenvolvido pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR|NIC.BR, 2022). O propósito dessa pesquisa foi investigar como a qualidade da conexão e a disponibilidade de dispositivos adequados para o acesso à internet pode limitar a participação de crianças e adolescentes no ambiente digital.

De acordo com esse estudo, o telefone celular é o principal dispositivo usado para acesso à rede (93%) entre os/as usuários/as de Internet com idades de 9 a 17 anos. Para 53% desse grupo, esse dispositivo foi o único utilizado para a realização de atividades on-line. A maior proporção de uso exclusivo do celular prevalece nas classes D e E com 78%, quando comparada com as classes A e B com 18%. A partir desses dados, identificamos que os/as estudantes da E.E Carlos Luz, que participaram da pesquisa, acessaram a internet na condição de jovens da classe C e D.

O computador foi o segundo equipamento investigado e, sobre ele, os/as participantes responderam que está presente em 27% das casas e 73% declararam não contar com esse recurso nas residências. Portanto, nesse universo de 37 participantes, 10 declararam que têm computador em casa e 27 não contam com esse equipamento na sua residência. Sobre as atividades mais frequentes realizadas com o computador, os/as estudantes utilizam-no, majoritariamente, para pesquisas com 70% das respostas; entretanto, não é utilizado para fazer leituras. Na Figura 8, detalhamos outras atividades feitas com esse recurso.

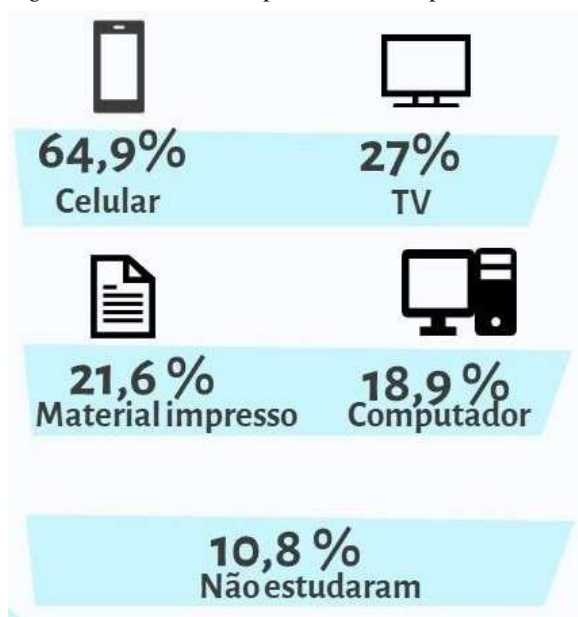
³⁰ Outras informações encontram-se disponíveis em: https://www.nic.br/media/docs/publicacoes/2/2022112112_0628/resumo_executivo_tic_kids_online_2021.pdf

Figura 8 – Atividades mais frequentes no computador



Fonte: Acervo da pesquisa. Elaborado pelas autoras (2023).

Figura 9 – Meios usados para estudar na pandemia



Fonte: Acervo da pesquisa. Elaborado pelas autoras (2023).

O uso prioritário do celular e do computador também se destaca quando se pergunta sobre os meios tecnológicos utilizados para estudar durante a pandemia. Desses valores, dois chamam nossa atenção: não foi mencionada pelos/as estudantes a falta de computadores em casa e o número significativo de jovens que não estudaram durante a pandemia. Observe na Figura 9 quais os meios mais usados pelos/as participantes da pesquisa durante a pandemia.

O fato de que 64,9% dos/as jovens usavam celular para estudar durante a pandemia e somente 16,2% utilizavam o computador, mostra a desigualdade no acesso e nos equipamentos, pois, entendemos que o problema não é só ter acesso, mas que sejam dadas as condições mínimas que permitam uma conectividade de qualidade. Trata-se de garantir o direito à educação numa sociedade considerada de informação e comunicação.

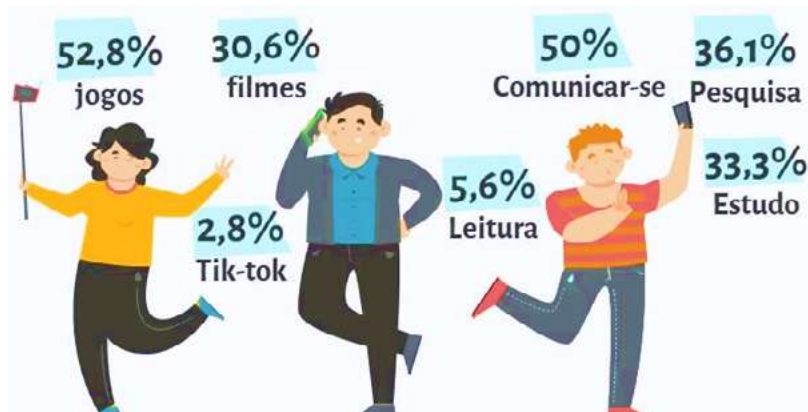
O período pandêmico que assolou o nosso planeta intensificou e evidenciou ainda mais as desigualdades sociais e educacionais. Refletindo sobre esse aspecto, ressaltamos as palavras do relatório TIC Kids quando afirma que: “[...] o período foi ainda mais adverso para a população em situação de vulnerabilidade socioeconômica e com condições de conectividade precárias” (TIC KIDS, 2022, p. 3).

O professor António Nóvoa (2022), no seu livro “Escola e professor: proteger, transformar, valorizar”, também nos interpela a pensar na escola pós-pandemia e na sua relação com a tecnologia, quando afirma que “o digital não é apenas mais uma ‘tecnologia’, instaura uma nova relação com o conhecimento e, por isso mesmo, uma nova relação pedagógica, redefinindo o lugar e o trabalho dos professores” (NÓVOA, 2022, p. 50). Portanto, as TDICs reconfiguram a relação com o aprender, com o conhecimento, com a escola e entre as pessoas. Para ele, torna-se fundamental “a criação de novos

ambientes de aprendizagem, que permitam o estudo individual e o trabalho de grupo, o acompanhamento pelos professores e projetos de investigação, trabalho presencial e através do digital” (NÓVOA, 2022, p. 28).

Das atividades realizadas no celular, 36,1% são para pesquisa, 33,3% para estudos e 5,6% para leitura. Isso demonstra que para esses/as jovens, o celular é um equipamento para estudo, há uma relação com os estudos que se estruturam com esse uso tecnológico. Confira outras atividades que os/as jovens fazem no celular (Figura 10).

Figura 10 – Atividades no celular



Fonte: Acervo da pesquisa. Elaborado pelas autoras (2023).

Figura 11 – Produção de material digital



Fonte: Acervo da pesquisa. Elaborado pelas autoras (2023).

Os meios tecnológicos também são utilizados para produzir material digital para compartilhamentos. Dos participantes, 19 disseram produzir com muita frequência, 12 deles com pouca frequência e 5 nunca produziram. Dentre os materiais produzidos encontram-se os seguintes, conforme Figura 11.

O questionário encerra solicitando a evocação de três palavras que se associam com “acesso e uso de tecnologias de informação e comunicação”. Os alunos mencionaram as seguintes palavras em grau de importância: celular, futuro melhor, aplicativo. Outras palavras mencionadas: aprender, informar, comunicação, estudos, jogos, notícias, games, Instagram, janelas abertas, youtube, rapidez, conhecimento, rede social, fotos, WhatsApp, music, conversa, empresa, criar jogos, entre outras (Figura 12).

Figura 12 – Palavras evocadas que se associam com as TDICs



Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras com o aplicativo WordArt (2023).

A pesquisa aplicada apontou elementos que nos ajudam a pensar e problematizar situações de cunho pedagógico e social. Do ponto de vista pedagógico, consideramos que a escola e os/as professores/as fazem opção curricular para ser uma escola que se destaque pelo uso e formação em tecnologias. Constata-se, também, que os alunos estão mobilizados a acessar os celulares para

participar de atividades educacionais como assistir aulas, pesquisar e estudar. Eles também são capazes de produzir materiais digitais como fotos, vídeos, podcasts. A escola conta, inclusive, com um espaço exclusivo para produção de podcasts que apresentaremos a seguir. Estimular essas práticas dentro de sala potencializa o ato educativo e cria engajamento dos alunos na construção dos conhecimentos. Portanto, entendemos que a escola tem potencial para ser referência na inserção das tecnologias digitais na sua prática pedagógica.

ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL DE TÉCNICO EM DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS

Na primeira experiência de visita à Escola Carlos Luz fomos conhecer o espaço do Laboratório de Informática, disponível nesse ambiente escolar. Deparamo-nos, nesse dia, com um grupo de estudantes tendo aulas de Algoritmos e Estruturas de Dados, com o professor William Gabriel Santos, egresso do curso de Ciência da Computação da Univale, ex-aluno de uma das pesquisadoras. Ao conversarmos sobre essa prática, ele nos informou que a escola desenvolvia o curso de Técnico em Desenvolvimento de Sistemas, incorporado ao ensino médio integral.

A oferta desse curso iniciou em 2020, pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), conforme apresenta o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Estadual Carlos Luz (PPP, 2022). Conforme descrito no PPP, as turmas são organizadas por ano de escolaridade (do 1º ao 3º ano) e possuem atividades em dois turnos, matutino e vespertino, tendo aulas dos componentes curriculares e das demais atividades integradoras. Durante os três anos de formação, os/as estudantes possuem os seguintes componentes curriculares: línguas portuguesa e inglesa, arte, educação física, matemática, história, geografia,

biologia, química, física e sociologia, além de outros componentes curriculares.

Os componentes curriculares específicos da formação em tecnologia são iniciados no primeiro ano, com introdução à lógica e introdução ao pensamento computacional. Nos anos seguintes são vivenciadas disciplinas da área de Desenvolvimento de Sistemas, tais como algoritmos e estrutura de dados, matemática discreta, arquitetura de sistemas, banco de dados e outras de desenvolvimento de software.

Não nos aprofundamos em analisar a forma de desenvolvimento dos componentes curriculares da área de Desenvolvimento de Sistemas, mas nos chamou atenção essa oportunidade de formação na área de tecnologia, que pode oportunizar a inserção dos/as jovens no mercado de trabalho, que tem demandado muitos profissionais, assim como incentivá-los a prosseguir seus estudos no ensino superior. Destacamos o espaço do Laboratório de informática, utilizado para as aulas do curso Técnico em Desenvolvimento de Sistemas. O ambiente conta com acesso à internet, *datashow* e 18 computadores, dispostos em 3 bancadas e uma bancada que permite usar até 6 notebooks, conforme Figura 13.

Figura 13 – Laboratório de informática da Escola Estadual Carlos Luz



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

O professor William, em depoimento à equipe de pesquisa, relatou que:

“O laboratório conta com computadores, com um projetor, computador para o professor conectado ao projetor, quadro branco e tela de projeção, que possibilitam aulas dinâmicas para os alunos e acompanhamento de atividades em tempo real. Para sanar dúvidas podem acessar a internet. Esta estrutura está dentro da atualidade para uma aula nos nossos tempos” (Professor William Gabriel Santos).

Dessa forma, reafirmamos que a escola acolhe e aposta na demanda da tecnologia, ofertando o curso técnico de Desenvolvimento de Sistemas, dentre tantas outras opções de cursos.

PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DE PODCAST

Durante uma visita à escola, fomos incentivados pelo diretor escolar a conhecer a sala, recém-inaugurada, de produção de podcasts, organizada mediante uma verba estadual recebida por um projeto apresentado pela escola. Um *podcast* é uma mídia digital com conteúdo em áudio, disponibilizado por meio de um arquivo ou internet, podendo abordar assuntos diversos. No ambiente, fomos recebidos pelo profissional Alan Guadalupe, responsável por acompanhar os/as estudantes nas produções realizadas no local. Ele destacou a qualidade dos materiais que foram adquiridos para equipar o ambiente, que dispunha de bancada com microfones e cadeiras para até 4 participantes, TV, mesa de controle de som e paredes com revestimento para isolamento acústico, conforme mostra a Figura 14.

Foi informado que uma primeira produção de podcast foi realizada naquela semana com um ótimo envolvimento dos estudantes, que se organizaram para escrever o roteiro e fazer a gravação do primeiro programa. As produções iniciais serão com convidados externos, escolhidos pelos estudantes e a direção escolar.

Em conversa com a professora Liege Coutinho Goulart Dornellas, foi ressaltado que apenas os/as estudantes do 3º ano estão participando, nesse momento, e que o propósito do projeto é dar autonomia e protagonismo aos estudantes nas produções, envolvendo-os na escolha do nome dos programas a serem desenvolvidos, do laboratório de produção de *podcast* e dos convidados a serem recebidos.

Figura 14 – Recursos do laboratório de produção de *podcasts* da Escola Estadual Carlos Luz



No momento da produção deste texto, tivemos conhecimento do canal de *Youtube* criado para publicação de *podcasts* da Escola Estadual Carlos Luz³¹. Constatamos que a primeira publicação³² foi feita em 24 de abril de 2023. Trata-se uma produção dos estudantes da escola em conversa com o secretário geral da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Prof. Dr. Edson Vieira. Observamos o protagonismo juvenil na produção técnica e desenvoltura na condução da entrevista. A Figura 15 apresenta um momento desse primeiro episódio do podcast.

Figura 15 – Estudantes da Escola Estadual Carlos Luz na produção de um podcast



Fonte: Imagem extraída de vídeo, disponível em: https://youtu.be/5lg_hrSAzfQ (2023).

Também tivemos conhecimento de uma participação dos estudantes da Escola Carlos Luz e do diretor Miguel Dias Maciel em uma gravação de um episódio do podcast *Elipse*, da Universidade Vale do Rio Doce, junto aos professores Elton Frederico Binda de Castro e Roberto Villela Filho e a Secretária de Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação da prefeitura de Governador Valadares, Beatriz de Almeida. A gravação desse *podcast*³³ aconteceu na Universidade Vale do Rio Doce, no dia 7 de junho de 2023.

³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@podcastcarlosluz>.

³² Disponível em: https://youtu.be/5lg_hrSAzfQ.

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/qToWYLi1qvw>.

Figura 16 – Podcast Elipse produzido com participantes da Escola Estadual Carlos Luz



Fonte: Imagem extraída de vídeo, disponível em: <https://www.youtube.com/live/qToWYLi1qvw> (2023).

Consideramos que as temáticas abordadas nos podcasts promoveram discussões sobre o acesso às universidades, com perspectivas de futuro juvenil vinculadas à continuidade de estudos no ensino superior.

PARCERIA COM A EMPRESA DE TECNOLOGIA APIKI

Em conversas com os estudantes e a direção da Escola Estadual Carlos Luz, tivemos conhecimento sobre a parceria da escola com a empresa de tecnologia Apiki. Segundo o Diretor Miguel Dias Maciel, a escola foi procurada pelo proprietário da empresa, Leandro Vieira, para participar de um projeto que visa inserir os estudantes na área de tecnologias, especificamente na produção de websites. O projeto, chamado Hello World, trouxe ainda outras parcerias, com uma instituição de iniciativa privada que cedeu o espaço para realização das atividades de formação e a Universidade Vale do Rio Doce, com a oferta de bolsas de estudos.

A participação na escola nesse projeto tem mais de seis meses e as atividades acontecem aos sábados, no horário de 8h às 12h, tendo um veículo de transporte para buscar e levar os estudantes. Além disso, foi destacado pelo diretor que os três notebooks que a escola recebeu foram fruto de doação vinda dessa parceria.

Um dos estudantes, em depoimento sobre o projeto, relatou:

“Projeto bom. Tirou várias dúvidas que eu tinha sobre internet. Apresentou várias coisas. Tô aprendendo bastante com os colegas e quando não tem é um dia ruim [...], mas, sábado agora vai ter, eu já estou na expectativa de aprender mais coisas [...]. A bolsa de estudos que nós ganhamos (não todos) eu vou fazer em tecnologia, desenvolvimento de sites. Eu vou ganhar se Deus quiser e vou ampliar nisso aí. Estou no segundo EJA, esse ano acaba [...] em casa, eu faço, tipo um dever de casa, que eu mesmo crio uns sites... em bloco de notas igual eles estão ensinando lá...desenvolvo alguns” (Estudante Waldir Da Silva Sergio Junior).

Consideramos que a abertura da escola para participação dos alunos nesse projeto foi inovadora, trazendo possibilidades de transformações sociais aos estudantes. De acordo com a comunidade escolar, mudanças de comportamento entre os estudantes que estão participando do projeto já foram notadas como: melhor autoestima, desenvoltura e autoconfiança na realização de tarefas da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONEXÕES REALIZADAS

Ao cartografar como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) comparecem na Escola Estadual Carlos Luz e no seu entorno, constatamos que a tecnologia está presente nesse ambiente e os/as estudantes usufruem e participam dela, por meio do Laboratório de Informática, do estúdio de podcast, além da oferta do ensino médio em tempo integral de Técnico em Desenvolvimento de Sistemas e parceria com a empresa de tecnologia Apiki.

Pela pesquisa sobre o acesso e uso de tecnologias, os dados nos apontam pelo menos quatro tipos de uso que os estudantes fazem dos meios tecnológicos: educativo, comunicacional, recreativo e de produção de conteúdo.

Dessa forma, ao analisar as conexões realizadas na pesquisa sob a perspectiva das tecnologias da informação e comunicação, evidenciamos que a Escola Estadual Carlos Luz não somente acolhe a demanda da tecnologia, mas aposta e investe nela. A escola possui um laboratório de informática, que pode ser usado pelos estudantes fora do horário de aula, desde que seja agendado previamente com a direção da escola. A escola fica aberta para uso dos espaços para além da comunidade escolar, fora o horário de atividades escolares.

Concluimos que a Escola Estadual Carlos Luz é uma referência para a comunidade local, devido à sua abertura e investimento na tecnologia, ao proporcionar um ensino de qualidade e possibilidades de avanços, apropriação e protagonismo por meio das tecnologias, aos jovens estudantes que acessam os estudos na referida escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Karla Nascimento de; NETTO, Cristiane Mendes; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. Ciberterritorialidades: tensões no cotidiano escolar e linhas de fuga traçadas por docentes e discentes. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 16, n. 43, p. 72-94, 2019. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/5810/47965638>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CETIC.BR|NIC.BR. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **TIC Kids Online Brasil: qualidade da conexão e dos dispositivos afetam a participação de crianças e adolescentes na Internet**. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121120628/resumo_executivo_tic_kids_online_2021.pdf Acesso em: 8 maio 2023.

CONTE, Elaine; MARTINI, Rosa Maria Filippozzi. As Tecnologias na Educação: uma questão somente técnica? **Educação & Realidade**, v. 40, n. 4, p. 1191-1207, 2015.

KENSKI, Ivani M. Cultura Digital. In: MILL, Daniel. **Dicionário crítico de Educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2018. p. 139-144.

NÓVOA, António. **Escola e professor: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/AIT, 2022.

**Territórios
vividos
pelos/as
estudantes
na E. E.
Carlos Luz**

Parte sete

7



Ilustração: Franthescka Canuto Neves e Maria Fernanda Pedrete Teixeira

7 TERRITÓRIOS VIVIDOS PELOS/AS ESTUDANTES NA ESCOLA ESTADUAL CARLOS LUZ

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Thiago Martins Santos

Roosvany Beltrame Rocha

“Porque vocês não fazem uma roda pra mostrar a escola que é aberta para a comunidade”.

“Eu fico na escola o dia todo, de manhã e até a noite quando fecha”.

Caro/a leitor/a,

Iniciamos a nossa conversa, neste texto, a partir dessas duas enunciações acima, que capturamos da fala de duas estudantes durante nossos encontros com as/os jovens dessa escola.

A primeira enunciação foi feita por Priscila Fonseca, que cursava o segundo ano do ensino médio, em 2022. A solicitação feita por ela foi dirigida à primeira autora deste texto à época da realização da “Roda de Saberes”, como parte das atividades do projeto de pesquisa. A roda que provocou a solicitação teve como tema “Em diálogo com os territórios” e o objetivo foi provocar a comunidade escolar e a equipe do projeto de pesquisa a refletir sobre a escola naquele território. Em atendimento à solicitação da estudante, realizamos, então, mais uma roda, a qual denominamos “Escola aberta para a comunidade”. Essa roda foi realizada na abertura da Feira de Ciências, no dia 19 de novembro de 2022. Convidamos você a acessar uma reportagem sobre esse evento, como uma forma de entrada nesse território-escola, ainda que de forma virtual.

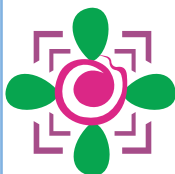
A “Roda de Saberes” é um programa do curso de Pedagogia, veiculado pela Univale TV, criado em 2009. Atualmente é organizado pelo curso de Pedagogia e pelo mestrado em Gestão Integrada do Território da Univale. Visa pautar temas educativos em roda de conversas, estabelecendo interlocução entre escolas e universidade, inspirando-se em uma pedagogia do diálogo, como nos ensina o educador Paulo Freire.
<https://www.youtube.com/watch?v=YnMe3cJRNNs>

A segunda enunciação é da Ana Carolina de Oliveira, uma jovem que integra o grupo de cartógrafos/as, e foi proferida durante a realização de uma oficina³⁴ com estudantes, na qual visávamos produzir cartografias da escola que evidenciassem as vivências de estudantes e os sentidos de pertencimento a esse território. Na oficina, também buscamos cartografar outros territórios vividos pelos estudantes e que eram acessados por eles por intermédio da escola, como nos mostrava a nossa experiência junto ao grupo.

A proposição dessa oficina foi intencional, pois no movimento das diferentes atividades que nosso grupo de pesquisa promoveu durante o semestre (oficinas, rodas de conversa, caminhadas, rodas de saberes) ou do acompanhamento da Feira de Ciências, fomos constatando a centralidade da escola para o grupo de cartógrafos/as, bem como para a comunidade escolar e para a comunidade do Morro do Carapina. Ou seja, a Escola Estadual Carlos Luz é o centro para o qual convergem e de onde irradiam os principais movimentos da comunidade do Morro do Carapina. A escola é tratada como um território educativo por excelência e é por meio dela que os/as estudantes acessam outros territórios do morro e da cidade.

³⁴ Agradecemos o apoio de docentes da Escola Estadual Carlos Luz durante a realização das atividades com a turma: Aluízio Couto (Sociologia); Raquel Cristina de Almeida Melo e Silva (Matemática).

Neste texto, relatamos os territórios vividos por esses/as cartógrafos/as na escola e a partir dela. Antes de ler este relato, convidamos você a conferir as duas rodas de saberes que foram realizadas na escola, novamente como um convite de entrada nesse território denominado Escola Estadual Carlos Luz³⁵.



Roda de Saberes “Em diálogo com os territórios” –
Escola Estadual Carlos Luz. <https://www.youtube.com/watch?v=vXNQmKKEsyE>



Roda de Saberes “Escola aberta para a comunidade” –
Escola Estadual Carlos Luz. <https://www.youtube.com/watch?v=C9FtlPifXuo>

ESCOLA ESTADUAL CARLOS LUZ, UM TERRITÓRIO EDUCATIVO

No texto, “Viagem em torno do território”, o geógrafo Joel Bonnemaïson (2002) define o território como um derivado da cultura, já que é pela cultura que se cria um território e é por meio dele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre cultura e território. De acordo com Bonnemaïson, o território é, ao mesmo tempo, um espaço socialmente produzido e um espaço culturalmente vivenciado. O autor conclui o texto afirmando que “não basta viajar em torno do território; é preciso realmente invadi-lo” (BONNEMAISON, 2002, p. 131), sugerindo que é necessário acessar e conhecer os meandros do território.

Partindo desse direcionamento, relatamos aqui nossas atividades de pesquisa com os cartógrafos/as dessa escola e porque

³⁵ Logo do programa “Roda de Saberes”. a consideramos um território educativo,

depois de conhecermos suas tramas internas. Para tanto, buscamos respaldo nos trabalhos do educador Paulo Freire para refletir sobre a importância de “gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar” (FREIRE, 1996, p. 23), considerando que esse educador pensava a escola como espaço de relações humanas, formação cidadã, defendia o diálogo entre escola e cidade (FREIRE, 2001). Conforme nos ensina o educador, é necessário observar os gestos de cuidado com o ambiente, com o outro, com o modo de ensinar, com a escuta sensível das “experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente, se cruzam cheios de significação” (FREIRE, 1996, p. 24).

Gostamos desse modo de compreender a escola proposto por Paulo Freire e por isso o trouxemos como inspiração para o nosso relato. Entendemos que ele nos permite afirmar que a escola é um território educativo onde todos, à sua maneira, educam e são educados, e que os/as jovens que se encontram na escola podem construir cartografias que nos contam os seus cotidianos vividos nesse território.

Como já dito, em nossos contatos com estudantes durante o tempo em que estivemos na escola, fomos colhendo relatos das suas experiências na escola, e para melhor compreender suas vivências e os acessos a outros territórios, promovemos uma oficina no mês de fevereiro de 2023, da qual participaram 14 estudantes do 1º ano do ensino médio. Eles foram divididos em três grupos que produziram mapas, apresentando em cartolinas os territórios da escola, especialmente os de suas preferências. O primeiro grupo foi formado por Brenda, Emily, Ana, Evelyn e Franthescka. O segundo foi composto por Jorge, Kevin, Maria Fernanda e Thiago. E, por

fim, o terceiro grupo teve como participantes, Daniel Camilo, Igor, Esdras e Daniel Bonifácio.

Para a confecção dos mapas, duas foram as questões norteadoras: (I) O que vocês, jovens, gostam de fazer na Escola? (II) O que a comunidade pode fazer na Escola? Como resposta à primeira questão, foram apontados o crochê, a informática, o Jiu-Jitsu, o *podcast*, o futebol feminino, a participação em campeonatos de futebol, a “*comida boa da cantina*”. Foi-nos dito que algumas dessas atividades são acessadas pela comunidade externa, o que responde à segunda questão. Conforme nos relatam os/as estudantes, para cada atividade há espaço, recursos específicos, parcerias, horários determinados, normas e acordos para os grupos definidos, o que nos permite dizer que elas constituem territórios educativos que compõem o território maior, que é a Escola. Desse modo, os cartazes produzidos nas oficinas e os relatos feitos pelos/as estudantes nos mostram a Escola Estadual Carlos Luz como um “território plural” (ZAMBRANO, 2008), constituído por uma multiplicidade de territórios.

Para melhor compreender a Escola e essa multiplicidade de territórios que a organiza, realizamos um novo encontro com a turma no mês de abril, no qual discutimos a primeira versão do texto que havíamos produzido. Pela voz dos/das estudantes apresentamos a você, leitor/a, um pouco dessas atividades acompanhadas de fotos que foram selecionadas pelo grupo e links de redes sociais, também indicados por esse grupo.

MENINAS DO CROCHÊ

A Figura 1 apresenta o Projeto “Meninas do crochê” que teve início em 2022, sob a coordenação da professora Celiane Oliveira (bibliotecária naquele ano), a partir da sua percepção do desejo dos/as estudantes da escola de nela permanecerem após o término das aulas, às 15h30.

Figura 1 – “Meninas do crochê”



Fonte: Recuperada do Instagram da E.E. Carlos Luz (2023).

No início, como relata a Celiane, o grupo foi formado por meninas, mas, aos poucos, os meninos também se interessaram. O grupo iniciou com a produção de pulseiras, chaveiros e a proposta de produzir roupas. Os produtos eram comercializados na escola, entre estudantes, profissionais da escola e, também, para outras pessoas “de fora” que têm contato com a escola e com o projeto.

E aí tia, a gente vai ficar depois do horário”?

Essa é a pergunta que Celiane escuta dos/as estudantes da escola, como ela relata.

Confira seu relato na roda de saberes “Escola Aberta para a Comunidade” <https://www.youtube.com/watch?v=C9Ft1PIfXuo>

Figura 2 – Produção do “Meninas do crochê”



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Atualmente, o projeto é coordenado pela professora de Matemática, Raquel Cristina de Almeida Melo e Silva, que nele atua como voluntária, e acontece às segundas e quartas-feiras, a

partir das 16 horas. A estudante Ana relata que se inseriu no grupo desde o começo e que já fazia crochê em casa, mas prefere tecer no “meninas do crochê”. Ana nos conduz à biblioteca da escola e nos apresenta a produção do grupo (chaveiros e bolsas).

FUTEBOL MASCULINO

Como relata o estudante Tiago Moreira, capitão do time, o projeto começou no ano de 2021, atendendo a todos que se inscreviam e acontece, desde então, todas às terças e quintas-feiras, às 20 horas e tem como treinador João Pedro Dias (o “Peu”), jovem morador da comunidade, estudante da Educação de Jovens e Adultos, na escola. No ano de 2023, o futebol foi direcionado aos estudantes que estavam inscritos para participação nos Jogos Estudantis de Minas Gerais (JEMG), campeonato esse do qual participam as equipes vencedoras dos Jogos Estudantis de Valadares – JEV. Para Rafael, um dos estudantes inscritos no projeto, era necessário focar nos jogos e recompor o time, que para *“ele é uma segunda família”*. No momento da oficina, pudemos observar o sentimento de pertença do grupo com o espaço escolar, por meio do projeto do futebol, pois expressava ser prazeroso estar na escola em qualquer tempo, como nos revela um dos estudantes *“saiu do serviço e dá vontade de vir à escola jogar, à noite, a todo momento”* (Maycon).

A figura 3 foi escolhida por Tiago Moreira para ilustrar este relato.

Figura 3 – Time de futebol da escola (2023)

Fonte: Acervo pessoal do estudante Tiago Moreira.

FUTEBOL FEMININO

O futebol feminino iniciou no dia da mulher, em 2023, por proposta da Brenda e da Izabelly e outras colegas de turma, como uma reivindicação, ao se verem diante do futebol como esporte mais masculino do que feminino. Proposta acolhida pelo diretor Miguel Dias Maciel, que discutiu com as estudantes como viabilizá-la, atuando no início como treinador. Maria Fernanda, estudante que participa da atividade, relata que elas tentavam jogar com os meninos, mas não eram aceitas, com o argumento de que elas não sabiam jogar.

As “meninas do futebol” se reúnem de 18h30 às 20h, às quartas-feiras e como relata Isabelly *“é um esporte que todas as meninas gostam bastante”*. Brenda destaca que *“o futebol é um lugar aberto para a comunidade onde todas podem jogar a vontade, as meninas podem se encontrar, conversar de boa, não tem vergonha”*.

No movimento desta pesquisa, acolhendo a solicitação do diretor da escola, para que o futebol pudesse continuar precisava de uma treinadora, e, então, foi propiciada a interlocução com o curso de Educação Física da Univale, por meio do Projeto de Extensão Escola de Esportes, e a estudante Camila Pereira da Silva passou a atuar como treinadora do time. Maria Fernanda se sentiu transformada pelo futebol e relata:

Figura 4 – Futebol feminino



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Camila Pereira da Silva (2023).

“No início foi estranho, a gente demorou a costumar, teve umas dificuldades, cada uma pensava de um jeito, mas teve o treinamento... enfim tá sendo bom, divertido e se Deus quiser a gente vai disputar o campeonato. Eu era goleira e agora jogo na linha. Tem sido muito bom para as meninas”.

Importante destacar que as estudantes apresentam o futebol como uma atividade aberta à comunidade do Morro do Carapina. Portanto, é também procurada por outras jovens que estudam em outras escolas do centro da cidade e que não moram na comunidade, e sobem o morro para jogar.

PODCAST

No movimento de leitura do texto com os/as estudantes, foi apresentado o *Podcast* “*Na quebrada*”³⁶ e a Rádio-Escola. Os/as estudantes relataram que a sala do *Podcast*, será, também, o local da Rádio-Escola, A sala estava pronta e as atividades com o *Podcast* foram iniciadas. A proposta é que as temáticas discutidas se relacionem ao Carapina e a outras de interesse dos/as estudantes.

Isabelly explica que os temas e as pessoas entrevistadas são escolhidos pelos/pelas estudantes ou pela escola, mas é sempre discutido com eles/as sobre quem entrevistarão e como serão as questões das entrevistas. Tiago explica que o *Podcast* e depois a Rádio são “*para escutar a comunidade*” (Tiago Moreira Alves). Isabelly participou de um *Podcast* como entrevistadora e reflete sobre a experiência: “*Podcast é interessante para todo mundo. Eu fui no Podcast e falamos do Parlamento Jovem*”.

Em outro momento, quando retornamos para discutir com o grupo sobre o que havíamos produzido sobre o *Podcast*³⁷, Tiago teve a iniciativa de chamar Miguel, diretor, para um “papo” sobre essa atividade.

“A escola estadual Carlos Luz foi vencedora do prêmio Escola Transformação no ano de 2021, e nesse cenário recebeu recursos do governo de Minas e tivemos a ideia de investir no Podcast para trabalhar com as jovens habilidades de informática e protagonismo juvenil. Eles são os entrevistadores e fazem as pautas. Temas e entrevistados são escolhidos por estudantes. Agora o desafio é capacitar os meninos para todo o processo de gravação, diagramação e edição. Estamos em fase de diagramação de Podcasts que já foram gravados. Toda pessoa que vem executar ação ou atividade na escola acaba estabelecendo parceria em função da unicidade que vê aqui.”

³⁶ No último capítulo deste e-book aparecem outras informações sobre o *Podcast*.

³⁷ Encontro realizado no dia 24 de maio de 2023 (14h às 15h:30). Participaram da conversa as estudantes Brenda, Edimara, Evellyn, Isabelly e os estudantes Keven e Tiago.

Posso fazer uma escola em uma área de risco social onde os meninos podem ser tratados com respeito e ofertado a eles oportunidade” (Relato Do Miguel Dias Maciel).

Fomos também conduzidos pelo grupo à sala do Podcast e fotografamos o ambiente que foi cuidadosamente construído e equipado. (Figura 5).

Figura 5 – Sala da Podcast e Rádio-Escola



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Foram também relatadas outras experiências dos/as estudantes como a prática do Jiu-Jítsu (terça-feira e quinta-feira, de 18h às 19h e 19h às 20h) que é aberta a estudantes e para pessoas da comunidade que desejarem. Isabelly relata que pratica há um ano e gosta das “lutas, exercícios”. Também já aconteceram vôlei de quadra e de praia para estudantes da escola e pessoas da comunidade que desejassem participar. Comparece, nos desenhos feitos pelos/as estudantes, a sala de informática como um local acessível e do qual gostam. A sala pode ser utilizada para aulas do componente curricular e após o horário das aulas com autorização da direção. Ressaltam que sempre é possível usar o laboratório se o ambiente estiver “livre”.

A biblioteca é também um território aberto a estudantes e à comunidade do Morro do Carapina. Na proposta construída, a biblioteca é de uso comunitário, tendo o estudante como titular da conta para viabilizar os empréstimos das obras literárias.

O PROGRAMA FICA VIVO! NO TERRITÓRIO DO CARAPINA

Como território educativo acessado pelos/as jovens estudantes, identificamos o Programa Fica Vivo!, cujo objetivo é atuar na prevenção e na redução de homicídios dolosos de adolescentes e jovens de 12 a 24 anos, em áreas que registram maior concentração desse fenômeno, por meio da proteção social e intervenção estratégica. Criado em Minas Gerais, no ano de 2003, o Fica Vivo! compõe, desde então, a Política Estadual de Prevenção à Criminalidade, da Secretaria Estadual de Justiça e Segurança Pública.

Para saber mais, acesse:

1. <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/projeto-fica-vivo-aco-es-estrategicas-mobilizacao-e-participacao-social-interferem-positivamente-na-sociedade/>
2. <http://www.seguranca.mg.gov.br/2013-07-09-19-17-59/2020-05-12-22-29-51/programas-e-aco-es>

Sobre o Programa Fica Vivo! em Governador Valadares, sugerimos a leitura da dissertação de mestrado de Ana Lídia Cristo Dias, produzida no mestrado em Gestão Integrada do Território GIT/Univale. Disponível em: <http://www.pergamum.univale.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/000000d6.pdf>. Acesso em 14 mai. 2022.

Sobre o Fica Vivo! no Morro do Carapina e as parcerias com a escola, conversamos com Thayse Rodrigues Riva, analista social do Programa, e compartilhamos com você, leitor/a, o que aprendemos sobre esse território educativo.

Qual a importância do Fica Vivo! para a comunidade do Morro do Carapina?

O Programa Fica Vivo! se constitui como uma importante alternativa de prevenção social à criminalidade nas comunidades em que atua. No Morro do Carapina, percebe-se o quanto a comunidade e jovens validam o Programa, com participação expressiva em todas as atividades propostas e abertura para possíveis construções. É a partir das intervenções que os jovens vão ampliando as possibilidades de que há outras escolhas para além do envolvimento com a criminalidade. O diálogo no Fica Vivo! é pautado na escuta sensível, ética e respeitosa e tem como resultado seu trabalho reconhecido pelo jovens e comunidade, e comprovado nas estatísticas da Polícia Militar.

Desde quando o Fica Vivo! está no Carapina?

O Fica Vivo! foi implantado na região do Carapina em novembro de 2013, tendo suas primeiras oficinas em funcionamento em setembro de 2014.

Quantos jovens do Carapina estão inscritos no Fica Vivo?

No ano de 2023 (janeiro a abril), o Programa Fica Vivo! Carapina atendeu a 570 (quinhentos e setenta) jovens em toda sua área de abrangência (Carapina, Morro do Querosene, Santa Efigênia, Santa Helena e Monte Carmelo). Destes, 35% são adolescentes e jovens moradores do bairro Carapina. O Programa atende, aproximadamente, a 280 (duzentos e oitenta) adolescentes e jovens

por mês, sendo 100 (cem) [oficinas] das 02 (duas) oficinas que acontecem no Morro.

Quais parcerias o Fica Vivo! mantém com a Escola Estadual Carlos Luz?

O Programa Fica Vivo! e a Escola Estadual Carlos Luz são parceiros em diversos projetos em prol dos adolescentes e jovens da comunidade. Atualmente, a escola cede espaço para o acontecimento das oficinas de Futsal e Beleza no Morro e para atendimentos individuais ou em grupos, além de ser parceira nos projetos locais e de circulação construídos com os jovens.

Temos oficinairos da comunidade do Carapina participando do Fica Vivo?

Sim, dos 7 (sete) oficinairos desta Unidade, 4 (quatro) são da comunidade do Carapina.

Em nossas andanças pelo bairro, identificamos referências ao Fica Vivo!, como a Figura 6, capturadas durante uma das nossas caminhadas pelas ruas do Carapina, com um grupo de estudantes desse território.

Figura 6 – Grafites com referências ao Fica Vivo!



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

CONECTANDO ESCOLA E TERRITÓRIOS

Escolhemos, para finalizar as discussões neste texto, a fachada da Escola Estadual Carlos Luz, com destaque para a logo da escola. Esse símbolo constou das produções dos/as estudantes quando elaboraram seus mapas, demarcando a importância da escola nesse território.

Em um primeiro olhar, a imagem nos mostra um espaço fechado, mas nos diálogos que travamos com os/as cartógrafos/as nos foi apresentada uma escola aberta que se faz presente como um território educativo integrado à comunidade. A escola é aberta à entrada de outros atores da comunidade e da cidade que podem contribuir para o protagonismo juvenil e para ampliar as possibilidades dos/as jovens nesse território, independentemente da jornada escolar (tempo parcial) ou tempo integral. Destacamos como equipe de pesquisa o cuidado e o investimento no ambiente escolar – qualidade da quadra que propicia os esportes e demais ambientes, salas de aula, sala de Podcast, dentre outros. Podemos confirmar o esforço da escola em desconstruir lógicas de que aprendizagens só ocorrem na sala de aula, em se tornar um espaço protetivo nesse território e um espaço de convivência juvenil.

Figura 7 – Fachada da escola



Fonte: www.google.com.br/maps. Acesso em jun. 2023.


REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. *In: Geografia cultural: um século.* (Orgs) Roberto Lobato Corrêa; Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83- 132.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 2001.

ZAMBRANO, Carlos Vladimir. Territorios plurales, cambio sociopolitico y gobernabilidad cultural **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 9–50, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4733>. Acesso em: 23 mai. 2023.



Memórias das infâncias em uma creche na Comunidade do Morro Carapina:

*A (re)constituição
do passado e do
presente*

Parte oito

8



Ilustração: Maria Fernanda Pedrete Teixeira

8 MEMÓRIAS DAS INFÂNCIAS EM UMA CRECHE NA COMUNIDADE DO MORRO CARAPINA: A (RE)CONSTITUIÇÃO DO PASSADO E DO PRESENTE

Valdicélio Martins dos Santos

Karla Nascimento de Almeida

Eu não amava que botassem data na minha existência.

A gente usava mais era encher o tempo.

Nossa data maior era o quando.

O quando morava em nós.

A gente era o que quisesse ser

só usando esse advérbio.

Manoel de Barros (2006)

Ao transitarmos por diferentes territórios, nos conectamos às histórias de pessoas, de diferentes gerações. Jovens e adultos que foram crianças, e crianças vivendo suas infâncias na escrita de suas histórias de vida. Nos territórios percorridos, encontramos gestos, sons, cores, sabores e cheiros que movimentam as cidades. São ruas, quintais, escolas, praças, casas, símbolos, significados, significantes, preenchidos por corpos brincantes, trabalhadores e artísticos que auxiliam no fortalecimento das memórias de um povo em seu espaço sem datar sua existência, assim como nos recorda o poeta Manoel de Barros.

Este texto ecoa as vozes de três jovens estudantes, Brenda, Edimara e Evellyn, moradoras da Comunidade Morro do Carapina, que em diferentes momentos da pesquisa, nas rodas de conversas, resgataram em suas histórias de vida, as memórias de quando foram crianças e estudaram na creche da comunidade, que atualmente recebe o nome de Escola Municipal de Educação Infantil Pastor Martin Luther King Jr. Ao evocar este microterritório como importante para a formação de suas vidas no bairro, fomos

instigados a realizar um encontro extra e inusitado a essa escola. Assim, convidamos para essa prosa e para compor este e-book o pesquisador Valdicélio Martins, que já havia feito andanças pelo território do Carapina com crianças dessa instituição de Educação Infantil em sua pesquisa de mestrado e agora, no doutorado, ampliou a pesquisa com as infâncias no bairro. (Figura 1).

Figura 1 – Fachada atual da Creche



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Assim, após o exercício etnográfico de circular com as/os estudantes do 9º ano pelo território, visitamos a creche³⁸ e realizamos uma roda de conversa com a participação das jovens e das atuais professoras da escola, com o objetivo de resgatar as memórias das jovens sobre o espaço, que expressaram, em outros momentos, a importância da instituição para a comunidade.

Reportamo-nos ao passado para tecer o presente e percebemos que as pessoas, independentemente da geração, vivem imersas em seus atos cotidianos, como a volta ao parque; o caminhar até a escola em um dia ensolarado; o barulho dos carros que atravessam a avenida; o latido do cachorro da vizinha; a buzina das motos e dos automóveis; a (im)possibilidade de transitar livremente pelos espaços; dentre outras situações inusitadas ou presentes em seu e nosso dia a dia. Esses fatores, físicos ou simbólicos, nos permitem reviver memórias para (re)construção histórica da vida de pessoas por meio de artefatos, objetos, formas e significados (SANTOS, 2018).

Nessa perspectiva, entendemos que para acordar memórias adormecidas é preciso vivenciar, aguçar os sentidos, para que eles revivam os momentos que podem ser de forma visual, olfativa, tátil, auditiva, ou até mesmo pela memória coletiva que faz acordar o passado. Para Halbwachs (1990), o indivíduo que lembra é sempre aquele inserido em grupos de referência e por mais que

³⁸ Tomaremos, neste texto, o termo creche para designar a instituição de Educação Infantil Escola Municipal de Educação Infantil Pastor Martin Luther King Jr, por se tratar de expressão do uso cotidiano da comunidade. Reconhecemos a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, que para efeito de organização utiliza a nomenclatura creche para crianças de 0 a 3 anos de idade, e Pré-escola para crianças de 4 e 5 anos.

a memória seja construída em grupo, ela é do indivíduo, ou seja, a partir das lembranças de um grupo, pode se tornar uma memória viva.

Proporcionar às jovens estar em contato com antigas professoras e revisitar a creche tornou-se um modo de reavivar

as memórias do grupo, e instigou as memórias das professoras, que não só lembraram de quando foram docentes das jovens, mas de quando, também, foram crianças que estudaram naquele espaço.

“Nossa, aqui não era assim, tinha uma horta que a gente cuidava e servia para fazer a comida da gente. Era uma comida boa, viu. Aqui era tudo de terra, não tinha piso igual tem agora” (Estudante Brenda, 2023). “Sou moradora³⁹ do bairro Carapina desde os 5 anos de idade, início dizendo que amo minha comunidade, frequentadora da Igreja Metodista Wesleyana, também localizada no bairro Carapina, hoje casada, mãe de uma linda menina” (Professora Edna, 2023).

Reviver lembranças independe da geração. Uma criança pode reviver suas memórias, bem como um idoso. Contudo, as memórias coletivas nos aproximam ainda mais das ideias de Halbwachs (1990) que, estudado por Schimidt e Mahfoud (1993), nos coloca que estar em grupo é uma forma de reativar os pensamentos, é “confundir o passado” que “está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo” (SCHIMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288).

As memórias, individuais ou coletivas fazem referência ao tempo que os sujeitos se relacionam entre si e com o espaço. Faz-se importante lembrarmos que, historicamente, o estudo do ser humano no tempo foi um passo importante para a expansão dos domínios historiográficos, que a partir da interdisciplinaridade entre a História e a Geografia, o tempo e o espaço passaram a fazer parte da vida dos seres humanos de modo indissociável (BARROS, 2006).

Nesse sentido, o estudo do tempo ou do espaço-tempo será importante neste texto. Falar de tempo na vida de crianças

³⁹ Os excertos apresentados neste e-book foram extraídos de textos que as professoras manifestaram desejo de escrever sobre suas memórias da creche, após a roda de conversa na escola e encaminhados à autora e ao autor deste texto.

pode causar estranhamentos, visto que o tempo da criança não pode ser medido ou regulado pelo do relógio dos adultos. Essa reflexão, mesmo que não seja o centro dessa discussão, nos aproxima dos estudos filosóficos do tempo em *Chronos*, *Kairós* e *Aión*. Kohan (2007) e nos permite compreender que o tempo,

Mais conhecido entre nós é *chrónos*, que designa a continuidade de um tempo sucessivo. [...] O tempo é, nessa concepção, a soma do passado, do presente e do futuro. [...] Outra é *kairós*, que significa ‘medida’, ‘proporção’ e, em relação com o tempo, ‘momento crítico’, ‘temporada’, oportunidade. [...] Uma terceira palavra é *aión*, que designa, já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não numeráveis nem sucessiva, intensiva (KOHAN, 2007, p. 86).

Em nosso exercício, os tempos não se separam, mas se misturam, pois estamos lidando com diferentes gerações: professoras/adultas que foram crianças atendidas por profissionais da creche e hoje convivem no território; e de jovens que estudaram na creche e hoje na escola ao lado e “quase” não entram no espaço destinado à educação de crianças, mas recordam com carinho da escola.

Seja no espaço-tempo físico ou no espaço-tempo imaginário, a memória se faz presente para resgatar o passado como um processo de articulação entre o saudosismo existente pela memória e a força com a qual o espaço se apresenta na vida dos sujeitos.

Ao evocar a creche como espaço importante para essa comunidade, compreendemos a importância da educação na vida das pessoas do Morro, e ao resgatarmos a história da instituição notamos que aquelas pessoas que estudaram na creche e continuam na comunidade apresentam memórias saudosas do passado e do presente, independentemente do estigma já criado sobre o território.

“Como em outros bairros, a criminalidade já foi um ponto forte aqui, mas os progressos foram maiores, temos jovens com garra, com desejo de mudança, muitos hoje estudantes universitários e com uma capacidade enorme de seguir adiante para crescimento profissional e moral”
(Professora Edna, 2023).

Observa-se, no relato, que há um sentimento de pertencimento ao território e a alegria em ver que os jovens que já foram atendidos pela escola de Educação Infantil seguiram rumos que potencializaram suas condições de vida, que só foram possíveis graças ao contexto histórico da instituição, marcada pela luta e resistência de continuidade da educação escolar para crianças da comunidade.

Ao resgatarmos a história da creche, identificamos que o espaço educativo foi uma conquista comunitária, visto que as crianças precisavam descer o Morro para poder exercer seu direito à educação escolar. Data-se que, no ano de 1987⁴⁰ foi criada a Associação Samuel Domingues Gomes – ASDOG, referência na comunidade. A instituição atendia crianças de baixa renda com auxílio do Fundo Cristão para Crianças, por meio do sistema de apadrinhamento, a maioria por pessoas do exterior. No ano de 2006, houve o maior número de atendimentos pela ASDOG, cerca de 1,2 mil crianças, sendo 200 delas através da creche da comunidade (TEIXEIRA, 2012; SANTOS, 2018). Essa lembrança é latente na memória dos moradores da comunidade, sobretudo das professoras que já foram atendidas pela instituição.

“Fui uma criança assistida pelo Fundo Cristão para Criança, que tinha como ajuda o sistema de apadrinhamento, onde todos os meses as famílias recebiam assistência em forma de dinheiro. Sempre havia mudança em

⁴⁰ A história da ASDOG se confunde com a história da Organização Não Governamental estadunidense Christian Children's Fund (Fundo Cristão para Criança) em Governador Valadares que funcionou atendendo durante anos às crianças na região do Carapina. De acordo com o estatuto da Associação, a ONG foi criada em 1987, porém o espaço é reconhecido pelos moradores da comunidade como uma entidade com mais de 40 anos de atuação.

forma de ajuda, recebíamos material escolar, calçados, em forma de agradecimentos, fazíamos cartinhas para os padrinhos voluntários, eram de vários Estados, Países, pessoas de toda parte que de uma tamanha bondade ajudava esta instituição. Lembro-me como era gratificante corresponder com eles e declarar o nosso carinho” (Prof. Edna, 2023)

A ASDOG foi um grande marco na vida da comunidade, pois permitia que as crianças e adolescentes tivessem um local “seguro” para desenvolver atividades externas à escola⁴¹. Para participar das oficinas da Associação e ser assistida pelo Fundo Cristão “as crianças precisavam ser de baixa renda, ter as vacinas em dia, estar matriculada em uma escola e ser moradora de um bairro vulnerável” [...] “o assistencialismo era o fator principal desta instituição” (Professora Edna, 2023, durante a roda de conversa).

Sob essa perspectiva, compreendemos que a ASDOG, em parceria com o Fundo Cristão, era instigada a assumir, naquele território marcado por vulnerabilidades, um caráter assistencialista com as crianças, mas era uma forma de contribuir com a educação da população. O espaço marcou de forma positiva a vida de muitos atendidos e alguns tiveram o primeiro emprego nesse espaço educativo.

“No ano de 1996 comecei meu primeiro emprego de carteira assinada na Associação Samuel Domingues Gomes, em uma sala com mais ou menos 14 crianças de idades entre 1 a 3 anos de idade, esta sala tinha a sigla de CAD, um atendimento diferenciado por serem crianças desnutridas, segui em frente trabalhando com crianças de 3, 4, 5 anos, apesar da lotação das salas, não nos faltava nada, material didático sempre a disposição, alimentação bem balanceada, tínhamos também vários cursos de capacitação, finalizando, minha última turma foi um grupo de jovens, tempos de muito aprendizado e amor pela profissão” (Professora Edna, 2023, destaque do texto enviado pela professora).

⁴¹ Ainda não havia naquela época escola em tempo integral, com currículo voltado para atividades em outros espaços além da escola.

A ASDOG tem o maior espaço na comunidade e por isso se divide com outros equipamentos públicos que ofertam aulas de ballet e lutas corporais, Estratégia de Saúde da Família e a creche, que marcam a mudança da educação no território. Em 2006, a partir de muitas lutas comunitárias, a população do Morro conquista a Escola de Educação Infantil, como anexo do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Rubens do Amaral, situado no bairro Santa Helena. Sempre atendendo às demandas de muitas famílias da comunidade e adjacências, a creche já chegou a atender mais de 200 crianças anualmente (SANTOS, 2018).

Nesse mesmo período, a comunidade não recebia o auxílio do Fundo Cristão, contudo a creche supria as necessidades das famílias e das crianças, que a partir de 2010 passaram a ser atendidas pela Escola em Tempo Integral, em que as crianças permaneciam de 7h às 17h na escola. Com tantas crianças atendidas, o espaço educativo deixa de ser anexo e passa a ser reconhecido como sede, recebendo o nome de Escola Municipal de Educação Infantil Pastor Martin Luther King Jr.

Nas memórias das professoras, trazidas na roda de conversa, percebemos a importância dessa conquista e que trabalhar na comunidade é uma escolha e não uma imposição ou necessidade por falta de opção.

“No ano de 2010 saiu o concurso da Prefeitura, no qual participei e foi nomeada a Professora municipal da Educação Básica, mais uma vez sendo privilegiada de trabalhar no mesmo prédio onde hoje funciona a Escola Municipal Pastor Martin Luther King Junior” (Professora Edna, 2023).

“Trabalho na escola há apenas três meses, é a primeira vez que trabalho na instituição, sou contratada e entrei na escola através de edital. Havia outras escolas que eu poderia ter escolhido, e escolhi a do Carapina, a Martin Luther King” (Professora Polyana Carla, 2023).

Conquistar um espaço educativo na comunidade e trabalhar nele é um fator crucial para desenvolver o sentimento de pertencimento dos sujeitos. Morar na comunidade ou próximo a ela é também uma maneira de *“demonstrar que somos frutos da comunidade e podemos crescer juntos onde moramos com respeito e dignidade”* (RODA DE CONVERSA, 2023, fala de uma professora). Contudo, vale relembrar que o espaço físico da creche pertence à ASDOG, que tem sede na cidade de Belo Horizonte e, constantemente, anuncia que irá precisar do local para desenvolver outras atividades. Esse processo apreensivo deixa alguns funcionários da creche e moradores da comunidade com o sonho de que, futuramente, a creche tenha seu próprio espaço, sentimento que podemos perceber na fala da professora: *“Tenho muitos sonhos ainda a ser realizado, um deles é ter um prédio próprio para a nossa escola, porque até então a escola compartilha espaço com a ASDOG!”* (Professora Edna, 2023).

O que percebemos é que o sentimento de pertencer também é o sentimento de vivenciar novas mudanças no território para que haja uma educação de qualidade e a comunidade cresça cada vez mais. Percebemos, ainda, que reviver os sentidos de ser criança em suas mais diversas infâncias nos permite perceber que as crianças, em diferentes tempos, registram em suas culturas temporalidades e espacialidades, posto que são sujeitos com sentimentos e sentidos, demarcados pelas experiências consigo mesmas e com seus pares.

O sentido de infância é atravessado [...] pelas dimensões do espaço e do tempo que, ao se agregarem com o grupo social, produzem diferentes arranjos culturais e diferentes traços simbólicos. As crianças ao se apropriarem dessas dimensões, as reconfiguram, as reconstróem, e ao se criarem, criam suas diferentes histórias e geografias (LOPES, 2008, p.67).

Desse modo, estudar as crianças, as infâncias e suas relações com seus lugares de vida, nos remete às vivências das jovens no território, que quando crianças, em suas singularidades ou experiências coletivas, vivenciaram de diferentes formas seus espaços/tempos da infância. Comprendemos em suas falas, durante a roda de conversa, narrativas que desvelaram e demarcaram “territórios nas relações estabelecidas entre o mundo adulto e o mundo das crianças” (LOPES, 2006, p. 2).

Brenda - Minha professora foi a Edna.

Edna - Meu Deus, estou ficando velha mesmo. Eu lembro de você, você foi da minha turma durante muito tempo, né?

Brenda - A vida toda. Eu lembro que a gente estudava lá em cima. Tinha o refeitório, mas não tinha esse parquinho, que está mais bonito viu. O nosso era bem pobrezinho (Roda de Conversa, 2023).

Os estudos sociais da criança, aliados ao campo da Geografia da Infância, têm voltado sua atenção para as infâncias, suas histórias e suas geografias, buscando compreender as relações que as crianças estabelecem no e com o território, mediadas por suas interações culturais, pois reconhecem a criança como um sujeito sociocultural, histórico e geográfico em seu processo de humanização no mundo.

Partindo dessas reflexões, podemos levar em consideração que toda criança nasce em um momento histórico, imersa em um grupo cultural, em um espaço no qual estabelece interações sociais e constitui sua identidade, como é o caso das jovens que constroem suas identidades cotidianamente e afirmam isso ao resgatar suas memórias sobre o local em que estudaram, cresceram, viveram diversas experiências.

Lopes (2018) considera que, desde o nascimento, as crianças “vivenciam territórios, lugares e outras dimensões espaciais que são expressões do espaço geográfico” (LOPES, 2018, p. 61). Essas vivências vão se tornando autônomas, expressando-se por meio dos seus modos de ser e estar no mundo, a sua geograficidade. De acordo com o autor, “a criança não está no espaço, não está no território, não está no lugar, não está na paisagem, ela é o espaço, ela é o território, ela é o lugar, a paisagem, portanto, uma unidade vivencial” (LOPES, 2018, p. 49).

A construção histórica da creche se faz por meio das memórias dos sujeitos que nela cresceram, não só como uma forma de pertencimento, mas como os sujeitos se ocuparam dos modos de apropriação dos territórios, a partir de suas representações, de suas culturas e de suas construções coletivas.

Eu não gosto de morar aqui, porque não tem nada (Estudante Brenda, 2023).

Eu já gosto e acho que aqui tem de tudo. Tem a creche, tem a escola. Se eu quiser pagar uma conta é só descer e ir na loteria. O supermercado é perto (Estudante Evellyn, 2023).

Quando eu lembro da creche eu sinto nostalgia, uma coisa boa, a gente era criança, não sabia de nada, mas a gente gostava de vir, no começo a gente chorava, mas depois se acostumava, a gente brincava muito também (Estudante Edimara, 2023).

Eu também acho aqui ótimo. Meu filho estudou na creche. Depois ele foi para uma escola no centro e hoje tenho orgulho em colocar ele pra estudar na Escola Carlos Luz, que antes era ruim e agora está ótima. Também acho que aqui tem de tudo (Roda de conversa, 2023, fala de uma professora).

O que percebemos nas contradições entre as falas das jovens e da professora é o que demarca o discurso de Schmidt e Mahfoud (1993), que “a permanência do apego afetivo a uma comunidade dá consistência às lembranças. Em contrapartida, o desapego está ligado ao esquecimento” (SCHIMIDT, MAHFOUD, 1993, p. 289), ao

mesmo tempo que Halbwachs (1990) nos recorda que a lembrança é reconhecimento e reconstrução.

É sob esse olhar que entendemos o motivo dos geógrafos começarem a se interessar pelos modos de ser e estar das pessoas em um determinado território, por suas territorialidades (CLAVAL, 2014). As territorialidades são constituídas nos relacionamentos cotidianos, na integração sociedade-espço, contribuindo para as relações entre os sujeitos envolvidos. As territorialidades podem se estabelecer nas relações sociais cotidianas, nas ruas, em casa, na escola, no trabalho, em como as pessoas se organizam no espaço e dão significado ao lugar. Dessa forma, elas são construídas culturalmente nas relações com o outro e estão ligadas aos sentidos que os sujeitos trazem acerca do território vivido e na construção de sua identidade (CLAVAL, 2014).

Nesse sentido, podemos afirmar que as jovens e professoras, quando crianças, estabeleceram práticas sociais consigo mesmas e com seus pares nos territórios nos quais transitaram, constituindo seus modos de ser e estar neles. A partir do sentimento de pertencimento das crianças em seu território, a formação das culturas infantis também ocorre na configuração de suas territorialidades, pois nela estão presentes as marcas das crianças, suas interações com os lugares e espaços destinados às crianças pelo mundo adulto (LOPES; VASCONCELLOS, 2006).

Buscamos evidenciar, neste texto, que nos diversos territórios pelos quais as jovens e professoras transitam, relacionam-se e constroem representações; elas imprimem marcas em suas formas de ser e habitar o território, criando e recriando suas culturas junto a seus pares. O que ressaltamos é que as memórias sobre a creche demarcam e vão estabelecendo vínculos na constituição de suas territorialidades, trazendo os elementos culturais e os incorporando

a seu modo e a seu gosto, pois, de acordo com Claval (2014), “é ao longo da infância que a cumulação de Knowhow, de conhecimentos, de preferências e de crenças toma forma: o jovem aprende a falar, a se deslocar e a agir dentro do meio familiar; mais tarde, ele é submetido à aprendizagem, ou vai à escola” (CLAVAL, 2014, p. 96).

A criança usufrui dos sentidos para demarcar suas vivências em seu território junto às demais crianças e adultos. A criança pensa grande, e em seu modo de pensar ela age representando e deixando marcas de suas vivências em seu território vivido. Ela se torna protagonista quando lhes são dadas oportunidades para experienciar seus sentidos, mesmo aqueles guardados na memória.

Nesse exercício, portanto, ao falarmos das memórias e trazê-las como memórias coletivas, possibilitamos reflexões sobre os modos de ser criança no Morro do Carapina e a importância da creche na comunidade que, independentemente da geração, carregam marcas de um passado-presente com registros históricos que “poder-se-ia multiplicar ao infinito (...) evocações de lugares e do seu ambiente, sério ou alegre, ocupado ou relaxado, simplesmente grave ou dramático” (CLAVAL, 2014, p. 231).

REATANDO OUTRAS MEMÓRIAS...

Para concluir nosso relato, convidamos você, leitor/a, a evocar suas memórias da infância, as construídas em outros territórios e as que de algum modo se relacionam à Comunidade do Morro do Carapina. Convidamos, também, a visitar a creche pelo mosaico a seguir. As fotografias que o compõem foram feitas pelas nossas cartógrafas que nos acompanharam na roda de conversa já apresentada. Munidas de um celular percorreram a creche e escolheram, para compor este e-book, as imagens que mostram um pouco desse território afetivo e simbólico da creche.

Figura 2 – Mosaico de fotos da creche



Fonte: Estudantes Brenda, Edmara e Evellyn (2023)



REFERÊNCIAS

BARROS, JOSÉ D'ASSUNÇÃO. História, espaço e tempo: interações necessárias. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n.36, p. 460-476, Jul./Dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/YyzTrkd3ZMCMwDMw37cQTsv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 set.2023.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Ed. Alfaguara: São Paulo, 2018.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Ed.Revista dos Tribunais: São Paulo, 1990.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia e Educação Infantil: Espaços e tempos desacostumados**. Rio de Janeiro: Mediações. 2018.

LOPES, Jader Janer Moreira. Crianças na Paisagem: subversões, invenções e reproduções do espaço. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS, 2, Niterói, 2008. **Anais eletrônicos ...** Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2008. p. 1-14.

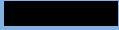
LOPES, Jader Janer Moreira. Produção do território brasileiro e produção dos territórios de infância: por onde andam nossas crianças?. In: REUNIÃO 176 ANUAL DA ANPED, 29, Caxambu, 2006. **Anais da 29o Reunião Anual da ANPED**, 2006. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07-1734.pdf>. Acesso em: 3 set. 2023.

LOPES, Jader Janer Moreira; Tânia Vasconcellos. Geografia da infância: territorialidades infantis. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, p.103-127, Jan/Jun. 2006. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2006/vol6/no1/8.pdf>. Acesso em: 3 set. 2023.

SANTOS, Valdicélio Martins. **Entre o visível e o sensível: Territorialidades presentes nas artes produzidas por crianças na escola em tempo integral em um território vulnerável**. 2018. (Dissertação de mestrado em Gestão Integrada do Território), Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), Governador Valadares, MG, 2018.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. HALBWACHS: MEMÓRIA COLETIVA E EXPERIÊNCIA. **Psicologia USP**. São Paulo, 1993, p. 285-298.

TEIXEIRA, Luana Silva. **Conformando um território de carência: a imagem da ONG Asdog (GV – MG) sobre o espaço de sua atuação**. 2012. (Dissertação de mestrado em Gestão Integrada do Território), Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), Governador Valadares, MG, 2012.



**Dialogando
sobre saúde e
condições de
vida com jovens
estudantes da
comunidade
Morro do
Carapina**

Parte nove

9



Ilustração: Maria Fernanda Pedrete Teixeira

9 DIALOGANDO SOBRE SAÚDE E CONDIÇÕES DE VIDA COM JOVENS ESTUDANTES DA COMUNIDADE MORRO DO CARAPINA

Yan Domingues Silva

Leonardo Oliveira Leão e Silva

Suely Maria Rodrigues

Caros/as leitores/as,

Bem-vindos à seção de saúde deste e-book. Aqui você encontrará informações sobre as condições de saúde da população do Carapina, a partir da percepção de um acadêmico de medicina e bolsista de iniciação científica, bem como de docentes da área da educação em interface com a saúde e enfermagem. Conta também com a participação de estudantes do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio da Escola Estadual Carlos Luz. Neste capítulo, buscamos adentrar o entendimento de estudantes, e moradores, sobre os determinantes sociais do processo saúde-doença, as vivências e experiências em saúde, a forma de acesso e a garantia do direito à saúde.

Apesar de criticado, bem como ser considerado um conceito utópico e intangível, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde “vai muito além da ausência de doenças, é preciso considerar a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social dos indivíduos”. A partir desse entendimento, pode-se considerar que os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/ raciais, psicológicos e comportamentais influenciam na ocorrência de doenças. Ademais, vale mencionar que o conceito de saúde tem sido tomado, em grande parte, ou como noção ou como um lema, a partir de um engajamento ético-político-pessoal, que acaba relegando a contribuição teórico-conceitual da OMS a segundo plano (CANTO; SIMÃO, 2009).

Dessa forma, o primeiro exercício realizado durante a pesquisa foi produzir informações em relação à saúde da população. Buscamos coletar dados demográficos, econômicos, sociais, culturais e ambientais, a partir de um recorte temporal (novembro a dezembro de 2022). Para Montilla (2008), esses dados podem ser analisados como pilares fundamentais para a construção dos indicadores de saúde. De acordo com a Rede Interagencial de Informação para a Saúde Indicadores básicos para a saúde no Brasil (RIPSA, 2018, p.13) o levantamento desses tipos de dados colaboram no “planejamento, execução e avaliação das ações de prevenção, controle e tratamento das doenças, bem como para estabelecer prioridades”.

Todas as informações/indicadores de saúde foram coletadas nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), consideradas porta de entrada do usuário no Sistema Único de Saúde (SUS). É necessário ponderar que esses dados contribuem para a mensuração da situação de vida e das condições de saúde da população em um território adstrito.

CONHECENDO A DELIMITAÇÃO GEOGRÁFICA DO TERRITÓRIO: LUGAR DE VIDA E PRODUÇÃO DA SAÚDE

São descritas neste tópico as características do território Morro do Carapina em relação aos aspectos físicos e delimitações geográficas. Este território possui relevo íngreme, sendo composto por domicílios sem infraestrutura adequada, algumas vezes situados em áreas de risco para deslizamento de solo. A falta de saneamento e pavimentação de várias ruas pode acarretar erosão, dificuldade de locomoção, esgoto a céu aberto e proliferação de doenças.

O Carapina conta com duas Estratégias de Saúde da Família (ESF): Carapina 1 e Carapina 2, devido ao tamanho territorial,

bem como ao número populacional, que totaliza 6.422 habitantes locais cadastrados.

A ESF Carapina 1 possui 3.222 usuários registrados, sendo a maioria do sexo feminino (1.817). Na ESF Carapina 2 estão cadastrados 3.200 indivíduos, com a maior parte também do sexo feminino (1.809). Com relação à faixa etária, observa-se que a população com maior registro nas duas estratégias é jovem (entre 20 e 24 anos): ESF 1 com 281 jovens e ESF 2 com 303. Durante as visitas realizadas no Morro do Carapina, foram feitas caminhadas com estudantes pelo bairro para conhecimento sobre a forma como utilizavam os espaços e as impressões que possuíam do local de moradia. Durante as caminhadas foi possível fotografar espaços de saúde no bairro, conforme Figuras 1, 2, 3 e 4 a seguir.

Figura 1 – ESF CARAPINA 1



O ESF está localizado na Rua Tupinambás, 83.

Fonte: Yan Domingues Silva, acadêmico de iniciação científica. Acervo da pesquisa (2022).

Figura 2 – Mapa da ESF 1 (Carapina)



Na imagem, consegue-se visualizar as microrregiões divididas, para melhor organização. Fonte: Yan Domingues Silva, acadêmico de iniciação científica. Acervo da pesquisa (2022).

Figura 3 – ESF 2 Carapina



Encontra-se localizado na Escola Municipal Pastor Martin Luther King. Fonte: Yan Domingues Silva, acadêmico de iniciação científica. Acervo da pesquisa (2022)

Figura 4 – Vista interna da escola, parte integrante da ESF



Fonte: Yan Domingues Silva, acadêmico de iniciação científica. Acervo da pesquisa (2022).

PERCEÇÃO DE SAÚDE: (RE)PENSANDO COMPORTAMENTOS RELACIONADOS À SAÚDE E CONDIÇÕES DE VIDA

A percepção foi identificada por meio de uma autoavaliação de saúde com os/as estudantes que participaram da elaboração da cartografia, e, portanto, refletindo sobre suas condições de saúde. Os dados foram obtidos a partir da realização de uma Roda de Conversa realizada na escola (sala de aula). Essa roda permitiu um momento de integração e participação coletiva a partir da questão/temática sobre saúde: “o que é ter saúde para você?”. Foi possível promover um diálogo entre os participantes, permitindo se expressarem e escutarem seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo.

Nessa etapa, buscou-se proporcionar a todos os estudantes ambiente confortável e encorajamento para que se sentissem parte

do grupo. Procurou-se valorizar todas as informações contidas nas entrevistas, considerando a pluralidade de significados atribuídos ao produtor de tais dados.

Quadro 1 - Análise de Conteúdo dos relatos dos participantes

TEMÁTICA	CATEGORIAS
1- Significado de Saúde	Prevenção Ter higiene Prática de atividade física
2- Comportamento relacionado à Saúde	Acordar cedo Ter condições pra trabalhar Ir à escola
3- Busca de Assistência à Saúde	Posto de Saúde

Distribuição da Temática e Categorias identificadas a partir da Análise de Conteúdo dos relatos dos participantes. Fonte: Elaborado pelos autores. Acervo da pesquisa (2022).

A apuração dos dados obtidos foi realizada a partir da técnica de “Análise de Conteúdo” (BARDIN, 2015), com a finalidade de encontrar a essência das similaridades de frases escritas ou faladas pelos participantes. É considerado um método que busca compreender a realidade por meio de palavras-chave, extraídas da interpretação de textos ou discursos vinculados ao posicionamento dos sujeitos. Após a análise dos relatos, surgiram categorias distintas para cada temática, conforme Quadro 1.

As falas dos/as estudantes estão apresentadas em itálico e sem identificação de quem as menciona. Esse fato se relaciona com a condução da atividade utilizada: uma roda de conversa. Por meio da roda de conversa foi impossível nominar os relatos apresentados.

A Temática 1 (Significado de Saúde) se relaciona com os sentidos e significados dados à saúde, ou seja, como a saúde foi entendida e percebida pelos estudantes. De acordo com Scliar (2007), os significados e sentidos de saúde estão relacionados ao cenário social, econômico, político e cultural dos sujeitos, bem

como aos fatores associados à época, ao lugar, à classe social, aos valores individuais e às concepções científicas, filosóficas e religiosas. Confira alguns exemplos de falas que podem ilustrar essa passagem:

“É prevenção contra qualquer tipo de coisa”.

“Se prevenir; ter higiene, bem-estar da pessoa, alimentação saudável, praticar exercícios, higiene” (Diário de campo da pesquisa, 2023).

Na Temática 2 (Comportamento relacionado à Saúde) buscou-se identificar a presença de práticas que favoreçam a saúde dos estudantes. Ou seja, os comportamentos, pensamentos e sentimentos expressos, que vão ao encontro da ideia de promoção, proteção e recuperação da saúde. Observe as falas abaixo:

“Acordar de manhã cedo, vir para escola... vir para aula não”.

“Ter condições pra sair pra trabalhar e aguentar o expediente todo” (Diário de campo da pesquisa, 2023).

Para Monken e Barcellos (2007), o ser humano pode ser considerado como aquele que modifica o meio à sua volta, as paisagens, os costumes, hábitos, crenças. Apesar dessas transformações exercerem controle e possibilitarem consonâncias, cada indivíduo interagirá com o meio de uma forma bem particular. Isso porque há várias formas de utilizar o lugar e também porque existem diferentes interesses.

Para entender o envolvimento dos estudantes em ações que favorecem a saúde, assim como incentivar outras, é necessário estabelecer um espaço na escola em que seja estimulado o debate para maior compreensão da relação entre saúde e seus determinantes sociais. A escola poderá fornecer importantes elementos para capacitar o cidadão para uma vida saudável, possibilitando processos de aprendizagem permanente para os envolvidos.

A Temática 3 (Busca de Assistência à Saúde) apresenta o conhecimento dos estudantes em relação ao lugar onde obter assistência em saúde. Variáveis de naturezas diferentes contribuem para que os estudantes percebam o território que habitam como favorecedor ou não da saúde. As percepções estão condicionadas ao processo de interação dos sujeitos com seu meio e podem revelar características específicas de como esses estudantes vêm construindo suas histórias e suas vivências, especialmente no território da saúde. Confira algumas falas que podem exemplificar essa passagem:

“primeira coisa quando passa mal é tomar remédio e depois ir no posto de saúde”

“eu vou no pronto-socorro” (Diário de campo pesquisa, 2023).

No caminhar da finalização, pode-se considerar que as percepções dos estudantes sobre a saúde perpassam o modelo explicativo do processo saúde-doença como processual, ao identificá-las às ações de promoção da saúde e prevenção de doenças. Ressalta-se que a educação pode ser uma estratégia importante para promover o debate quanto às questões de saúde e doença, aos vínculos, às relações profissionais e à conduta cidadã crítica e reflexiva.

REFERÊNCIAS


BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2015.

CANTO, Clóris Regina Elias de Moraes; SIMÃO, Livia Mathias. Relação fisioterapeuta-paciente e a integração corpo-mente: um estudo de caso. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.29, n. 2, p. 306-317, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hbp5Jfsjx5WgHNXspMbmDcb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 set. 2023.

MONKEN, Mauricio; BARCELLOS, Christovam de Castro. O território na promoção e vigilância em saúde. In: FONSECA, Angélica Ferreira; CORBO, Ana Maria D'Andrea (Orgs.). **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV; FIOCRUZ, 2007, p. 177-224. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/39206/O%20territ%C3%B3rio%20e%20o%20processo%20sa%C3%BAde-doen%C3%A7a%20-%20O%20Territ%C3%B3rio%20na%20Promo%C3%A7%C3%A3o%20e%20Vigil%C3%A2ncia%20em%20Sa%C3%BAde.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 3 set. 2023.

RIPSA. Rede Interagencial de Informação para a Saúde Indicadores básicos para a saúde no Brasil. **Conceitos e aplicações**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2018.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/WNtwLvWQRFbscbzCywV9wGq/?format=pdf&lang=pt..> Acesso em: 3 set. 2023.



Olhares sobre a acessibilidade no Morro do Carapina

Parte dez

10

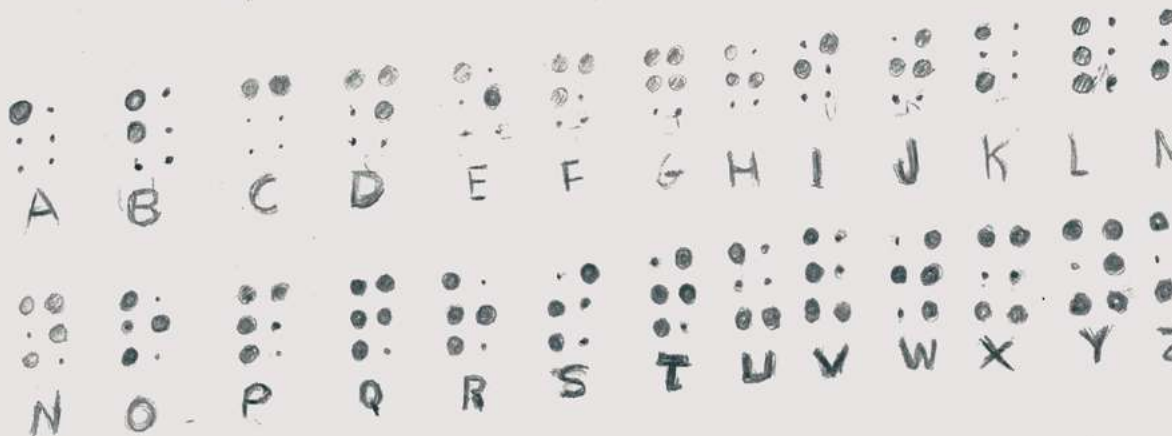


Ilustração: Ana Luiza Martins Pinto (Bolsista FAPEMIG)

10 OLHARES SOBRE A ACESSIBILIDADE NO MORRO DO CARAPINA

Edmara Carvalho Novaes

Brenda Moreira Felix

Franthescka Canuto Neves

Emeline Leticia Libório Rios

Elisângela Rodrigues Gomes

Neste capítulo, convidamos você leitor/a a lançar olhares sobre a acessibilidade na Comunidade do Morro do Carapina, a partir do movimento que também fizemos com os/as jovens cartógrafos da pesquisa em atividades conduzidas pela pesquisadora Edmara Carvalho Novaes e professora de Matemática na escola, em parceria com a professora de Ciências, Emeline Leticia Libório Rios e a professora de Projeto de Vida, Elisângela Rodrigues. O propósito da atividade foi refletir sobre a acessibilidade no bairro, em especial no Morro do Carapina. Compartilham da escrita deste capítulo as estudantes Brenda e Franthescka que escrevem o texto que finaliza o capítulo.

Consideramos fundamentais as vivências sobre a acessibilidade dos/as dos/as moradores do Carapina. Por isso realizamos com os/as estudantes rodas de conversa sobre acessibilidade, com a intermediação da professora Edmara, em que foram apresentados alguns tipos de acessibilidade, como: a Atitudinal, a Metodológica e a Física, apontando as diferenças entre cada uma delas, objetivando reflexões sobre a existência ou não de tais acessibilidades, dentro e fora da escola.

Vivemos em uma sociedade constituída por sujeitos diversos, que possuem necessidades, demandas e anseios também múltiplos, e isso nos leva a refletir sobre a acessibilidade e sua importância para a vida social. De acordo com o artigo 3º, da Lei Brasileira de Inclusão, a acessibilidade é definida como:

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015).

Após essas conversas, discutiu-se com o grupo a possibilidade de uma caminhada pelo morro com o propósito de refletir sobre a efetivação do direito à acessibilidade, e foi traçado um itinerário para a caminhada que realizaríamos.

No dia da caminhada (22/11/2022), antes de sairmos da escola, foram discutidas com os/as estudantes as pistas que orientaram nossos olhares para a observação pretendida.

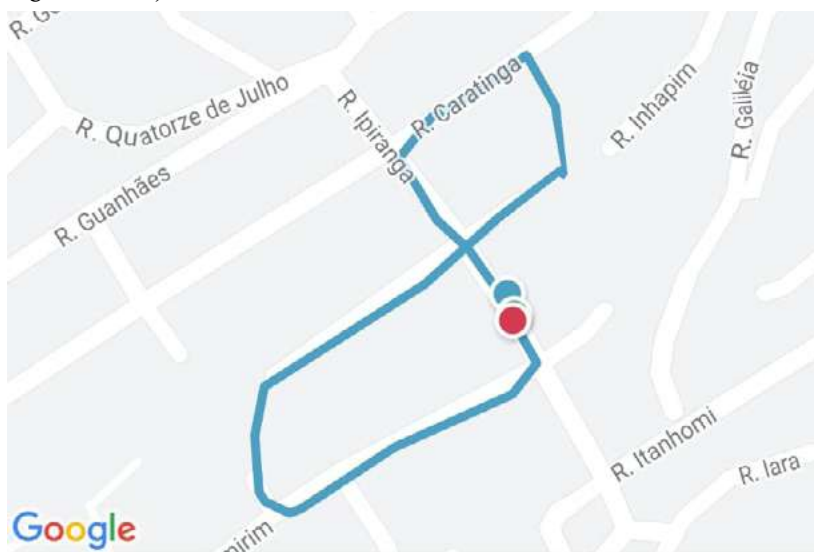
PISTAS SOBRE ACESSIBILIDADE

1. Vamos conferir se existe rampas de acesso às calçadas, ou aos lugares, para cadeiras de rodas, pessoas com carrinhos de bebê, carrinhos de compras etc.? Comentar se essas pessoas conseguiriam andar com facilidade na rua.
2. Vamos conferir a existência de buracos nas calçadas, de calçamentos irregulares ou escorregadios, cheios de folhas ou flores caídas. Comentar se pessoas idosas, com bengalas ou andadores conseguiriam andar com facilidade na rua, ou mesmo alguém de salto alto?
3. Será que pessoas com dificuldades e/ou deficiência visual conseguiriam sem a ajuda de outra pessoa, se movimentar na rua, sem cair em buracos, “trombar” em lixeiras ou postes, vasos de plantas ou árvores?
4. Temos semáforos nos cruzamentos das ruas? Se sim, verificar se há além da sinalização visual, a sonora, para atender pessoas cegas.

5. Temos faixas para pedestres nos cruzamentos? Qual a situação delas?
6. No caso dos equipamentos de lazer, das praças e locais de encontro: você acha que o acesso a esses é adequado a todos, incluindo, pessoas com deficiência visual, cadeirantes, pessoas com carrinhos de bebês, idosos?
7. Temos vagas de estacionamento reservadas para pessoas com deficiência e idosos. Comentar.

Após essa discussão foi realizada a caminhada por algumas ruas e vielas do morro, com o itinerário traçado pelo/as estudantes, conforme Figura 1.

Figura 1 – Trajeto da caminhada



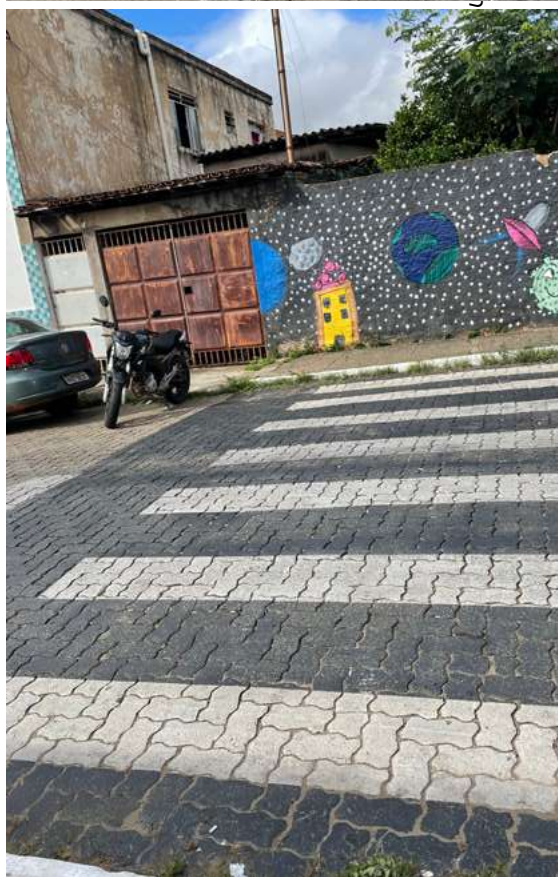
Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

Durante a caminhada conversamos sobre as pistas e foram feitas fotografias, via celular, por uma estudante e um estudante, conforme combinado com o grupo. Convidamos você leitor/a a conferir na Figura 2 as dificuldades de acessibilidade no morro, e a faixa de pedestre garantindo a travessia segura para a escola.

Figura 2 – Registros da caminhada



Fonte: Acervo da pesquisa (2022)



No retorno à escola foram feitas novas discussões. Refletimos que todas as barreiras, sejam elas físicas, atitudinais, metodológicas, dentre outras, tornam inacessíveis espaços, equipamentos urbanos, ambientes sociais, serviços, que garantem às pessoas o direito à cidadania e à dignidade. Buscamos, por meio das rodas de conversas, despertar nos alunos o entendimento de diversas acessibilidades, que envolvem aspectos atitudinais, comportamentais, e de igual modo, a acessibilidade física, que foi a analisada durante a caminhada pelas ruas do morro e fotografadas pelos/as estudantes.

Foi esse contexto de reflexões que desencadeou a produção do texto pelas coautoras do artigo, que cursam em 2023 o 1º ano do ensino médio.

Por meio deste breve relato e das reflexões do texto compartilhado a seguir, acreditamos que é possível pensar em ações e políticas públicas que possibilitem aos jovens buscarem uma formação integral, consciente e humanizada, desenvolvendo a cooperação da comunidade e de todos em prol do desenvolvimento de projetos duradouros.

EXPLORANDO AS DIFERENÇAS ENTRE O MORRO E O ASFALTO: OPORTUNIDADES E PRECONCEITOS

Brenda Moreira Felix

Franthescka Canuto Neves

Vivemos em um mundo onde a desigualdade é evidente. Onde a cor da pele e a origem social ainda determinam o destino de muitas pessoas. É triste admitir, mas a verdade é que a realidade do morro é bem diferente do que a do asfalto. Oportunidades e preconceitos são fatores que afetam diretamente a vida dos moradores de comunidades carentes. Essa é uma verdade que também acontece aqui, no Morro do Carapina.

Acreditamos que a educação é um dos principais caminhos para mudar essa realidade. É necessário oferecer igualdade de oportunidades para que as pessoas possam lutar pelos seus sonhos, independentemente da cor da pele ou da classe social.

A diferença entre o morro e o asfalto começa desde a infraestrutura. Enquanto nos bairros de classe média e alta as ruas são asfaltadas, bem iluminadas e possuem saneamento básico, nas comunidades carentes muitas ruas são esburacadas, sem devida manutenção; quando chove a situação piora muito, não possuem iluminação adequada, falta saneamento básico, posto de saúde sem equipamentos, medicamentos e profissionais; tudo isso é muito comum. A falta de investimento em infraestrutura reflete diretamente na qualidade de vida dos moradores. Exemplo: a falta de uma praça para o convívio social dos moradores, a prática de esportes, o contato com a natureza e a vida ao ar livre.

Outra grande diferença é a falta de acesso à educação. Enquanto nas escolas do asfalto há uma grande quantidade de recursos disponíveis para a aprendizagem, nas escolas do morro, faltam

material didático, laboratórios e professores capacitados. Isso afeta diretamente o aprendizado dos alunos, seus desenvolvimentos e capacidades, comparado aos demais alunos concorrentes de outras localidades, dificultando a formação acadêmica e profissional.

Nossa escola é uma exceção no cenário nacional, porém, ainda há muito o que se fazer, principalmente nos anos iniciais.

A falta de oportunidades é uma das maiores barreiras para quem vive no morro. A discriminação por cor, classe social e região é um fato presente em nossa sociedade. Muitas empresas ainda não se preocupam com a diversidade em seu quadro de funcionários, tornando a busca por emprego ainda mais difícil para quem é negro, pobre e vive no morro.

Além disso, a falta de incentivo e investimento na cultura e no esporte também tornam a vida dos moradores do morro mais difícil. Muitos talentos são desperdiçados por falta de investimento e incentivo. Há ausência de apoio por parte do poder público que fecha os olhos para a população mais carente.

Acreditamos que a educação é um dos principais caminhos para mudar essa realidade. É necessário oferecer igualdade de oportunidades para que as pessoas possam lutar pelos seus sonhos, independentemente da cor da pele ou da classe social, uma vez que o pobre, preto e do morro, por si só, tem que se esforçar muito mais que os outros jovens, por uma série de fatores. Como consequência disso, uns abandonam a escola para trabalhar e ajudar suas famílias, outros por serem rejeitados pela sociedade de uma forma geral, por causa de sua condição social, por estarem em famílias disfuncionais, desestruturadas e sem apoio de parentes.

Por isso, é importante investir em políticas públicas que visem à inclusão social, não apenas nos discursos ou em ações momentâneas, próximo aos períodos eleitorais, mas políticas públicas duradouras

que visem à melhoria da qualidade da educação e à capacitação profissional dos jovens e adultos das comunidades carentes. Investir em escolas, cursos profissionalizantes, oportunizar estágios para os jovens, incentivar a prática esportiva e cultural são algumas das medidas que podem ser tomadas para diminuir a desigualdade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acessado em: 14 set. 2023.



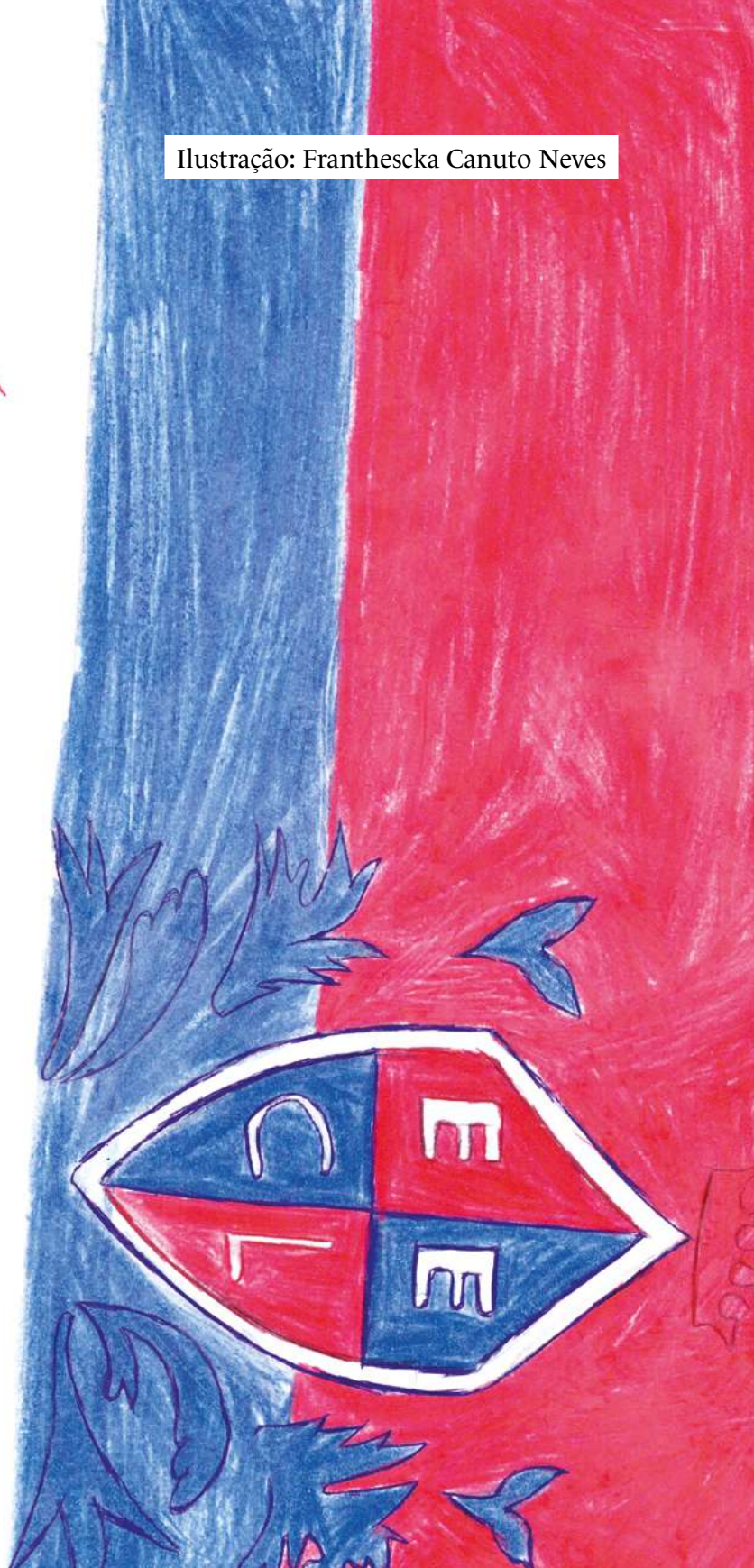
Escola Estadual Carloz Luz, a nossa escola

Parte onze

11

Ilustração: Franthescka Canuto Neves

Franthescka
2008



11 ESCOLA ESTADUAL CARLOS LUZ, A NOSSA ESCOLA

Miguel Dias Maciel

Fabiana Andrade Cunha

Liege Coutinho Goulart Dornellas

*Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas*

*Ainda não havia para mim Rita Lee
A tua mais completa tradução
Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João*

*Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos mutantes [...]
Caetano Veloso (1978), 'Sampa'.*

INTRODUÇÃO

A escrita do presente texto pretende ultrapassar a trajetória histórica, índices das avaliações externas de aprendizagem, bem como quaisquer rotulações de uma instituição de ensino da rede estadual de Minas Gerais. O esforço de escrita foi realizado por mãos de docentes da rede com anos de prática, ou seja, com um olhar peculiar.

O esforço acadêmico aqui empreendido tenta superar a visão simplista de uma narrativa cronológica da história da Escola Estadual Carlos Luz e, assim, como o poeta apontou “Quando eu

te encarei frente a frente não vi o meu rosto”, é necessário viver a escola para compreender sua alma, sua história, suas histórias.

O território no qual a escola está inserida, a comunidade do Carapina é sempre destaque de páginas de notícias, ora pelas fragilidades na segurança da comunidade, ora pelos movimentos socioculturais. A dissertação de mestrado de Santos (2012) correlaciona a região à incidência de crimes violentos. O estudo apresenta os dados de 2010 e 2011 e aponta a necessidade de um olhar cuidadoso para o território demarcado e conhecido como Morro do Carapina. Já em outra produção do mesmo ano, Teixeira (2012) correlaciona uma Organização do Terceiro Setor à existência de diferentes realidades naquele território.

Propomos a apresentação de um texto com duas seções, sendo “Histórico: por onde andamos” e “Práticas e gestão democrática: resultado como prática educativa bem-sucedida”, além da “Introdução” e “Breves apontamentos”. O objetivo do texto é apresentar a Escola Estadual Carlos Luz e suas particularidades.

HISTÓRICO: POR ONDE ANDAMOS

“E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho”
(VELOSO, 1978).

Para compreender a Escola Estadual Carlos Luz, é necessário reviver o passado recente. As mudanças foram rápidas e construídas a muitas mãos, com ações conjuntas com os próprios envolvidos no processo: a comunidade escolar. E a cada dia vivenciado na escola sempre ideias novas surgem.

Le Goff (1996, p. 9), em seu texto Documento/Monumento, afirma que o registro histórico, ou seja, o documento “[...] não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí

detinham o poder”. De acordo com o autor, é o pesquisador que “põe à luz” o acontecimento e analisa por meio do documento o poder de uma determinada produção humana.

Justifica-se, portanto, a produção⁴² tendo como campo de pesquisa a Escola Estadual Carlos Luz e o momento no qual a história produzida pela comunidade é colocada sob a luz da análise. Para tanto, compreender de qual universo estamos falando se torna necessário.

A escola está situada na rua Ipiranga, nº 374, bairro Nossa Senhora das Graças, na cidade de Governador Valadares/MG; entretanto, é comum ouvirmos que a Carlos Luz está no Carapina⁴³. Na atualidade, possui 336 estudantes matriculados e oferece ensino fundamental regular (8º ano, 9º ano) e integral (6º ano, 7º ano, 8º ano, 9º ano), ensino médio profissional em Desenvolvimentos de Sistema de Dados (1º, 2º e 3º anos), educação técnica com o curso de Técnico de Enfermagem (iniciado em 2023) e turmas de Educação de Jovens e Adultos. A Escola funciona em três turnos atendendo à comunidade escolar, e os estudantes em tempo integral nela permanecem de 7h às 15h:45.

Com um incentivo do reverendo da paróquia do bairro, na década de 1960 foi criada a Escola Estadual Reunidos do Bairro Nossa Senhora das Graças, que posteriormente passou a se chamar Grupo Escolar Carlos Luz, uma vez que o número de estudantes havia crescido. A professora Neusa Pimenta de Almeida foi a primeira diretora a tomar posse na Escola Estadual Reunidos do Bairro Nossa Senhora das Graças, em 1961.

⁴² “Conversando com a cidade: cartografias na comunidade do Morro do Carapina – Governador Valadares (MG): territórios Vividos e territórios educativos”, vinculado ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território (PPG-GIT).

⁴³ No capítulo orientado pelas professoras do Projeto em questão, os autores tiveram a oportunidade de em campo explorar a história oral sobre as raízes do surgimento do bairro Carapina e os documentos e monumentos que se fizeram presentes da construção da história dos moradores da região.

A denominação foi alterada mais uma vez para Escola Estadual Carlos Luz 1º Grau 1.2, de acordo com a lei nº 16.244, de 08 de maio de 1974. Entre os anos de 1964 e 1967 a Escola foi dirigida por Ângela Pereira do Amaral. Outras personagens da história como Sames Assunção Madureira, Marlene Lima Temponi, Joaquina Augusta da Silva, Ely Batalha Silveira de Magalhães, Maria de Almeida Figueiredo, Janeide Rodrigues Gangá, Nádía Ramos Grisson de Oliveira⁴⁴, Elizabeth Campos Zatta, ocuparam a função de diretora da referida Instituição. De acordo com os registros históricos, Miguel Dias Maciel assumiu a função de diretor em vinte e nove de junho de 2019, sendo ele o primeiro homem a dirigir a Escola Estadual Carlos Luz (PPP, 2023).

“É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi”
(VELOSO, 1978).

O estranhamento revelado na música “Sampa” de nossa epígrafe é recorrente nos visitantes. O estranhamento de encontrar uma Escola sem pichações, limpa, organizada, com poucos estudantes, com estrutura física desejável, material pedagógico disponível, diferentes espaços educativos, banheiros limpos, com espelho e absorvente disponível às alunas. Como isso seria possível?

A seguir, apresentamos o depoimento de um egresso da escola, ex-morador da Comunidade e destaque na comunicação da cidade e região:

“Meu sentimento quando entro na Escola Estadual Carlos Luz é de admiração com a leveza e zelo presentes no ambiente. Vejo um espaço público bem cuidado e muito apropriado para a tarefa fundamental que é: educar pessoas. E isso tem acontecido em alto nível e com sucesso, especialmente porque há investimento em acessibilidade, cidadania, inclusão e socialização.”

(Nicomedes Felício, apresentador de TV, egresso.)

⁴⁴ A referida professora encontra-se no quadro de funcionários efetivos até o ano corrente.

A educação no século XXI está cheia de palavras como empreendedorismo, parceria, protagonismo, competência, habilidades socioemocionais, entre outros. Entretanto, gestão democrática não é novidade e remete à Constituição Federal de 1988, art. 206, quando no inciso VI aponta a gestão democrática como princípio da Educação. Na seção seguinte, apontaremos formas de participação democrática na referida escola por meio de práticas educativas, as quais julgamos ser o fio condutor das ações bem-sucedidas.

PRÁTICAS E GESTÃO DEMOCRÁTICA: RESULTADO COMO PRÁTICA EDUCATIVA BEM-SUCEDIDA.

Como mencionado anteriormente, a gestão democrática é um princípio norteador do sistema educacional público nacional e desde o último quartel do século anterior passou a interferir em toda articulação da gestão do cotidiano escolar. O maior exemplo da mudança na gestão foi a eleição de diretores, pois anteriormente era realizada por indicação política.

Além disso, diferentes políticas educacionais instituídas por atos normativos conferiram à escola o poder decisório de ações, as chamadas ações descentralizadoras (BRASIL, 2023a). Em que pese as dificuldades administrativas das ações e programas, cada instituição de ensino tem a oportunidade (limitada) de escolha para atender às suas demandas, suas particularidades.

Outrossim, para concebermos um processo de gestão democrática na escola é necessário superar o caráter centralizador, hierárquico e autoritário. A comunidade escolar deve fazer parte das decisões da escola. Ou seja, é também no espaço educacional que os estudantes deverão ter seus anseios atendidos.

A validação do processo de gestão democrática na escola foi corroborada, tanto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei

nº 20 de dezembro de 1996, art. 3º, 12 e 15) e pelo Plano Nacional de Educação (Lei nº10.127 de 09 de janeiro de 200- cap. V), como pela Constituição Federal (Constituição Federal de 05 de outubro de 1988). Mas e na prática?

Colegiado escolar, Conselho de classe, Associação de pais e mestres e Grêmio estudantil são organizações já consolidadas na cultura escolar. São nessas instâncias que a comunidade escolar pode se manifestar e participar da gestão escolar, por vezes de forma consultiva, noutras de forma deliberativa.

Partindo do princípio da gestão participativa, a Escola Estadual Carlos Luz possui uma prática educativa bem-sucedida. As práticas de “Escuta ativa” (Figura 2), “Conselho de representante dos líderes de salas” e o espaço educativo “Sala de estar” (Figura 1) são exemplos de ações que aproximam os gestores das demandas dos discentes.

A escola possui laços estreitados com a comunidade e é comum ao final das aulas encontrarmos estudantes em suas dependências, seja utilizando a biblioteca, os equipamentos esportivos ou desfrutando de boas conversas no sofá da “Sala de Estar”.

Seria um tipo “Escola da Ponte” no Morro do Carapina? Rubem Alves, em visitação a Portugal, conheceu a “Escola da Ponte”, se encantou por uma organização escolar diferente do tradicional e registrou seus estranhamentos/encantamentos no livro “A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir” (ALVES, 2001).

Em recente reportagem realizada na escola⁴⁵ por um canal de TV local, o estudante do 1º ano do ensino médio, Thiago Moreira (2023, s/p), afirma que “Muita gente acha que a escola é melhor que a própria casa”, justificando assim a permanência após o horário das aulas.

⁴⁵ Reportagem na íntegra no YouTube, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPHxh1eZTN8>

Figura 1 – Sala de estar



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

Figura 2 – Escuta ativa



Fonte: Acervo da pesquisa (2023)

Acesse: Acolhimento Escolar: Escola Estadual de Governador Valadares Transforma Estudantes em Família. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPHxh1eZTN8>

A Escola Estadual Carlos Luz participou da terceira edição do Prêmio Escola Transformação e foi contemplada com um prêmio em dinheiro, no ano de 2021. O resultado foi publicado por meio da Resolução SEE Nº 4664, de 25 de novembro de 2021. O Prêmio Escola Transformação consiste em uma nova ferramenta de gestão, que destaca a instituição com melhores índices educacionais, realizando um ranqueamento e fornecendo um prêmio em dinheiro e destaque na rede. Foi a partir do vencimento do prêmio que foi possível a construção de uma nova ferramenta educativa na escola: uma sala para *podcast*.

Destaca-se o “Estúdio de *Podcast*” como uma prática e um espaço educativo recém-inaugurados na escola. A sala para realização de gravações de áudio e de vídeo tem encantado os estudantes. As ações já desenvolvidas com o auxílio dessa ferramenta tecnológica contaram com o suporte de metodologias ativas, em que o professor atua como facilitador do processo, orientando, direcionando e refletindo frente a alguma situação ou problema. O estudante assume o centro do processo e fortalece sua autonomia e a tomada de decisões (SANTOS, 2019).

A realização de entrevistas no *Podcast* é um exemplo de prática educativa por meio da metodologia ativa. Ao escolher um tema a equipe gestora busca em sua rede de contato uma personalidade ou estudioso sobre o assunto. O roteiro é elaborado juntamente com os estudantes e as entrevistas são realizadas pelos próprios estudantes. Ao final da entrevista, a equipe gestora escolar e estudantes realizam uma avaliação do trabalho realizado indicando pontos de ajuste para a próxima tarefa.

O *Podcast* “Na quebrada” Carlos Luz⁴⁶ é uma experiência diferenciada e requer ainda mais estudo e aperfeiçoamento. Mas fica a sensação de que a referida experiência seria “A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir”. Essa escola ultrapassa os muros de uma instituição escolar, estreita os laços, fortalece afetos e constrói pontes, onde já não havia passagem.

O projeto *Podcast* Carlos Luz produziu diversos programas com personalidades atuantes na cidade entre os meses de abril a junho de 2023, sempre com a condução e produção dos alunos. Os produtos das entrevistas seguem em processo de editoração e em breve estará disponível na página do Youtube da Escola.

Acesse o canal do Youtube e confira nosso *podcast*: <https://www.youtube.com/watch?v=qgNda7gPaNM>

No mês de junho de 2023, foi a vez dos nossos estudantes trocarem de posição, de entrevistadores para entrevistados. Os alunos Nildson e Victor do 3º ano, juntamente com o diretor da instituição, Miguel Maciel, foram entrevistados em um *podcast* “Eclipse 50 - O futuro tá subindo o morro”, da UNIVALE, para apresentar à outra comunidade escolar e ao mundo a realidade

⁴⁶ Dedicamos um agradecimento especial ao professor Edson Vieira da Fonseca Faria, que foi o primeiro entrevistado no *Podcast* Carlos Luz, em abril de 2023. O referido professor possui uma trajetória acadêmica na Universidade Federal de Juiz de Fora e aceitou de pronto o convite feito por sua ex-aluna, uma das autoras do texto, para participar da entrevista conduzida por nossos estudantes. A ponte UFJF-Carapina foi construída com sucesso! Gratidão. Entrevista disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5lg_hrSAzrQ.

“da Quebrada”. Foi um momento de reconhecimento da prática educativa inovadora da Escola Estadual Carlos Luz.

Em outro ponto, há o cuidado com a higiene desde a preparação do almoço, limpeza de salas, pátios e banheiros. E são os banheiros que merecem nosso destaque agora. Além da higiene, o

fornecimento de papel higiênico, absorventes e papel toalha são detalhes pensados para o conforto dos estudantes. A reposição dos absorventes é frequentemente requerida e realizada pelas alunas. (Figura 3).

Figura 3 – Banheiros da escola



Fonte: Fonte: Acervo da pesquisa (2023)

E ALGUMA COISA ACONTECE NO MEU CORAÇÃO...

“Encontrei na Escola Estadual Carlos Luz um ambiente formativo que respeita, valoriza e estimula os alunos a se entenderem como cidadãos, sujeitos de direitos, na sociedade em que vivemos todos” (Professor Edson Vieira da Fonseca Faria- Secretário Geral da Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF).

O presente texto teve como objetivo fazer uma apresentação da Escola Estadual Carlos Luz e suas particularidades, a partir de práticas educativas utilizadas. Fica o convite para que o visitante ultrapasse os muros da instituição, rompendo o estranhamento e colocando foco, luz nas potencialidades dos estudantes, e, assim, será possível afirmar que:

“Alguma coisa acontece no meu coração. Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João”
(VELOSO, 1978, grifo nosso).

Visite nossa página no Instagram [@escolaestadualcarlosluz](https://www.instagram.com/escolaestadualcarlosluz)

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**, Papirus Editora, Campinas, SP, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 01 maio 2023

BRASIL. **Fundo nacional de desenvolvimento da Educação**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas>. Acesso em: 2 maio 2023.

ESCOLAS ESTADUAL CARLOS LUZ. **Projeto Político Pedagógico**. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996. Disponível em: <http://ahr.upf.br/download/TextoJacquesLeGoff2.pdf>. Acesso em: 1º maio 2023.

SANTOS, Taciana. **Metodologias Ativas de Ensino Aprendizagem**. Mestrado Profissional em educação profissional e tecnológica. Instituto Federal De Educação, Ciências E Tecnologia De Pernambuco:Campus Olinda. 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/55339/Downloads/CARTILHA%20METODOLOGIAS%20ATIVAS%20DE%20ENSINO-APRENDIZAGEM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/55339/Downloads/CARTILHA%20METODOLOGIAS%20ATIVAS%20DE%20ENSINO-APRENDIZAGEM%20(1).pdf). Acesso em: 2 maio 2023.

SANTOS, Wagner Fabiano dos. **O Território do Crime em Governador Valadares**: diagnóstico e perspectivas. 2012. Dissertação

de mestrado Gestão Integrada do Território. Governador Valadares: Universidade Vale do Rio Doce – Univale, 2012.

TEIXEIRA, Luana da Silva. **Conformando um Território-Carência:** a imagem da ONG Asdog (GOV-MG) sobre o espaço de sua atuação. 2012. Dissertação de mestrado Gestão Integrada do Território. Governador Valadares: Universidade Vale do Rio Doce – Univale, 2012.

VELOSO, Caetano. **Sampa.** Álbum: Muito (Dentro Da Estrela Azulada). 1978.



Mostra de Fotografias

Parte doze

12



Ilustração: Ana Luiza Martins Pinto (Bolsista FAPEMIG)

12 MOSTRA DE FOTOGRAFIAS

Márcia Carvalhaes

Liege Coutinho Goulart Dornellas

Andrea Cecília Moreno

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

*Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada a minha aldeia estava morta
não se ouvia um barulho,
ninguém passava entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã.
Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era o carregador?
Estava carregando o bêbado.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo [...].
Manuel de Barros⁴⁷*

APRESENTAÇÃO

A fotografia é considerada uma arte e, portanto, uma das várias linguagens de comunicação, de expressão e de fruição. O ato de fotografar exige de nós uma postura diferente diante da realidade que nos cerca e do mundo no qual estamos imersos.

Enquanto arte, ela espera de nós olhos e ouvidos diferenciados, capazes de sair de si para ver o mundo desde outros ângulos, desde outros pontos de vista, com outros significados. A fotografia nos possibilita ir além do ato de reproduzir um momento,

⁴⁷ BARROS, Manuel de. O fotógrafo. In: coisa, pessoas ou paisagens. Na fotografia, podemos tornar visível o invisível que se
BARROS, Manuel de. Ensaios fotográficos. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

esconde no cotidiano. De alguma forma, é sobre esse olhar que se refere o poema de Manuel de Barros, intitulado “O fotografo”, e com o qual abrimos este capítulo. Nossa intenção é compartilhar com você leitor/a, o que as lentes de jovens, estudantes do ensino médio, captaram do território no qual se inserem: a comunidade do Morro do Carapina.

SITUANDO A MOSTRA DE FOTOGRAFIAS

A arte fotográfica estimula, entre outras coisas, a fruição, a reflexão crítica da realidade, aguça a criatividade e amplia a sensibilidade do olhar por aquilo que se pretende fotografar. Foi essa arte que provocou profissionais da E.E. Carlos Luz a promoverem entre os/as estudantes uma oficina de fotografia que contou com a participação de 35 estudantes do ensino médio.

Como decorrência dessa oficina foi desenvolvido o projeto “Festival de talentos”, que visava descobrir novos talentos, entre os/as estudantes e abrir espaço para que retratassem o território por meio da estética de modo autoral. O projeto foi desenvolvido na escola pelas professoras Márcia Carvalhaes e Liege Dornellas, partindo da compreensão de que um projeto fotográfico desenvolvido com estudantes é mais do que apenas “tirar boas fotos”. É a construção de um discurso de um autor, por meio do qual ele procura expressar ideias, pontos de vista, e as vivências em um dado território.

Os fotógrafos são os/as são os/as estudantes do ensino médio, e o trabalho foi desenvolvido no itinerário formativo “Tecnologia e informação” com os objetivos de: motivar o estudante a ter um olhar mais atento às imagens e consequentemente ao mundo que o cerca; possibilitar o desenvolvimento do olhar artístico do estudante, tendo a fotografia

⁴⁸ Informações extraídas do documento “Ação pedagógica – semana de talentos”, que apresenta a fundamentação do Projeto “Festival de talentos”, idealizado pelas professoras Márcia Carvalhaes e Liege Dornellas, da E.E. Carlos Luz (2023).

como suporte para essa expressão; conhecer os elementos que compõem a fotografia e as atribuições da função de um fotógrafo.

Esses objetivos se articulam em torno de uma ideia central: somente quem vive o território consegue captá-lo em suas diferentes nuances. Fotografar, nesse caso, é um movimento de atribuição de sentidos aos vividos nos territórios – é uma representação, um modo de dizer que se expressa pelo olhar de quem fotografa.

MOSTRA DE FOTOGRAFIA – 1ª E 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Para concluir, convidamos você a uma imersão nas fotografias dos/das estudantes atribuindo outros sentidos ao que as lentes desses/as fotógrafos captaram.



Foto 1 – Telhado da sala de balé
Autoria: Evellyn Oliveira da Silva (2023)



Foto 2 – Quadra de vôlei
Autoria: Estudante Nildson Durães de Souza (2023)



Foto 3 – Vôlei na escola
Autoria: Estudante Nildson Durães de Souza (2023)



Foto 4 – Bola

Autoria: Estudante Rafael Rodrigues da Silva (2023)



Foto 5 – Vista muro e sala de ginástica
Autoria: Estudante Brenda Moreira Felix (2023)



Foto 6 – Podcast

Autoria: Estudante Isabelly Moura da Silva (2023)



Foto 7 – Estúdio de gravações
Autoria: Estudante Nílson Durães de Souza (2023)



Foto 8 – Sala

Autoria: Estudante Nildson Durães de Souza (2023)

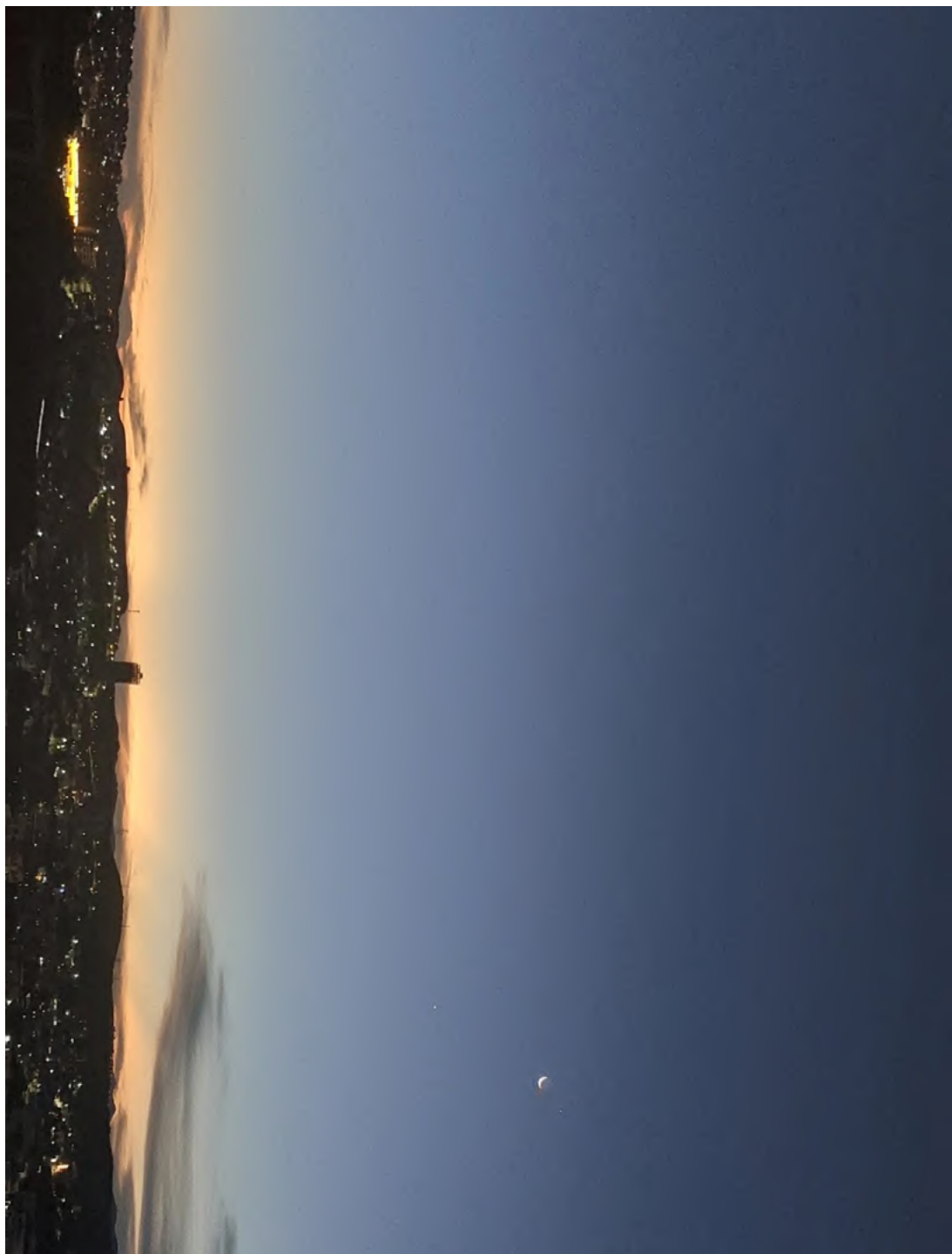


Foto 9 – Cidade, céu azul e lua
Autoria: Estudante Victor Gabriel Ferreira Costa (2023)



Foto 10 – Biblioteca

Autoria: Estudante Nildson Durães de Souza (2023)



Foto 11 – Céu cinza

Autoria: Estudante Victor Gabriel Ferreira Costa (2023)



Foto 12 – Torre à esquerda e Ibituruna à direita
Autoria: Estudante Nildson Durães de Souza (2023)

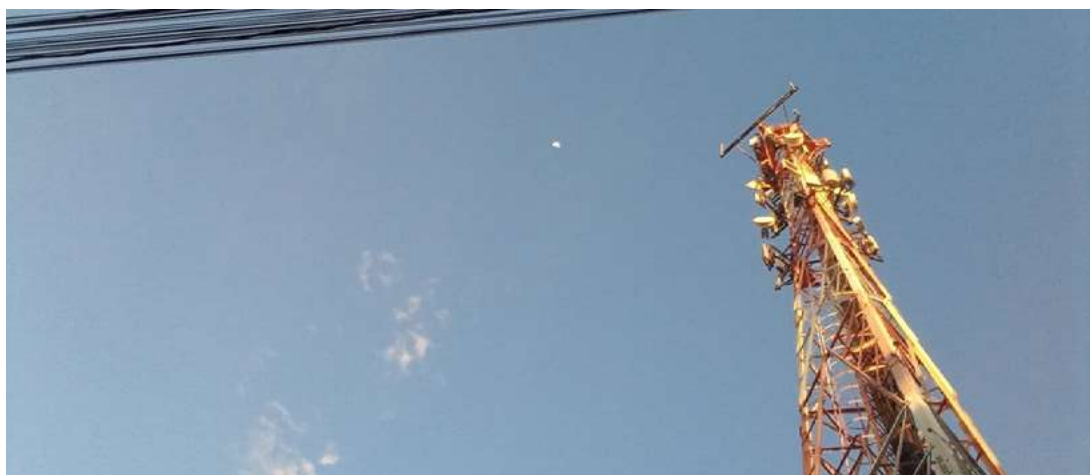


Foto 13 – Torre

Autoria: Estudante Ester Gabryele Ferreira da Silva (2023)

Apêndice

Parte treze

13

CARTÓGRAFOS E CARTOGRÁFAS DO 9º ANO NO BAIRRO CARAPINA

Olá,

Convidamos você a caminhar conosco por algumas ruas do Carapina. O convite é para caminharmos e observarmos algumas pistas para nos orientar no percurso que apresentamos a seguir. Você pode marcar a existência ou não dessas pistas e anotar, com o seu grupo, no espaço em branco, o que desejar. Caminharemos pela rua indicada durante cerca de uma hora e depois retornaremos à escola. Você pode combinar com o seu grupo e tirar fotos do que mais chamar a atenção de vocês.

Boa caminhada!

Pesquisa: Conversando com a cidade

Parceria: E.E. Carlos Luz Apoio: FAPEMIG

PISTA A - O BAIRRO E SUA HISTÓRIA

1. Você mora no bairro? Há quanto tempo? Conhece alguém que mora no bairro? Frequenta o bairro? Em que lugares costuma ir?
2. Vamos observar construções, antigas ou diferentes? É possível descrever o tipo de arquitetura e detalhes que chamem atenção? Vamos tentar descobrir a data de construção? Você conhece pessoas envolvidas na construção? É possível descobrir o motivo da construção?
3. Existem monumentos estátuas e esculturas? De que tipo? Vamos tentar descobrir a data de construção?
Você conhece pessoas envolvidas na construção? É possível descobrir o motivo da construção?
4. Vamos conhecer os nomes de ruas e praças e anotá-los? Será que houve mudança de nome? Podemos relacionar os nomes das ruas com história da cidade, estado, país? Existem nomes estrangeiros nesses lugares?
5. Você sabe de histórias antigas sobre pessoas, estabelecimentos, algumas “lendas urbanas”? Se for possível vamos conversar com moradores, donos de estabelecimento, familiares...

PISTA B - O BAIRRO E O MEIO AMBIENTE

1. Você sabe se falta água no bairro? Com qual frequência? A água demora para voltar?
2. Há cursos d'água ou nascente no bairro?
3. Vamos reparar se os cursos d'água, ou a rua, recebem água usada (suja que vem das casas, dos estabelecimentos).
4. Vamos reparar se há poças de água nas ruas. Há água suja acumulada em lotes vagos, por exemplo, em pneus?
5. Há lixeiras nas ruas? O lixo está nas lixeiras?
6. Há material a ser reciclado misturado com outros tipos de lixos?
7. Qual dia a prefeitura recolhe o lixo? O caminhão da coleta seletiva passa no bairro?
8. Você está achando a rua suja?
9. Você viu na sua caminhada pontos de coleta de vidro, de papel reciclado e outros parecidos?
10. Você sabe o que é sarjeta e boca de lobo? Elas estão limpas, ou estão entupidas?
11. Você vê barranco caindo, solo trincado?
12. Qual é o tipo de calçamento das ruas?
13. As praças são bem conservadas, o chão está trincado, seco?
14. Há áreas verdes? É possível ficar nessas áreas?
15. Tem árvores frutíferas? Elas são acessíveis?
16. Você sabe se as pessoas que moram nesta rua têm o hábito de se sentarem na calçada, na porta da rua?
17. Você encontrou animais durante a caminhada? Você sabe identificar que tipos de animais existem no bairro?

PISTA C – ARTE E CULTURA NO BAIRRO

1. Você observou se na rua há algum sinal de que tem artista morando nela?
2. A rua tem grafite nos muros, pichação?
3. Tem algum cartaz de propaganda convidando para eventos?
4. Você conhece pessoas que trabalham com arte no bairro?
5. Sabe de alguma festa realizada neste bairro?
6. Tem alguma feira de artesanato por aqui?
7. Tem alguma igreja por aqui? Vamos observá-la, o tipo de construção, qual a denominação religiosa, data da construção, placas e outros sinais de fé, como imagens, cruzeiros etc.
8. Vocês observaram outdoors na rua? Quais imagens estão neles? O que dizem? Tem texto escrito? Em que idioma?
9. É possível observar pessoas lendo jornais ou revistas? Em que locais elas estão?
10. É possível observar pessoas ouvindo música? Em que locais elas estão?
11. Tem informações em texto disponíveis nos postes ou muros? O que estes textos descrevem? Como eles são? Em que idioma estão escritos?
12. Você sabe em que trabalham as pessoas do bairro?

PISTA D – O BAIRRO E O ACESSO À COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA

1. Temos postes e conexões de fios neste local? Como são? Há diferença entre os locais?
2. As casas possuem antenas de TVs? Quais tipos de antenas?
3. É possível, ao caminhar, conferir se há sinal de internet durante o percurso? O sinal de internet se altera dependendo das localidades? Como podemos observar isso?
4. As pessoas que transitam pela rua estão usando celulares? Caso haja pessoas com o celular, como elas estão usando os seus aparelhos?
5. É possível observar pessoas fazendo uso de televisão e rádio em algum local? O que estão assistindo?
6. Você sabe se existem grupos de WhatsApp ou no Facebook dos moradores do bairro? Como é feita a comunicação entre os moradores?

PISTA E: EQUIPAMENTOS URBANOS

1. Vamos observar quais os meios de transporte circulam pela rua? Durante a caminhada percebemos a passagem de ônibus? Muitos? E o fluxo dos carros é pequeno, médio ou grande?
2. Sobre os ônibus, há pontos de ônibus na rua? Como eles são? Cobertos e tem lugar para sentar? Estão bem conservados?
3. Há pontos de ônibus nas proximidades da rua? Como são? Há pontos de táxi? Ou de vans? Há outros modos de transporte que circulam pela rua? Quais?
4. Vamos observar se na rua, ou em suas proximidades, há mercados, quitandas, hortifrutis, bancas ou feiras livres (alimentos frescos)? Observar se na rua, ou em suas proximidades, há açougues, padarias, farmácias, salão de beleza, academias, lotéricas ou caixas eletrônicos, oficinas, assistência técnica e reparação (eletroeletrônicos, eletrodomésticos, veículos, bicicletas etc.), lojas de material de construção. Comentar explicando quais desses itens e quantas unidades há de cada.
5. Observar se na rua, ou em suas proximidades, há comércio. Quais tipos de lojas?
6. Observar se na rua, ou em suas proximidades, há serviços como escola de inglês, consultórios médicos, dentistas, psicólogos, escritórios de contabilidade ou advocacia.
7. Observar se na rua, ou em suas proximidades, há equipamentos de lazer como cinemas, bares, danceterias, galerias de arte, casas de show (ou bares com música ao vivo), restaurantes...
8. Observar se na rua, ou em suas proximidades, há locais de encontro para jovens e adolescentes, como quadras, pistas de skate e outros.

PISTA F: ESCOLAS E OUTROS ESPAÇOS EDUCATIVOS DO BAIRRO

1. Temos alguma escola ou espaço educativo nesta rua? Vamos anotar o endereço?
2. Tem placa com o nome e a data de sua construção?
3. O que tem em volta do espaço?
4. Podemos descrever o aspecto da construção deste espaço?
5. Tem ponto de ônibus por perto?
6. Como é o trânsito perto da escola ou do espaço educativo? Tem placa indicativa ou quebra-molas?
7. Este espaço é acessível para cadeirantes?
8. Como é o muro do espaço observado? O que tem de pintura no muro?
9. Você observa sistema de segurança nesse espaço, como cerca elétrica, por exemplo?
10. Se for a uma escola, você conhece pessoas que estudam nela? Você a escolheria para estudar?
11. Você sabe de festas realizadas no espaço observado, ou se o espaço é usado pela comunidade?
12. Você frequenta este espaço? O que faz nele? O que aprende?
13. Você conhece alguma história, ou caso interessante que aconteceu na escola ou no espaço educativo?

PISTA G: O BAIRRO E A SAÚDE

1. Você identificou algum local de atendimento à saúde (postos de saúde, clínicas médicas, consultórios odontológicos, farmácias)?
2. Vamos anotar o endereço?
3. Esses espaços são para atendimento público ou particular (é preciso pagar pelo atendimento)?
4. Há cartazes informativos? Vamos fotografá-los?
5. Temos pessoas por perto esperando atendimento?
6. Você ou sua família utiliza desses locais de atendimento? Quais?
7. É possível observar a existência de jardins e/ ou hortas com plantas medicinais nas ruas ou nas casas?
8. Você conhece ou sabe de alguém que atende às pessoas benzendo doenças ou fazendo chás?
9. No aspecto geral de limpeza da rua, você observou alguma coisa que pode ser causa de adoecimento para as pessoas?

PISTA H – O BAIRRO E A ACESSIBILIDADE

1. Vamos conferir se existem rampas de acesso às calçadas ou aos comércios e demais lugares, para cadeirantes, pessoas com carrinhos de bebês, carrinhos de compras, etc.? Comentar se essas pessoas conseguiriam andar com facilidade na rua.
2. Vamos conferir se há buracos nas calçadas, calçamentos irregulares ou escorregadios, cheios de folhas ou flores caídas no chão. Comentar se pessoas idosas, com bengalas ou andadores, conseguiriam andar com facilidade na rua (calçada) ou mesmo alguém de salto alto?
3. Será que pessoas com dificuldades e/ou deficiência visual conseguiriam se movimentar na rua sem a ajuda de outra pessoa, sem cair em buracos, “trombar” em lixeiras ou postes, vasos de plantas ou árvores?
4. Temos semáforos nos cruzamentos das ruas? Se sim, verificar se há além da sinalização visual, a sonora, para atender pessoas cegas.
5. Temos faixas para pedestres nos cruzamentos? Qual a situação delas?
6. No caso dos equipamentos de lazer, das praças e locais de encontro, você acha que o acesso a esses é adequado a todos, incluindo, pessoas com deficiência visual, cadeirantes, pessoas com carrinhos de bebês e idosos?
7. Temos vagas de estacionamento reservadas para pessoas com deficiência e idosos. Comentar.

OUTRAS PISTAS: Você observou algo mais que deseja registrar?

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

Andrea Cecilia Moreno (org.)

Pedagoga e Mestra em Gestão Integrada do Território, com especialização em Docência do Ensino Superior e Educação Especial pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Atualmente atua como pedagoga da Diretoria de Educação a Distância da UNIVALE e como pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Educação Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE, envolvida em estudos e pesquisas sobre Relação com o Saber, educação, Juventude e Território.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5930648927482133>

Bernardo Gomes Barbosa Nogueira

Graduado em Direito pela Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete – FDCL. Mestre em Ciências Jurídico-Filosóficas pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Doutor em Teoria do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG. Professor do curso de Direito da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território – PPG-GIT/UNIVALE. Pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos – UNIVALE e líder do Grupo de Pesquisa/Cnpq: Gestão de Conflitos, Direitos e Humanidades.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8970715085414975>

Brenda Moreira Felix

Estudante do 2º ano do ensino médio integral da Escola Estadual Carlos Luz de Governador Valadares -MG.

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães

Arquiteta e urbanista, Mestra em Arquitetura e Urbanismo e Doutora em Ciências humanas: sociologia e política, com ênfase em planejamento urbano, sendo os três títulos concedidos pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora do Instituto Federal de Minas Gerais campus Governador Valadares, suas pesquisas giram em torno da construção (desenho e representação incluídos) do espaço e do território e a sua interface com outras questões como direito à cidade, patrimônio cultural, democracia social entre outros. Membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE – acordo de cooperação realizado entre IFMG-GV e UNIVALE.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8570630303189067>

Cristiane Mendes Netto

Bacharel em Informática pela Universidade Federal de Juiz de Fora –UFJF, Mestra em Ciência da Computação e Doutora em Gestão e Organização do Conhecimento pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Especializada em Educação a Distância pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Rio de Janeiro – SENAC/RJ; em Design Instrucional para EaD Virtual pela Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI. Atua como professora no ensino superior desde o ano de 2001 e atualmente é professora, com atuação nos cursos de graduação e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território – UNIVALE.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7530542569873879>

Edmara Carvalho Novaes

Mestra em Gestão Integrada do Território, Licenciada em Ciências e Matemática pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE e em Letras - Língua Inglesa e suas literaturas pela Universidade Federal de Lavras – UFLA. Servidora pública de carreira na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Atualmente professora de Matemática e coordenadora da área de Ciências Exatas, no Ensino Médio-Tempo Integral, na Escola Estadual Carlos Luz, em Governador Valadares - MG. Professora, com atuação no Apoio em Tecnologia Assistiva, Comunicação Alternativa, Tradução e Interpretação em Libras no Espaço A3 na UNIVALE. Pesquisadora colaboradora dos Grupos de Pesquisa: Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos - NIESD// UNIVALE.; Grupo de Estudos sobre Numeramento – GEN/UFMG e Grupo de Etnomatemática GETUFF/UFE.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9516828643929064>

Elisângela Rodrigues Gomes

Graduada em Normal Superior pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Bacharel em Biblioteconomia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Especialista em Gestão Escolar Integrada: Administração, Inspeção, Orientação e Supervisão pela Faculdade Brasileira – FABRAS. Atua na Educação Básica há 18 anos, sendo 6 anos na Escola Estadual Carlos Luz.

Eloisa Maria Ferreira de Almeida

Pedagoga e Mestra em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE. Professora Alfabetizadora e Pedagoga Escolar da Rede Municipal de Governador Valadares, com formação e orientação de professores.

Experiência na área de Educação, com ênfase em Alfabetização e Letramento. Trabalho direcionado à Educação de Jovens e Adultos. Bolsista do Laboratório Cidadão de Ecologia do Adoecimento e Saúde dos Territórios – LEAS, em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, na pesquisa de Ciência cidadã com estudantes de Iniciação Científica da UNIVALE. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos - NIESD// UNIVALE.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2195628622924644>

Emeline Leticia Libório Rios

Licenciada em Ciências Biológicas. Bacharel em Enfermagem. Pós-graduada em Biologia molecular. Professora concursada a 9 anos no estado de Minas Gerais.

Fabiana Andrade Cunha

Vice-diretora da Escola Estadual Carlos Luz. Graduada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa – UFV. Pós-graduada em Artes pela Faculdade de Educação Paulistana – FAEP. Professora efetiva de Arte da Rede Estadual de Minas Gerais.

Franthescka Canuto Neves

Estudante do 2º ano do ensino médio integral da Escola Estadual Carlos Luz de Governador Valadares -MG.

Karla Nascimento de Almeida (org.)

Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo e Mestra em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Pedagoga pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Atualmente é professora do curso de Pedagogia da

UNIVALE, pedagoga do Setor de Gestão Pedagógica e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5508751851169003>

Leonardo Oliveira Leão e Silva

Graduado em Enfermagem, especialista em Saúde Coletiva, com Ênfase em Atenção Básica e especialista em Saúde Mental. Mestre em Gestão Integrada do Território e Doutor em Saúde Coletiva. Professor Adjunto do curso de Medicina e Mestrado Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce. Integrante do Grupo de Pesquisa Saúde, Indivíduo e Sociedade - SAIS. Possui experiência em pesquisa na área de Enfermagem, com ênfase em Saúde Coletiva, atuando principalmente nos seguintes temas: Saúde Mental, Hipertensão Arterial Sistêmica, Adesão ao tratamento, Representações Sociais e Causas múltiplas de morte.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3023503558989244>

Liege Coutinho Goulart Dornellas

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora –UFJF. Pedagoga pela Universidade de Uberaba – UNIUBE. Atua como docente no Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC – de Governador Valadares. Professora efetiva de Educação Física da Rede Estadual de Minas Gerais, SER/ Governador Valadares, lotada na Escola Estadual Carlos Luz.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1556776085970712>

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza (org.)

Pedagoga e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território – UNIVALE. Pesquisadora vinculada aos Grupos de Pesquisa: Grupo de Pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos – UNIVALE; Grupo de Estudos sobre Numeramento – UFMG; Pesquisadora vinculada à Rede de Pesquisas sobre Relação com o Saber - REPERES. Coordenadora da pesquisa: “Conversando com a cidade: cartografia de territórios educativos em 03 bairros de Governador Valadares”.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2703384157059932>

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Graduada em Ciências Sociais. Mestre e Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora Assistente da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Atuante no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Gestão Integrada do Território – UNIVALE, e Curso de Pedagogia. Tem experiência na área de educação, ênfase em prática do ensino de História. Atua em projetos de pesquisa sobre história local e regional, e história da saúde pública. Atuou no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Atua na Organização Não Governamental – ONG – Centro Agroecológico Tamanduá – CAT, em Governador Valadares, da qual é socia fundadora.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3726945999922150>

Márcia Carvalhaes

Professora efetiva da rede estadual, lotada na Escola Estadual Cecília Meireles, pós-graduada em microbiologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas – de Belo Horizonte.

Miguel Dias Maciel

Graduado em História e Direito pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE e em Pedagogia pela Universidade de Uberaba – UNIUBE. Diretor da Escola Estadual Carlos Luz de Governador Valadares –MG e Professor efetivo de História da Rede Estadual de Minas Gerais.

Renata Bernardes Faria Campos

Licenciada e bacharel em Biologia, Mestre e Doutora em Entomologia pela Universidade Federal de Viçosa – UFV. Tem experiência em docência e pesquisa na área de Ecologia (com ênfase em Ecologia de Comunidades em Matas Ciliares) e Educação (Formação de Professores, Educação Ambiental e Ensino de Ciências). Foi bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado institucional – PNPDI no programa de Pós-Graduação em Ecologia de Biomas Tropicais da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território e pesquisadora no Núcleo de Ciências e Tecnologia da Universidade do Vale do Rio Doce – UNIVALE e está envolvida com projetos ligados à ecologia, ambiente, conflitos socioambientais, natureza e território.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5599178303238933>

Suely Maria Rodrigues

Professora adjunta do curso de Odontologia e do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE; Cirurgiã-dentista, doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7655838157312171>

Thiago Martins Santos

Licenciado em Ciências Biológicas e Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, licenciado em Pedagogia pela Universidade de Uberaba –UFU. Atualmente doutorando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Foi professor da Educação Básica, nas redes pública e privada, e atuou como coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID –Pedagogia/Educação Ambiental da UNIVALE. Atualmente é professor auxiliar da UNIVALE e professor colaborador voluntário do Mestrado Profissional em Ensino de Biologia da UFJF – Campus Governador Valadares. Desenvolve trabalhos de ensino, pesquisa e extensão nas seguintes áreas: educação ambiental, educação em ciências e estudos territoriais.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1907699147565032>

Valdicélio Martins dos Santos

Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Pedagogo e Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Licenciado em Artes Visuais pelo Centro Universitário CLARETIANO. Pós-graduado em Arte-Educação, especialista em

Arte Visuais pela UFMG e em Artes pela Faculdade de Ciências Gerenciais – FACIG. Atualmente é professor no curso de Pedagogia e no curso de Extensão Teatro Universitário e Anjos da Alegria da UNIVALE. Leciona no Colégio Franciscano Imaculada Conceição com a disciplina de Arte para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio. Tem experiência na área da Educação Infantil, ensino fundamental e médio e projetos sociais com ênfase em arte-educação.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4858966150633550>

Wildma Mesquita Silva

Administradora, Pedagoga. Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa do Núcleo Interdisciplinar Educação Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE. Atua como pedagoga da Diretoria de Educação a Distância e como professora e coordenadora do Curso de Pedagogia da UNIVALE. Os estudos concentram-se no âmbito da Educação; Ensino Superior; Relação com o saber; Aprendizagem significativa e Metodologias Ativas e Criativas.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9153757788307060>

Yan Domingues Silva

Aluno do curso de Medicina da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Ligante na Liga de Doenças Infectoparasitárias da cidade de Governador Valadares e na Federação Internacional de Estudantes de Medicina, nos comitês de Educação Médica e Direitos Humanos e Paz.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3053079820358441>

AGRADECIMENTOS

Aos/às estudantes da Escola Estadual Carlos Luz que se aventuraram conosco, nossa gratidão pela abertura e parceria.

À equipe de profissionais da Escola Estadual Carlos Luz pela acolhida, apoio e engajamento no processo de pesquisa.

À Secretaria de Estado da Educação pelo fomento por meio dos projetos do Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI).

PARCERIA

E. E. Carlos Luz, Superintendência Regional de Ensino/Governador Valadares

Laboratório de Didática: Curso de Pedagogia/Univale

Núcleo de Educação a Distância (NEaD)/Univale

APOIO



INSTITUTO FEDERAL
Minas Gerais
Campus Governador Valadares

Cartografar territórios vividos e educativos na comunidade do Morro do Carapina reuniu estudantes da Escola Estadual Carlos Luz, profissionais da escola e pesquisadores/as da Univale com distintas áreas de formação, o que provocou uma multiplicidade de olhares, saberes, práticas que contemplam as diferentes maneiras e possibilidades de produzir narrativas sobre um bairro, por meio de cartografias. Cartografamos arte e cultura, acessibilidade, ambiente, escola, espaços educativos, história, tecnologias digitais e saúde na convicção de que a cartografia é potencializadora da construção de elos entre a escola e o bairro, a escola e a cidade em um movimento dialógico.